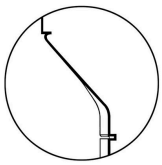
Arquitetura e agenciamento: a construção de um projeto cívico



FAUP

Dissertação de Mestrado em Arquitetura
Michael Mário dos Santos Oliveira
Orientação do Professor Gonçalo Furtado
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

2011-2012

Agradecimentos

Um sentido agradecimento ao professor Gonçalo Furtado, a professora Margaret Crawford, aos meus Pais e a todos aqueles que contribuiram para a realização deste trabalho de investigação.

Obrigado.

Índice

Índice p.IV
Índice de figuras p.VI
Resumo p.X
Abstract p.XI
Introdução XII

Capítulo I - Antevendo a construção de um Projeto Cívico p.15

Capítulo II – Sobre Agenciamento p.33
2.1 Agenciamento p.34
2.2 Agenciamento e Ação p. 35
2.3 Agenciamento e Teoria da Estruturação p. 38
2.4 Agente e Poder p. 40

Capítulo III - As Ações do Agenciamento p.42
3.1 Agenciamento Reflexivo p.43
3.2 Agenciamento Comunicativo p. 47
3.3 Agenciamento Político p.49

Capítulo IV- Por detrás do projeto: Arquitetura não solicitada p.56

Capítulo V- Agenciamento da Cidade e do território p. 84

Bibliografia VI - p. CLX

Índice de figuras

Capítulo I – Antevendo a construção de um Projeto Cívico

Figura 1 - "Linha do Tempo: Discursos", Produção própria sobre fontes múltiplas, p.16

Figura 2 - "The Parallax View" (capa do livro) in Žižek, Slavoj; parallax view, The MIT Press Cambridge, Massachusetts, 2006, p.22

Figura 3 – "The Future will not be Capitalist" por Sasha Pirker, Leitura Segunda 03.12.2012, Lecture Series: Parallax Views on Architecture" in http://ika.akbild.ac.at/events/public_activities/winter_2012/Lecture%20Series%2011, p.27

Figura 4 - "A transitory complex abstraction, in: "5th meeting of young researchers of university of oporto: Book of Abtsract, Porto: RUP, 2012, p.223. Desenho produção própria, p.28

Figura 5 - Demonstração em Paris, 30 de Maio 1968. Guy Debord co-foundador dos Situationistas International, in guardian.co.uk, p.31

Figura 6 - Antonio Negri (na frente, à direita) nas ruas pelo Poder Operário, in okupa.concatena, p.31

Capítulo III - As Ações do Agenciamento

Figura 7 - "Action painting", Jackson Pollock, in http //www.google.com/imgres?q=jackson+Pollock, p.44

Figura 8 - "Augmented Hyper Reality: Domestic Robocop", por Keiichi Matsuda (Bartlett School of Architecture) – UK, 2010 in http://www.keiichimatsuda.com/, p.52

Figura 9 - "Immersion " por Banjamin Edwards, 2004, Acrílico e textura media sobre canvas, in http://www.benjaminedwards.net/Studio/immersion%20directory.htm, p.52

Figura 10 - "La Fracture Numérique"; Valérie de la chapelle et Marina Wainer, in http://www.ophelie.net/index.php/General/2009/08, p.91

Figura 11 - Ophélie dans une épaisseur d'illusion-installation de Valérie de la chapelle et Marina Wainer in op.cit, p.91

Capítulo IV- Por detrás do projeto: Arquitetura não solicitada

Figura 12 - "99 Cents" por Andreas Gursky. 1999. Chromogenic color print, Marks Gallery, New York, e Monika Sprüth Galerie, Cologne, 2001 Andreas Gursky, in http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2001/gursky/, p.58

Figura 13 - "Très Biblioteques de France", OMA in http://oma.eu/, p.58

Figura 14 - "Unemployee of the year" in http://unhate.benetton.com/unemployee-of-the-year/community/wall, p.60

Figura 15 -"Beyond the Office ", Rem Kollhass, in Volume vol. 1, p.61

Figura 16 - "Parthenon acropolis" in www.yourpictureframes.com, p.63

Figura 17 - "Y€$" in http://oma.eu/, p.63

Figura 18 - "O arquitecto como animal político comum". Produção própria sobre fontes várias, p.110

Figura 19 - Arquitecto: "Entrepreneur Action man: o Agente Arquitecto, (produção própria sobre fontes várias, p.72

Figura 20 - "Unsolicited Architecture", Alicia Framis January 16, 2008 #14- UNSOLICITED, in http-//www.volumeproject.org, p.74

Figura 21 - "Arquitectura sin Encargo, Unsolicited Architecture, arkinet in http://en.nai.nl/platform/studio/item/_pid/kolom2-1/_rp_kolom2-1_elementId/1_1287557, p.74

Figura 22 - "OMA: politics, Culture, business, Media", in http://oma.eu/, p.75

Figura 23 - "OMA-AMO" in http://oma.eu/, p.75

Figura 24 - "AMO Research", produção própria sobre fontes múltiplas, p.76

Figura 25 - "Universal Modernization Pattent", Maison Bordeaux, in Koolhass, Rem, Patent Office; Content, OMA-AMO, Tashen, Cologne, 2004, p.78

Figura 26 - "Clips of Seattle Library: Interview with Homeless Man and Shots of Structure", Videoclip da Seattle Library: intervista com um sem-teto Thomas Koolhaas. — vimeo.com in http://archinect.com/news/gallery/52829472/0/seattle-library-homeless-man-interview-clips#, p.80

Figura 27 - "Post-occupancy", Seattle Library. Domus D´autorre. edições Domus, By AMO/Koolhaas , 2007, p.81

Figura 28 - "Seattle Library" Rem Kollhass, in Figura 29 OMA in http://oma.eu/, p.83

Figura 29 - "Diagram Seattle Library" OMA, in http://oma.eu/, p.83

Capítulo V- Agenciamento da Cidade e do Território

Figura 30 - "Atopia", (After Sculpture II, Kirsten Justesen, 1969) Carey Young, p.85

Figura 31 - "2012" Uma aventura épica sobre um cataclismo global que traz o fim do mundo e conta a heróica luta dos sobreviventes. Hollywood Filme de Acção, Aventura e Drama, 13 November 2009 (USA) in *http://www.columbiatristar.co.uk/*, p.88

Figura 32 - "Next Nature", Koert van Mensvoort in volume afterzero N18, p.89

Figura 33 - "Next Nature", Koert van Mensvoort in volume afterzero N18 p.90

Figura 34 - Museu das Catástrofes, Paul Virilio in canadianenergyissues.com, p.92

Figura 35 - "Aesthetics of Catastrophe: hurricane katrine, Arie Mayer in volume 18, Afterzero, Archis, Rotedão, p.92

Figura 36 - "Politics of the Common" Postado por n3wday, August 2, 2009 in http://kasamaproject.org/2009/08/02/hardt-politics-of-thecommon/, p. 94

Figura 37 - "Occupy-Wall-Street-Movement Occupy" protestos em Wall Street em marcha na Fifth

Avenue em direcção ao Union Square durante o dia de Maio em New York City. Fotografia: Monika Graff Getty in http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/o/occupy_wall_street/index.html, p.95

Figura 38 - "Lagos: Wide and Close", 2005, dir. Bregtje van der Haak, 120 in the-rioblog.blogspot.com, p.95

Figura 39 - "Prix-Pictet", Andreas Gursky in http://www.irmabianchi.it/downloads/Prix_Pictet/Gursky.jpg, p.97

Figura 40 - "Coca-cola Zero" in http://www.coca-cola.com/en/index.html, p.98

Figura 41 - "Competition", 170x300cm, 2004 by Wang Qingsong In http://www.wangqingsong.com, p.100

Figura 42 - "The Post Capitalist City Cloud", Clare Butcher e Joost Janmaat in Volume 18, Afterzero, Archis, Roterdão, p.102

Figura 43 - "smooth-striated spaces" in christianhubert.com, p.106

Figura 44 - "Messier 78: Orion in http://www.eso.org/public/portugal/images/eso1105b/, p.107

Figura 45 - "legitimização reconsiderada" in Critical Architecture, Jane Rendell et al, p.108

Figura 46 - "The Game of War" "Many years ago I was having a conversation with Guy (Debord) which I believed to be about political philosophy, until at some point Guy interrupted me and said: 'Look, I am not a philosopher, I am a strategist', in Giorgio Agamben in Metropolis, p.109

Figura 47 - "Alice Becker-Ho e Guy Debord jogando the Game of War", 1977, in The Situationist and the City: A Reader ed. Por Tom McDonought, p.109

Resumo

Esta dissertação investiga sobre a identidade do mundo ideológico contemporâneo e discute, interdisciplinarmente, a relação entre políticas sócio-culturais, profissão e disciplina da arquitetura. Numa nova escrita política, começa por apontar um contexto exterior à prática, envolvendo a natureza de organizações sociais face à historiografia da modernidade (capitalista), passando à análise do agenciamento em si como forma de ação e sua relação epistemológica e sociológica. Num segundo momento, o agenciamento atenta à disciplina e profissão da arquitetura, na produção metodológica alternativa não solicitada. Esta prática projetual não diz respeito à arquitetura ou aos arquitetos, mas ao projeto arquitetónico. Por último, a investigação reflete sobre os mapas espaciais da gestão pós-política e a emergência constante de clarear os focos geopolíticos urbanos e as suas inerentes contradições na vida real, como impasses, traumas e vulnerabilidades da sociedade. O agenciamento da Cidade procura, voluntariamente, participar na defesa de causas perdidas e assim enunciar novas possibilidades para a arquitetura. Em suma, a pesquisa centra-se em "projetos agenciados", no indagar de "práticas espaciais" sobre a Cidade e território, prevendo a construção de um "projeto cívico".

Palavra-chave: Agenciamento, Ideologia, Comunicação, Política, Território.

Abstract

This Dissertation investigate the identity of the contemporary ideological world and discusses the interdisciplinary relationship between socio-cultural politics, profession and discipline of architecture. In a new stated policy, it begins by pointing out a context outside the discipline encompassing the nature of social organizations facing the historiography of modernity (capitalism), throughout the analysis of agency itself as a form of action and its epistemological, sociological relationship. Secondly, the agency attempts to the discipline and profession of architecture, in the production of an alternative unsolicited methodology. This projective practice is not for architecture or architects, but serves the architectural project. Finally the research meditates on the mapping spaces of post-political management and the insurgence to clarify the geopolitical urban agenda and its inerent contradictions in real life as deadlocks, traumas and vulnerabilities of society. The agency of the city aims to participating voluntarily in the defense of lost causes and enunciate new possibilities for architecture. In short the research focuses on “agency projects” in questioning about “spatial practices” on the territorial city, envisioning the construction of a “civic projects”.

Key words: Agency, Ideology, Communication, Politics, Territory.

Introdução

Constata-se que, na teoria contemporânea, o agenciamento surge como novo ator histórico. Da modernidade à pós-modernidade, a temporalidade ficou, progressivamente, reduzida a um indelével presente, presente pautado por desejos de um "começo outro". Legitimam-se alternativas não mais assentes na representação utópica do futuro, mas antes naquilo que Derrida denominou por "*l'avenir"*, o que está "por vir", nunca totalmente restrito ao atual. Podemos dizer que a condição contemporânea coincide com a partilha de hipóteses para novos modos de organização e operatividade. A razão do agenciamento hoje advém pois da insatisfação imanente na contemporaneidade. Se a modernidade e a pós-modernidade alegaram, respetivamente, a liberdade de pensamento e expressão, a atual altermodernidade (Hardt e Negri referem a possibilidade de múltiplas alternativas á ideia clássica de modenidade) reivindica a liberdade de ação.
Concordemos que a concepção de um agenciamento é geralmente complexa. Desde logo, o termo agenciamento expressa a habilidade de agir de uma entidade ou pessoa no mundo. Tal presume que um agente é capaz de despoletar, no quotidiano, poderes casuais, incluindo as influências desencadeadas por outros. Assim, a designação de agenciamento não se relaciona apenas com a descrição de atores, ou intencionalidade de indivíduos em fazerem algo, mas antes na capacidade de concretização e poder. Deste modo, um agente vem definido como quem exerce o poder de produzir um efeito. Consistindo agenciamento, por seu lado, na forma com que o indivíduo ou agente providencia ou projeta, dando forma à sua acção. Portanto, a ação, por parte do agente, pressupõe o conhecimento do referido poder, de forma a agir de modo diferente e consequente impacto social.

No entanto, a Arquitetura encontra-se desertada da realidade. Assim entenda-se Arquitetura como prática projetual destinada ao agenciamento, recentrando o papel da teoria, comunicação e política, enquanto ato cívico voluntário, operando para a instituição e colectividade. Um conhecimento enciclopédico é hoje impossível, precisamos de estratégia e pragmática no intuito de mapear formas mais diretas de democracia, formas que escapem ou desativem as forças do mercado. Sempre haverá na arquitetura um pressuposto construtivo, enquanto constelação de processos imaginativos regidos pela razão intuitiva, patente no espaço pessoal do homem. Hoje, mais do que nunca, é importante construir mundos alternativos. Das estruturas, o

agenciamento dispersado na incerteza protagonisa a apoteose do projeto agenciado. A verdade é que o centramento da disciplina e profissão no desejo de encontrar novas aberturas revela-se fundamental. Assim, agenciamento como atividade profissional de arquitetura, associada à intituição como às Humanidades, Ciências, Letras e a outras formas de inteligibilidade, requer o entendimento operativo da historiografia e pondera sobre as ideologias da nossa modernidade. É assim desenvolvida a noção de agenciamento numa aproximação ao pré-estudo de projeto como forma de investigação urbana, cultural e social. Da gestão à formação de uma agenda arquitectónica é explorado um possível enquadramento legal do projeto e espaço não-solicitado. A questão avalia a autoridade e autoria de tal "contrato" social, cultural e económico. A construção de uma agenda não solicitada desenvolve meios, modos, e veículos de intervenção projetual. Tal agenciamento interventivo contribuí para o entendimento das necessidades, possibilidades e capacidades para a ação como modo de reforçar o pensamento arquitetónico. Potenciar uma cultura de intervenção para valores externos, onde a inserção edificada de qualquer obra de aquitetura é dada como ato político. A voluntariedade expressa hoje o que de mais a arquitectura tem para "oferecer". O "presentear" do ato, seja social ou político, é, em si, uma oportunidade para o arquiteto no ativar de um "devir menor" focado em micro intervenções. Assim, o advertir a crítica e produtores de discurso para a emergência da passagem para agenciamentos disciplinares ou profissionais, como da de tomada de decisões críticas para lidar com conflitos, reúne a consciência de que temos de focar matérias de interesses mais do que diferenciar matérias de facto, coisas mais que objetos. A passagem do objeto para o sujeito tem aqui uma importância fundamental na alimentação do discurso agenciado. O agenciamento pscianalítico possibilita a construção de uma distância, uma desconstrução ou dita interpretação da mediação sujeito-objeto. A balança, no que refere à passagem a formas de agenciamento, tende para uma aproximação das valências do sujeito, tendo em si o ativar da ação humama pessoal para em si construir mundos alternativos senão o da instituição que, por norma, prevalece sobre o indivíduo. Precisamos de agenciamento pessoal para antever espaços fora da instiuição e das regras estruturantes universais. Assim, o conhecimento do agenciamento possibilita ao arquiteto agir de forma diferente. Tal poder agenciado explora possibilidades de potenciar os valores da arquitetura, devido à insatisfação gerada na sociedade. A ideia de arquitetura tende a ser anónima e forma parte da coletividade voluntária. O indagar sobre o propósito face à encomenda

equacionando metodologicamente a pré-solicitação agenciada de projetos. Comporta no seu conteúdo uma resposta a precariedade da profissão e e emergente do território atópico da informação.

Deste modo, relações entre política e arquitetura agenciada passa por entender formas de empoderamento do ato cívico. A construção de tal projeto alternativo procura estabelecer de novo alianças entre o povo, elite cultural e poder político. Aparentemente, a sociedade defende o exercício da cidadania acionada pela intervenção cívica como consciência coletiva e individual, onde a participação designa a construção e vocação da Cidade, no transmitir dos valores da própria democracia, entendida aqui como exigência que devemos a nós próprios, enquanto cidadãos e no transmitir de uma nova ideia urbana cívica. No fundo, trata-se de uma abordagem arquitetónica ou urbana dirigida pela superação política do consenso e resistência, auferindo em favor de práticas agenciadas. A construção do projeto cívico remete para um novo tempo experiencial e reflete sobre a capacidade da arquitetura em criar espaços e relacionamentos, transportados para o campo da ação, expressos na busca da construção de um projeto cívico.

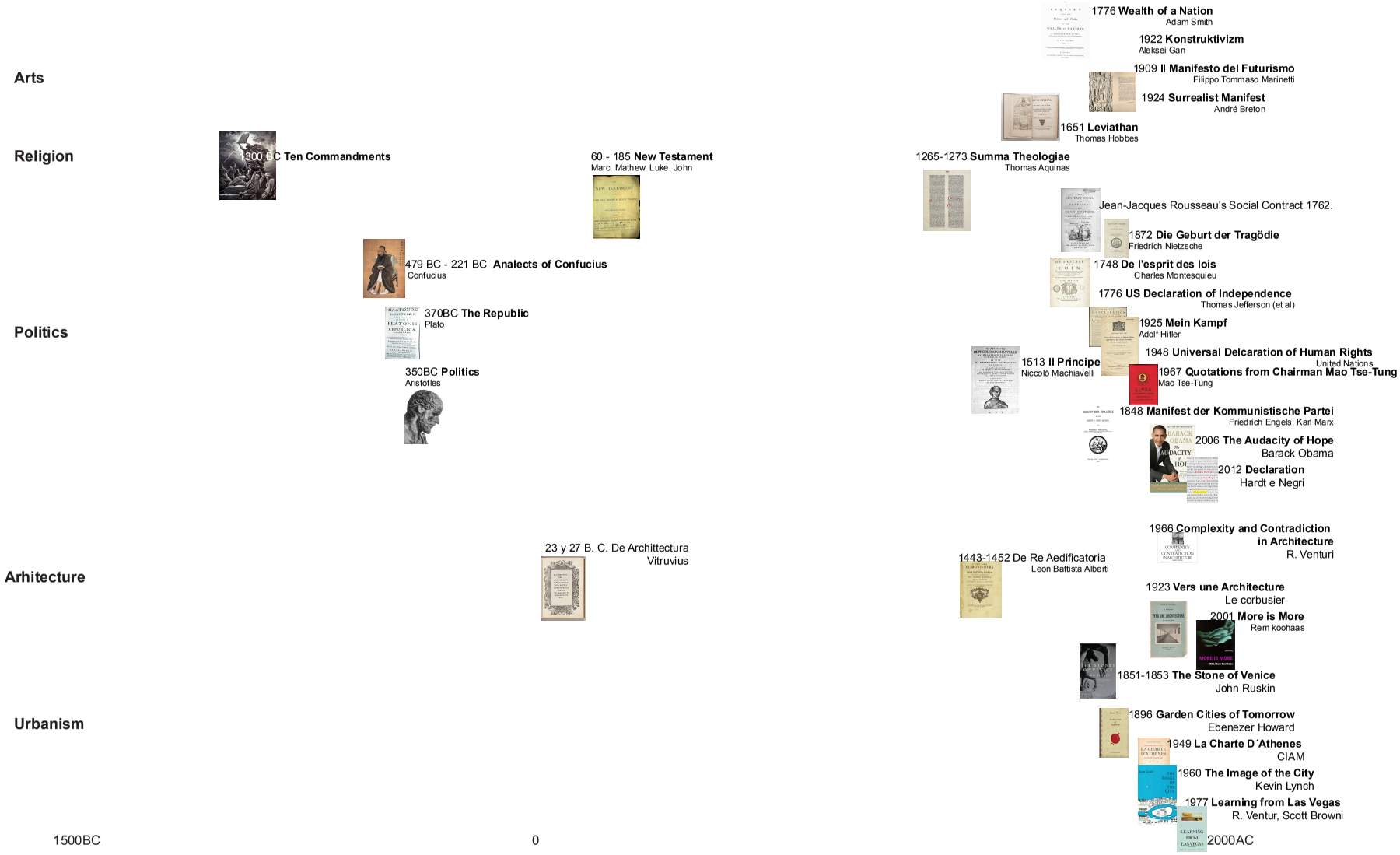
Capítulo I - Antevendo a Construção de um Projeto Cívico

Arquitetura é por definição "Construção", e compartilha a raiz etimológica com a ideia de "organização do espaço". Desde o primitivo *envelope,* a arquitetura evoluiu como arte de colocar as coisas em conjunto, "pedra sobre pedra", até se tornar um conceito canónico com base na estabilidade, beleza e utilidade (Vitrúvio). Assim, um projeto cívico procura a origem antropológica da arquitetura, a natureza da construção de um "lugar", espaço de sociabilidade, comunicabilidade e culturalidade: "o objetivo original da arquitetura é, portanto, o da construção do espaço socializado, apropriado pelo homem. É a produção concreta, efetiva, prática do espaço da cultura e da norma no interior da natureza, espaço em redor do qual a natureza se encontra, então, disposta e ordenada pelo homem como mundo"[1]. A arquitetura tem nos seus pressupostos uma intensa relação com a sociedade. A sua relação de complementaridade com a sociedade é definida na antropologia como meio de subsistência; na filosofia, como criação de conceitos, na política, como forma de estrutura e poder, na sociologia, como forma de comunicação e interação, e na religião como ideologia. Na sua relação com a sociedade, a arquitetura "manifesta uma vocação social, em discurso paralelo sobre a sociedade, discurso que, não definindo o social, lhe confere meios de inteligibilidade."[2]

Mas, então, porquê que a arquitetura permanece relacionada com a sociedade, a política e a comunidade? Questões de organização social são naturalmente tão velhas quanto a própria humanidade. Diversas comunidades desenvolveram meios e discursos de forma a cooperar e viver harmoniosamente juntos. (fig.1)

1 Freitag, M., *Arquitectura e Sociedade*, Dom Quixote, Lisboa, 2004, p.17.
2 Almeida, P., *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura,* livros Horizontes, Lisboa, 2008, p.5.

Figura 1 "Linha do Tempo: Discursos", Produção própria sobre fontes múltiplas



Uma abordagem histórica sobre questões da sociedade (civil), pode ser encontrada numa edição de textos intitulada *Society, Critical Concepts in Sociology*[3], elaborada por Nico Stehr e Reiner Grundman, no qual, referem um conjunto de autores e textos com referência à teoria social, autoridade, política e poder, que remontam aos antigos escritos filosóficos Gregos, até a modernidade através dos pensadores do *Iluminismo.* No século XX surge a crítica ao Capitalismo Económico feita por Karl Marx em *Das Kapital*, associada à ideia de "sociedade e classes". Consequentemente, a filosofia de Marx tivera um profundo impacto sobre a sociedade. Como refere Kavanaugh no seu ensaio *Collectivity, or, why we just all get along?*, a ditadura revolucionária do proletariado não se desenvolveu como Marx previu, enunciando "um mero estágio por um socialismo, por um meio de produção sendo realizado em comum, trabalha cooperativamente como uma coletividade."[4]

Vivemos hoje numa sociedade global, e novas formas de comunidade estão emergindo na sociedade contemporânea. Antonio Negri e Michael Hardt desenvolveram o conceito de "Império" (Empire) descrevendo a passagem do esta-nação para o Império da global. O conceito refere-se a uma mudança de paradigma, onde as forças económicas e políticas levantam preocupações. Como tal, o poder não se tornou qualquer barreira política, mas uma nova estrutura sem limites fixos. Como referem, "o Império está emergindo hoje para o meio que suporta a globalização das redes produtivas e lança sua rede amplamente inclusiva para tentar envelopar todas as relações de poder dentro da sua ordem mundial"[5] A possibilidade para a sociedade civil depara-se então, na abertura a "um novo cenário de diferentes atos racionais - o horizonte de atividades, resistências, vontades e desejos que recusam a ordem hegemônica, propondo linhas de fuga, e forjando itinerários constitutivos alternativos."[6] Em contraste com estratégias de defesa ou crítica económico-políticas, Negri e Hardt pretendem a criação de novas instituições cívicas dentro de uma lógica mais abrangente. Slavoj Žižek numa ensaio sobre Hardt e Negrir refere queo foco sobre o paradigma filosófico esta na ideia de "democracia" como denominador comum: "a moeda comum que percorre tantas lutas e movimentos de libertação em

---

3 Society: Critical Concepts in Sociology, ed. Stehr, N., Grundman, R., Routledge, 2009, University of California Library, Berkeley, 2009.

4 - Marx, K., in Kavanaugh, L.*, Collectivity, or, why we just all get along?*, Volume 21, Archis, Roterdão, 2009, p.151. Marxismo: sociedade como estrutura de relações entre a base económica e a super-estrutura política e ideológica.

5 Hardt, M., Negri, A., *Empire*, Cambridge MA: Harvard University Press, Cambridge, 2000, p.20.

6 Ibid.

todo o mundo hoje - a nível local, regional e global - é o desejo de democracia"[7] Longe de um sonho utópico, a democracia é "a única resposta para as perguntas inquietantes do nosso dia, / ... / o único caminho para fora do nosso estado perpétuo de conflito e guerra"[8] Não apenas a forma de democracia inscrita nos antagonismos presentes na ideia imanente da sua resolução, mas, hoje mais do que nunca, o colocar a "multidão" (multitude) no centro do capitalismo "torna a democracia possível pela primeira vez"[9] Até agora, a democracia foi constrangida pela forma única do poder estatal soberano (democracia absoluta), "a regra de todos por todos, uma democracia sem qualificação, sem se ou mas"[10] Assim, a democracia só se tornará possível quando a multidão finalmente for capaz de se "governar a si mesma."[11] A tarefa política enuncia Negri: "não é simplesmente resistir a esses processos, mas de reorganizar e redirecioná-los para novos fins.

De acordo como esta nova ideia alternativa, a atitude voluntária comum da coletividade permanece em si, como uma singularidade na multidão. O agenciamento humano traz consigo o antídoto para a passividade da sociedade civil. Este transforma a humanidade em em si através de uma multidão capaz de democraticamente, "participar activamente no governo e decidir assuntos que lhes dizem respeito."[12] Uma reconsideração da definição política Aristotélica, patente na afirmação do homem como um "animal político" tem que ser feita. Como afirma Bruno Latour, "eles não consideraram as muitas maneiras dissimilares de assemblar. As nossas preferidas formas da atividade política - representando, argumentando, contrariando, sendo cidadãos - poderá não oferecer tal terreno comum (common ground)"[13] O agenciamento do "eu" em si tem de se tornar um *habitus*[14] (hábito) comum das ingovernáveis "minorias ativas."[15] O processo de participação voluntária no governo constitui a acção política como um novo modo de atividade coletiva.

No entanto, uma abordagem político sobre possíveis modos de organização

7 Hardt, M., Negri, A., *Multitude*: *War and Democracy in the age of Empire,* The Penguin Press, Nova York, 2004, in Žižek, S., *Objet a* as Inherent Limit to Capitalism:on Michael Hardt and Antonio Negri, http://www.lacan.com/zizmultitude.htm
8 Ibid.
9 Ibid.
10 Ibid.
11 Hard, M., *Thomas Jefferson, or, the transition of democracy*, in Michael Hardt Presents Thomas Jefferson, The Declaration of Independence, Verso Books, Nova York, 2007, p. xvi.
12 Hard, *Thomas Jefferson, or, the transition of democracy*, in Michael Hardt presentes Thomas Jefferson*, op.cit.* p. xvi.
13 Latour, B., Exerpt in Latour, B., Weibel, P., *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*, Karlsruhe: Center for Art and Media / Cambridge, Mass.: MIT, 2005, p. 47, in Anthropology library, University of California Berkeley.
14 ver Bourdieu, P., "*Habitus*", in Bourdieu, P., *Outline of a Theory of Practice*, Cambridge University Press, Cambridge, 1977.
15 ver Virno. Forward: *We, the Multitude*, in Virno, P., *A Grammar of the Multitude*, Nova York e Los Angeles: Semiotext(e), 2004, p.7-201.

social contemporânea surge mediada pela ideia de conteúdo subjetivo, isto é, na opinião de Slavoj Žižek, para Karatani a ideia de uma "sociedade-civil mundial", não se destina apenas à expansão da cidadania em transição para um Estado-Nação, mas sim, da cidadania para um Estado mundial transnacional. Esta "visão", relativa a uma possível sociedade mundial, requer, antes de mais, um projeto universal e, simultaneamente, singular. Assim, é necessário referir que esta tentativa de alcançar uma sociedade-civil global não é uma "substância orgânica" (substância orgânica aqui refere-se a "multidão" de Hard e Negri), mas sim a admissão individual de uma "identidade global", uma organização global acessível a todos localmente.

No entanto, reconhecemos na nossa cultura um outro paradoxo. Por um lado, assistimos à maioria política (de esquerda) associada à ideia revolucionária radical vanguardista, antevendo sempre uma mudança brusca (do sistema), e por outro, pela minoria (que a meu ver situa-se na "multidão", mas que apenas não tem audiência suficiente para ser entendida como maioria) que simplesmente anseia pelas suas relativas e prósperas vidas inconturbadas. Tal como referiu Robert Pierre "queremos uma revolução sem revolução." Todavia, esta busca de uma sociedade global não-revolucionária não deve ser entendida como um pressuposto radical, mas sim através de uma atitude em que a evolução e transformação da sociedade – de acordo como o seu tempo – deve acontecer de forma suave.[16] Aqui, a ideia de agenciamento é fundamental, pois esta pretende uma mudança contínua (em progresso). Neste parecer, Žižek profere que a revolução não deve ser um hábito restaurado, a revolução, especialmente no capitalismo tardio de hoje, "é a predominante própria vida "normal" que, de certa forma, fica "carnivalizada", com as suas constantes auto-revoluções, suas crises reversivas, reinvenções, de modo que é a crítica do capitalismo, a partir de uma "posição" ética estável, cada vez mais aparece hoje como uma exceção"[17] A relevância da questão – relativamente à situação económica mundial atual - subscreve a revolução como princípio constante, isto é, "agora estamos a entrar num período em que uma espécie de estado de emergência económica se está a tornar permanente: transformando-se uma constante, um modo de vida"[18] Neste sentido, o objetivo da "génese" de um projeto cívico não propõe um conceito revolucionário, mas a habilidade de sobreviver ao modo capitalista,

16 Žižek, S., *The Ongoing Soft Revolution,* Critical Inquiry*,* inverno, 2004, in http://www.lacan.com/zizek-inquiry1.html.
17 Žižek, S., *On The Permanent Actuality for revolutionary Cultural Politics of President Mao Ze Dongs* in Organs without Bodies, on Deleuze and consequence, Routledge, Nova York, 2004 p.213.
18 Žižek, S., *A Permanente Economic Emergency*, New Left Review 64, Londres, 2010, p.86.

"produzindo desejos frescos dentro dos limites estruturais do modo de produção capitalista como tal."[19]

De fato, a construção de um projeto cívico, de acordo com as novas "coordenadas" globais, estará sempre por completar, e na verdade nunca estará totalmente concluído, enquanto continuarmos a criticar o Capitalismo, sem antever o significado "cívico" da democracia, enquanto potenciador de relações sociais e formas de coletividade e agenciamento. Como refere Žižek no seu ú intitulado *The year of dreaming dangeroulsy,* o objetivo hoje é democratizar a questão do capitalismo, à qual Badiou enfatiza afirmando que: *"*hoje, o inimigo não é chamado Império ou Capital. É chamado de Democracia.*"*[20]

No entanto, esta "constante" verifica hoje uma melhor compreensão dos direitos civis globais. A "esquerda" política identifica o cívico como uma chamada para um compromisso ético e uma maior liberdade de expressão, enquanto a "direita" exige mais civilidade da individualidade. A sua aplicabilidade na história foi estudada pelo sociólogo Americano Edward Shils - com ênfase na política cívica – afirmando que a "civilidade é uma atitude e um modo de ação que tenta encontrar um equilíbrio entre as demandas conflitantes e interesses conflitantes."[21] Porém, o conceito de sociedade civil - na sua ressonância global - é dignosticada por Bruce Sievers, argumentando: "assim como os cidadãos se relacionam com o estado e os membros da família se relacionam com a vida doméstica, estamos todos conectactados uns aos outros na sociedade através de uma rede de valores e instituições que nos definem como atores na esfera civil*"*[22] Este interesse na sociedade civil é examinado por Jeffrey Alexander em *The Civil Sphere,* arguindo: "[A] coletividade assim constituída suporta uma esfera civil apenas na medida em que a autoconsciência coletiva pode estender tão ampla e profundamente possível, em princípio, incluir como plenos membros cada agrupamento e indivíduos que o compõem"[23] Tal inclusão requer a possibilidade de que todos os membros teriam, em teoria, de possuir uma consciência destes valores cívicos. O Dicionário, por exemplo, define "Civilidade" como "cortesia" ou educação (politeness). Como tal, a educação é um fator preponderante na relação com a ideia de

19 Deleuze, G., *Anti-Oepidus: Capitalism and Schizofrenia*, trad. Hurley, R., Seem, M., Lane, Helen, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1983, p.456-57.
20 Badiou, A., *Prefazione alledizion italiana*, in Metapolitica, Cronopio, Napoles, 2002, p.14, in - Žižek, S., *The year of dreaming dangeroulsy*, Verso, Londres, Nova York, 2012.
21 Shils, E., *Civility and Civil Society: Good Manners Between Persons and Concern for the Common Good in Public*, Affairs, in The Virtue of Civility, ed. Grosby, S., Liberty Fund, Indianapolis, 1997, p.76.
22 Sievers, B., *What Is Civil Society?* in: GIA Reader, Vol. 20, Verão, 2009, in http://www.giarts.org/article/what-civil-society.
23 Alexander, J., *The Civil Sphere,* Oxford University Press, EUA, Agosto 3, 2006, p.43.

civilidade. Num breve ensaio sobre civilidade, Robert Pippin elabora a noção que designa todos os atos como uma atitude subjetiva básica de respeito pelos outros, como agentes livres e autónomos, iguais a nós, isto é, *"*a atitude benevolente de transcender o estrito utilitário ou cálculo "racional" dos custos e benefícios nas relações com os outros e se engajar em confiar-lhes, tentando não humilhá-los, e assim por diante*"*[24] Contudo, ao observar a conotação afetiva de respeito mútuo para como os outros, na atual sociedade da informação, a intenção passará a ser de "comunicar" uma atitude de confiança e de respeito. No entanto, esta conexão causa a civilidade comportamental pública, uma relação por vezes sinónima de "politicamente correto", ou mais ainda, de boas maneiras ou "etiqueta."[25] Não há dúvida de que o desenvolvimento dos meios de comunicação e o politicamente correto conferem particular relevância hoje sobre o vasto campo da media, ou seja, isto significa o sucesso de disciplinas como a linguística ou teoria da informação, quando fornecem uma análise semântica aos novos instrumentos políticos.

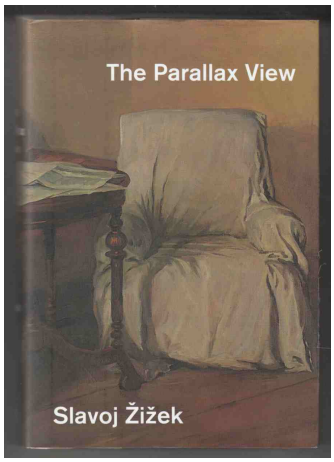
Jacques Derrida teve uma enorme influência na teoria e filosofia política contemporânea, desenvolvendo uma abordagem "desconstrutiva" à política. A "Desconstrução", como refere o próprio, examina *"*a lógica interna de qualquer texto ou discurso que ajudou muitos autores para analisar as contradições inerentes a todas as escolas de pensamento, e, como tal, tem-se revelado revolucionário em análise política, particularmente ideologias críticas*"*[26] A desconstrução para Derrida tem como base uma "interpretação" dos conteúdos discursivos patentes na disciplina como a linguística - e no texto como exemplo prático - subsistindo o entendimento de uma variedade de interpretações possíveis, sendo a contrariedade e a diferença destas mesmas um instrumento "desconstrutivo", isto é, Derrida nunca analisa algo pela sua forma simples e direta, mas sim constantemente questionando, uma – relativa - "distanciação retórica". Da linguística à semiótica, o significado ganha um duplo sentido, uma função secundária, uma lógica da divisão do próprio significado: significado e significante (Pierce). Para Jacques Rancière, a diferença está na "*distance*" (distância), ou seja, , no nível de confiança entre palavra e imagem. A linguagem com estrutura de identificação, entre as "coisas" e "eventos" em redor do mundo, enquanto, ao mesmo tempo identifica a distância entre as palavras e as coisas

24 Pippin, R. The Ethical Status of Civility, in The persistence o subjectivity, Cambridge University Press, Cambridge, 2006, p. 223-38, in Žižek. S., The Liberal Utopia: The Market Mechanism for the Race of Devils, in *Lacan.com.* 2007.
25 Carter, S., *Civility: Manners, Morals, and the Etiquette of Democracy*, HarperPerennial, Nova York, 1998, p.xii.
26 Derrida, J. *The Politics of Deconstruction: Jacques Derrida and the Other of Philosophy*, Pluto Press, Londres, 2007, p.37.

(a democracia para Rancière é então, a experiência da distância das coisas).

A linguagem como forma natural de comunicação é essencial para os padrões do capitalismo da Sociedade da Informação. Žižek encontra em Marx o antagonismo fundamental na oposição entre valor de uso e valor de troca. No capitalismo, as potencialidades desta oposição são plenamente realizadas. O Capitalismo é um conceito de contornos difusos e fundamenta-se numa lógica contraditória. O que permanece problemático sobre tal conceção, afirma Frederic Jameson, está na *"*dificuldade de articular mercadorias culturais e informativos com a teoria do valor-trabalho, o problema metodológico de conciliar uma análise em termos de quantidade e em particular do tempo de trabalho... *"*[27]

O mesmo é válido para a ideia de *Parallax View* (fig. 2) desenvolvida por Žižek – retirada de Kojin Karatani[28] -, baseada no paradoxo do sujeito pós-moderno conduzido pela atitude cínica em relação à instituição, isto é, na democracia *"*como uma forma emerge apenas quando um parênteses a textura das relações económicas, bem como a lógica inerente do aparelho de Estado político - ambos têm de ser resumidos, para as pessoas que estão efetivamente incorporadas nos processos económicos e submetido a aparatos estatais até ser reduzida a agentes eleitorais individuais. *"*[29] De fato, a sociedade tem vindo a ser mais influenciada por imagens e representações, tornando-se eles próprios "instrumentos" de aquisição ou decisão de voto.



27 Jameson, F.; *Forword* in Lytotard*, J. F., The Postmodern Condition: A report on knowledge*, trad. Bennington, G., Massumi, B., Theory and History of literature, Volume 10, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1979. p. XV. A oscilação entre as tecnologias industriais da modernição mais antigas para as mais recentes - pósmodernização ou A Informação da Produção - informativas.

28 Karatani, K., *Transcritique: On Kant and Marx*, Cambridge, MA: MIT Press, Massachusetts, 2003, in Žižek, S., The Parallax View, The Stellar Parallax: The Traps of Ontological Difference, The Subject, this "inwardly circumcized Jew" - the *von Paulus* version - part I, http://www.lacan.com/zizparallax.htm

29 Žižek, S., The *Parallax View*, The MIT Press Cambridge, Massachusetts, Londres, 2006, p.56.

Figura 2 "The Parallax View" (capa do livro) in Žižek, Slavoj; *parallax view*, The MIT Press Cambridge, Massachusetts, 2006.

Os meios de comunicação embebidos na ideologia capitalista tornaram-se um meio de ação. No universo globalizado de hoje, marcado por lacunas inconciliáveis entre os diferentes níveis de vida, é necessário criar mecanismos que superem os "impasses" da sociedade.

Esta dialética contraditória pode ser explorada na exposição entre real e virtual. Em teoria, Jean Baudrillard explora conceitos como "hiper-realidade" e "simulação". Estes termos referem-se à natureza virtual ou "irreal" da cultura contemporânea na era da comunicação em massa e consumo de informação. Vivemos num mundo dominado por experiências simuladas. Jean Baudrillard, na sua teoria do consumo económico – longe de ser uma crítica ao capitalismo tardio que flui como produção de troca - acredita que se perdeu a capacidade de compreender a realidade como ela realmente existe. Na tentativa de superação Slavoj Žižek no seu ensaio intitulado *The Desert of the Real,* verifica em Alain Badiou uma nova relação significante, onde o real (significante) e o virtual (o significado), deixando para trás a dialética contraditória, passando para o campo da possibilidade num imenso deserto cultural onde o real e o irreal se fundem, isto é, "Alain Badiou tinha identificado o elemento-chave do século XX: a paixão do Real (*La Passion du Réel*). Em contraste com o século XIX, de utópicos ou "científicos" projetos e ideais, planos para o futuro, o século XX visou a entrega da coisa em si – ao realizar diretamente a Nova Ordem. O momento final e definidor do século XX foi a experiência direta do real, em oposição à realidade social diária - o Real na sua violência extrema como o preço a ser pago para descascar as camadas enganadoras da realidade."[30] Em síntese, com advento da vitualidade deu-se a perda da expressividade da realidade, como refere Michel Freitag: "a realidade parece ter escapado à arquitectura, desertado a realidade."[31]

O que é "real" hoje está situado na tangente tensão entre o universo virtual e o real, atingindo drasticamente a dualidade, por um lado, da sua própria lógica inerentemente antagónica da produção abstrata (virtual) de relações sociais (real) e por outro, uma realidade que se aproxima do colapso social, das catástrofes ecológicas, da precariedade, guerras civis, etc. O imperativo novo espaço informativo da cibernética abre um novo campo de possibilidade. Os cyber-capitalistas podem aparecer hoje como o paradigma capitalista. A título de curiosidade, num ensaio de

30 Žižek, S., *Welcome to the Desert of the Real!,* Verso Books, Nova York, 2002. p.5-6.
31 Freitag, M., *Arquitectura e Sociedade*, Dom Quixote, Lisboa, 2004. p.14

Slavoj Žižek sobre Hardt e Negri, demonstra que o "cyberespaço", criado por Bill Gates, pode fornecer a moldura de tal paradigma, mais propriamente ao que chama de Capitalismo sem atrito (frictionless capitalism)[32]. Isto é, a lacuna existente entre a produção real (sociabilidade) e o domínio virtual (simbólico), a diferença entre o que é experienciado na vida real – no seu sentido fenomenológico – e a realidade virtual do espaço cibernético. Tudo indica uma atenção maior para a sociedade civil rever novamente a crítica Marxista à economia política, relativamente ao insucesso da "sociedade pós-industrial" (Daniel Bell), "sociedade do espetáculo" (Guy Debord), "sociedade de consumo" (Baudillard), ou a "sociedade burocrática de consumo controlado" (Henri Lefebvre).

No intuito de captar este "desertar da realidade", a *construção de um projeto cívico* procura oportunidades que visam refrescar os modelos consumistas e criação de riqueza, fundada numa compreensão mais clara de como o dinheiro pode, sem seguir uma influência social, espalhar-se pela rede de trabalho imaterial. Frederic Jameson em *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*, refere a passagem da "produção abstrata de relações sociais para a comunicação e informação.[33] Uma análise quanto à crise económica existente está patente na mesma lacuna paradoxal do capitalismo, que (re)produz antagonismos e constantes contradições na vida real e colapsa na interseção entre o que se compreende por realidade e o ilusório: o sonho, ou seja, a sua verdadeira ideologia: uma realidade virtual, a reprodução mediada por uma experiência artificial digital da realidade, isto é, a capacidade de produzir efeitos reais gerados por algo que ainda existe na sua plenitude, por algo que não totalmente restrito ao atual.

No entanto, na tentativa de fornecer uma teoria das consequências sociais da revolução digital, Žižek num ensaio intitulado *The Ideology of the Empire and its Traps,* expõe o trabalho de Alexander Bard e Jan Söderqvist referindo a ideia de "Cyber-stalinismo", isto é, a visão básica de uma emergente "Netocracia" onde refre "o estatuto e poder como apropriação de informação, comunicação e conhecimento."[34]

32 Žižek, S., *Have Michael Hardt and Antonio Negri rewritten the communist manifesto for the twenty-first century?* in Rethink Marxism, Volume 13, Number 3/4, 2011, http://www.lacan.com/zizek-empire.htm
33 Jameson, F., *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*, Duke University Press, Durham, 1991, in http://xroads.virginia.edu/~drbr/jameson/jameson.html
34 Bard, A., Soderqvist, Jan, *Netrocracy: The New Power Elite and Life After Capitalism*, Reuters, Londres, 2002, in Žižek, S., The Ideology of the Empire and its Traps, http://www.lacan.com/ziztrap.htm

A economia hoje, é assim levada e revigorada por pessoas cuja principal característica é a capacidade de manipular a informação: *"*termos preferidos variam desde "análise simbólica", a "especialistas do conhecimento", para "trabalho informacional*"*[35] Entretanto, esta nova forma de produção foi criticada por Baudillard referindo: *"*há cada vez mais informação e cada vez menos significado.*"*[36] De facto, o que suporta a própria sociedade já não é um inteiro hierárquico, mas uma complexa rede aberta de redes. Os fenómenos de comunidades virtuais em massa - sites de redes sociais - como o Facebook ou a Google - utilizam redes transnacionais como a Internet, que são arquitetónicamente estruturadas para transcender e subverter geografias e, ao mesmo tempo, enfatizar a localidade do contexto institucional, político e económico no qual o usuário está fisicamente situado.
A informação da produção como capital hoje é o agenciamento de mediação entre material/físico e imaterial/intelectual do trabalho. Esta aparente hegemonia está patente nos discursos da "Escola de Frankfurt", relativamente à produção de *Indústrias culturais*[37].

Esta variação corresponde ao conceito de "abstração real". Tal conceito como refere Florian Kossack na sua obra intitulada *Agency, Working with uncertain Architectures,* como forma de pensar e agir concebida concetualmente no que Deleuze entende por "a unidade mínima real": o *agencement*/assemblage.[38] Deleuze argumenta: *"*a unidade mínima real não é a frase, a chave ou o menor escala, mas a assemblagem. O agenciamento, como se recorda, composto por Deleuze e Guattari, de dois "eixos", um de conteúdo, e outro de expressão. A assemblagem reúne vários órgãos um máquina de assemblagem...uma mescla de corpos reagindo uns aos outros*"*[39] O agenciamento Deleuziano é directamente a produção da sua expressão *"*ignorando todas as formas de representação.*"*[40] Como refere Simpson na sua obra intitulada *Virality, Contagion Theory in the Age of Network*, esta abordagem não-

35 Weber, F., *What is an informational society?* Theories of the Information Society, Routledge, Londres, 2006 p.130. in Society: Critical Concepts in Sociology, ed. Nico Stehr, Reiner Grundman, Routledge, 2009, University of California Library, Berkeley, 2009.
36 Žižek, S., *The Ideology of the Empire and its Traps*, in http://www.lacan.com/ziztrap.htm#_ftn4
36 Weber, M., in *what is an informational society?*, p.130, in Society: Critical Concepts in Sociology, ed. Nico Stehr, Reiner Grundman, Routledge, 2009, University of California Library, Berkeley, 2009.
36 Baudillard, J., *In The Shadow of the Silent Majorities,* in Op.cit, p.130.
37 Ver Adorno, T., *The Culture Industry*. Selected Essays on Mass Culture, Routledge, Londres e Nova York, 1991.
38 Deleuze, G. Parnet, C., *Dialogues*, in Kossack, F., et al, Agency: Working with uncertain architectures, Routledge, New York, 2010, p.51. Refiro aqui o Francês agencement relacionado com a ideia de "andamento", "construção activa", "trabalho em progresso".
39 Deleuze, G., Guattari, F., *A thousand Plateaus*, trad. Massumi, B., University of Minnesota Press, Minnesota, 1987, p.88. in Sampson, T., Virality: Contagion Theory in the Age of Networks, university of Minnesota Press, Minneapolis, Londres, 2012, p.4.
40 Ibid. p.89.

representacional no significado das inscrições culturais e significados atribuídos a *"*objetos próximos das relações atuais que os objetos têm em relação entre si.*"*[41] Os objetos agenciados como afirma Nigel Thrift: "fazer muito mais do que representar*"*[4243] Neste ponto de vista, a estrutura (e a representação em si) deixa de ser estática ou dinâmica, uma ideia ou o conceito cristalizado, tornando-se uma assemblagem de coisas, uma constelação, um mapa do conhecimento.(fig. 3)

Perante este novo "panorama" referente ao agenciamento, Deleuze avalia a importância de encontrar o "diagrama abstrato apropriado para compreender o conjunto concreto de poder social."[44] Mais concretamente, assemblagens *"*não são obrigados a grandes e pequenas escalas, peças e inteiros, órgãos e organismo, ou, significativamente indivíduo e sociedade.*"*[45] A noção de agenciamento associada à sociedade foi interpretada por Tard numa alternativa não ao universo social, numa representação coletiva ou individual, mas ao que Bruno Latour considera, referindo que todas as sociedades são *"*assemblagens de muitas mônadas entrelaçadas*"*[46] Na sua recente obra An-Actor-Network-Theory, Latour refere a sociedade como uma rede de agenciamentos, onde a distinção das ações do agente - e da lei que atuam sobre os agentes - vai mais longe do que a associação de dois vocabulários, mas num arranjo (*arrangemen*t) da livre vontade (voluntariedade) do agenciamento social das forças causais que atuam sobre os indivíduos. Para outros autores como De Landa, a chave para entender o conceito de realidade encontra-se num processo dinâmico, capaz de se auto-organizar, de assemblar a complexidade social da sociedade. No seu último livro, *A New Philosophy of Society: Assemblage and Social Complexity*, De Landa refere: *"*assemblagens sociais são parte de um fluxo contínuo de decodificadas (desterritorializada) mônadas sem limites, ou singularidades, como Deleuze se refere a elas, até que é singularidade é recodificada (reterritorializada) para que assim se relacione com outras singularidades e, portanto, tornar-se um organizado corpo (orgânico)*"*[47]

41 Thrift, N., *Space, Theory, Culture, and Society*, Sage Jornals, Oxford, 2006. p.139, Op.cit.
42 Ibid.
43 Ibid. p.262.
44 Deleuze, G., *Faulcaut*, Athlone Press, Londres, 1988, p. 36, in Sampson, T., Vurality: Contagion Theory in the Age of Networks, University of Minnesota Press, Minneapolis, Londres, 2012, p.3.
45 Massumi, B., *A User´s Guide to Capitalism and Shizophrenia: Deviations from Deleuze and Guattari*, Cambridge, MIT Press, Cambridge, 1992, p.192-93, in Op.cit, p.9.
46 Latour, B, Antoni, V., *Gabriel Tarde and the End of the Social*, The Science of Passionate Interests: An introduction to Gabriel Tarde´s Economic Antropology, Prickly Paradigm Press, Chicago, 2009, in Op.cit, p.15.
47 De Landa, M., *A New Philosophy of Society: Assemblage Theory and Social Complexity*, Continum, Londres, 2006, p.5, 12-13, in Sampson, T., Vurality: Contagion Theory in the Age of Networks, university of Minnesota Press, Minneapolis, Londres, 2012, p.8.

Procurar uma "nova teoria de agenciamento", vendo o todo como um composto de complexidade social, a variedade cultural de que todos emergem a partir de peças heterogéneas, ou seja, o impasse da ligação entre os níveis micro e macro da realidade social é enfrentado pelo agenciamento das propriedades de um todo não redutível às suas partes. Como tal, antevendo a construção de um projeto cívico indaga a transformação dos princípios que definem a visão (re)construtiva consciente da reflexividade moderna, como a visão desconstrutiva inconsciente da comunicação pós-moderna, isto é, a passagem do pensamento estrutural linear e funcionalista, ao sistemático e complexo, para agenciamento. Tentar num constante processo de reflexão, comunicação e acção, reassemblar e reconciliar a informação da realidade num todo, i.e: ao que chamo de "Transitória Abstracção Real"[48]; funcionam como mutação histórica (moderno/pós-moderno/contemporâneo) (fig.4); isto é: não "apenas" focado na abstração totalitária moderna (tentativa de universalizar), ou na realidade - dialética inerentemente contraditória pós-moderna (tentativa de combinar dois princípios estruturantes incompatíveis), mas um agenciamento que combina uma "multitude" (a multiplicação de realidades próprias, a ideia de que a realidade é uma multitude de alternativas possíveis) de princípios estruturantes incompatíveis, (e talvez aparentemente incertos na sua estrutura e sentido), no mesmo edifício arquitetónico, texto ou pensamento.

48 Ver Oliveira , M., Furtado, G., *A transitory complex abstraction*, in 5th meeting of young researchers of university of oporto: Book of Abtsract, RUP, Porto, 2012, p.223.

Figura 3 The Future will not be Capitalist por Sasha Pirker, Leitura Segunda 03.12.2012 | 19:00h | R211a "Lecture Series: Parallax Views on Architecture" in http://ika.akbild.ac.at/events/public_activities/winter_2012/Lecture%20Series%2011

A transitory complex abstraction

M.Oliveira[1], G.Furtado[2].

[1] Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal.

This research, on Architectural Theory and History, focus on the influence of aesthetics in architecture, throughout the twentieth century. The research attempts to synthesize three ideologies that led to specific oscillations - the ideology of "Abstraction" related to the modern period, "Complexity" related to the postmodern period, and "Transitory" related to the contemporary period.

Twentieth century's civilization introduced the ideology of modernity (and a "modern" idea derived from the Latin *modernus* that means "new" as opposed to "old"), based on the mechanical processes, the rationalist and functionalist logic, and an utopian impulse supported by science, industrial technology, and belief in progress. It is close related to the scientific and artistic developments of this period - through the discovery of "relativity theory" to the intense speculation of "Abstraction" in arts (by Kandinsky among others). Abstraction meant a "*a general idea*"[1], and relates to concepts like "concrete", non-representative basic forms, thinking, reflection. The modern period led to the so-call postmodern shift, a counter-culture process, in Saussure´s idea of "*diference*", characterized by hybridity and plurality. It fallowed the post war period, and discoveries such as Quantum Physics and later the DNA. The postmodern "condition", was defined by Lyotard, influenced trough Structuralism (Barthes et al), and later by post-Structuralism (Derrida et al). From this, emerges the ideology of "Complexity", which definition is often tied to the concept of a "*state of being formed of many parts*"[2]; and it relates to chaos theory, systems or reality of the complex. Furthermore, the Contemporary arised with the aforementioned epistemological mutation (modern to postmodern), was also tied to the sedimentation of a new techno-cultural order (I.S), and the consensus on "*fluidity*" (Deleuze). From this context, appears the idea of "Transitory"; and it means "*to go over, to pass*"[3], relating to concepts such as simultaneity, mobility, temporary, transition, movement or action.

In short, the present presentation, attempts to speculate and understand the cultural changes of modernity, and aims to evolve towards a operative epistemological attitude, attempting to decode the twentieth century's sequence of aesthetical ideologies that marked architecture.

[1] Hornby, A.S. (2010), *Oxford Advanced Learner´s Dictionary of Current English*, Oxford university press 2010, pp. 9

[2] Idem, Ibidem, pp. 306

[3] Idem, Ibidem, pp. 1646

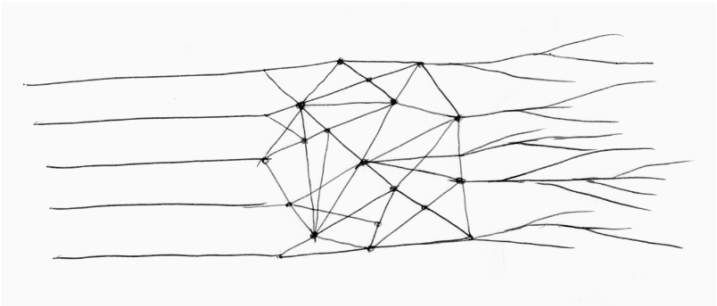


Figura 4 A transitory complex abstraction, in 5th meeting of young researchers of university of oporto: Book of Abtsract, RUP,

Porto, 2012, p.223. Desenho produção própria.

Voltando á linha principal de argumentação, o foco aludido é outro: o campo social das práticas e crenças culturalmente preservadas não são apenas dirigidas aos diferentes níveis de experiência individual, mas a algo com que o próprio indivíduo tem de se relacionar, de comunicar uma ordem externalizada. O problema, portanto, não é como mobilizar o indivíduo ao nível social, mas a capacidade de fortalecer a singularidade universal de cada indivíduo, a possibilidade de "esboçar" um espaço impessoal exterior à ordem simbólica das práticas institucionalizadas e crenças estruturantes e ideológicas. Neste ponto, o sujeito da arquitetura (cliente) e objetivo (sociedade) para os que veem neles uma intencionalidade política mais consciente a aplicável à tomada de decisão, e, por sua vez, da autoridade cívica contornada por questões que invocam o supostamente termo despolitizado, o descontentamento civil.

A "alternativa" é reconhecida pelo seu inerente sentido de urgência patente na sociedade civil: como refere Žižek: "de acordo com Hegel, a dinâmica estrutural inerente da sociedade civil, necessariamente, dá origem a uma classe que é excluída de seus benefícios (trabalho, dignidade pessoal, etc) - uma classe privada de direitos humanos elementares, e, portanto, também isenta de deveres para com a sociedade, um elemento da sociedade civil, que nega seu princípio universal, uma espécie de "não-razão inerente à própria razão", em suma, o seu sintoma. Não assistimos ao mesmo fenômeno em crescimento hoje da qual a subclasse é excluída, às vezes até por gerações, dos benefícios da afluência da sociedade liberal-democrática? Hoje as "exceções" (os sem-teto, o gueto, os desempregados permanentes) são o sintoma do sistema universal do capitalismo tardio, a lembrança permanente de como a lógica imanente do capitalismo tardio funciona"[49]

A noção ambígua de precariedade pode ser reativada da história dos movimentos sociais informais de emergência e crise do pós-guerra (como são exemplo práticas ativistas e subversivas contra-cultura do *Maio de 68* em França dirigidas Guy Debor e movimentos de *operaísmo* por Antonio Negri em Italia) (fig. 5+6) Mais concretamente, em *Precario Bello*, a tragédia da classe operária emancipou-se do capitalismo, e, neste sentido, como afirma Žižek parefraseando Luc Bottanksi em *The Spirit of Capitalism*[50], estes movimentos sociais "demandam por

49 Žižek, S., Cyberspace, Or, The Unbearable Closure of Being*, The Plague of Fantasies*, Verso, Londres, 1997. p.127.
50 Boltanski, L., Chiapello, E., The New Spirit of Capitalism, Verso, Londres, 2007, Žižek, S, Architectural Parallax Spandrels and Other Phenomena of Class Struggle, http://www.lacan.com/essays/?page_id=218

mais autonomia tem sido traduzida em mobilidade obrigatória, em adaptação permanente, na ideia de que somos todos empresários individuais que estão expostos ao risco e os perigos do mercado."[51] Constata-se que a sociedade já não pertence à identidade e estabilidade, nem a revolução ao protesto, mas à aceitação de uma nova estrutura incerta, reivindicando as desigualdades como potencial libertador do capitalismo. Já na crítica social pós-moderna, a ideia de precariedade exige agenciamento político, para lá do empate desmoralizador dos protestos, mas por algo que as une independentemente das suas diferenças. Como refere Nick Srnicek *"*qualquer estudo aprofundado dos fenômenos políticos devem ser rigorosamente interdisciplinar /.../ Em outras palavras, a teoria em si deve tornar-se uma assemglagem*"*[52]

Vivemos numa era em que a ordem social dos Estados-Nação, classe, etnia e família tradicional estão em declínio. Como refere Sampson, a desestabilização da ordem política estabelecida, sofre com os "contágios financeiros em cascata durante todo a economia capitalista, inspirando bolhas especulativas. Falhas e recessões aperiódicas."[53] Uma certa medida de consenso em torno do espectro político a respeito das dinâmicas e redes de fluxos de informação do capitalismo tardio se entrelaçam com a lógica universal epidémica, "a era da globalização é sinónimo de idade de contágio."[54] Deste modo, a natureza do nosso tempo pode ser definida no alcance de um nova condição: *"*as coisas parecem más para grande causa hoje, numa era pós-moderna, quando, apesar de a cena ideológica ser fragmentada numa panóplia de posições que lutam pela hegemonia, há um consenso subjacente: a era de grandes explicações (projetos) acabou, precisamos "pensamento fraco", em oposição a tudo o fundacionalismo, um pensamento atento à textura rizomática da realidade.*"*[55]

51 de Blois, J., Making Ends Meet: *Precarity, Art and political Activism,* in Volume 30, Archis, Roterdão, 2011. p.5
52 Srnicek, N., *Assemblage Theory, Complexity and Contentious Politics The Political Ontology of Gilles Deleuze*, Political Science Unpublished master's thesis, University of Western Ontario, 2007 p. 85, in http://www.academia.edu/178031/Assemblage_Theory_Complexity_and_Contentious_Politics_The_Political_Ontology_of_Gilles_Deleuze
53 - Sampson, T., *Introduction: Too Much Connectivity?* In Virality, Contagion Theory in the Age of Networks, University of Minnesota Press, Minneapolis, 2012, p.1.
54 Hardt. M., Negri, A., *Empire.* Op.cit. p.2.
55 Žižek, S., *Introduction*: *Causa Locuta*, *Roma Finita* in In the Defense of Lost Cause, Verso, New Left Books, Londres, 2008, p.1.

Figura 5 Demonstração em Paris, 30 de Maio 1968. Guy Debord co-foundador dos Situationistas International, in *guardian.co.uk*
Figura 6 Antonio Negri (na frente, à direita) nas ruas pelo Poder Operário, in okupa.concatena

Assim, para a construção de um projeto cívico, será necessário, primeiro, atingir uma hegemonia do projeto crítico (Furtado), no sentido da autonomia individual da coletividade; uma universalidade singular plural, potencialmente agenciada pelo cidadão. E, talvez seja só hoje, na sociedade da informação e das desigualdades sociais, na sua forma mais brutal que a construção de um projeto cívico alternativo, capaz de reagir voluntariamente em defesa das causas perdidas, perante o ímpeto do capitalismo digital e seja realmente alcançável ao nível puramente contemporâneo.

Capítulo II - Sobre Agenciamento

2.1. Agenciamento

A palavra agenciamento[56] tem vindo a ser recorrentemente utilizada. Embora a sua conceção seja geralmente confusa e ambígua, consiste na capacidade dos seres humanos fazerem escolhas e agirem de acordo com essas escolhas. Agenciamento é um termo usado por filósofos e teóricos sociais. O termo pode ser usado na prática de muitas associações diárias: agentes políciais, agentes de seguros, agentes desportivos, etc, (empenhados em representar outros e não a si mesmos). Tradicionalmente, os filósofos conceberam a palavra "agenciamento" de acordo com problemas de "livre vontade". Na filosofia, agenciar é a capacidade de um agente (ou de um pessoa comum) de agir no mundo. Nas ciências sociais, agenciamento refere-se à capacidade dos indivíduos de agir, interdependentemente de fazerem suas próprias escolhas. Por contraste, "Estrutura" refere-se aos fatores de influência que determinam os limites de um agente nas suas decisões. A diferença entre estruturação e agenciamento é debatida na incerteza pela qual as ações pessoais são contrariadas pelo sistema social. Agenciar é ter a capacidade e habilidade de agir segundo o querer de cada cidadão. Na arte, agenciamento ou agente tem o mesmo significado que artista e trabalho artístico - duas noções indispensáveis à produção artística. Agenciamento como Jonathan Harries refere: "A força ativa na tomada de obras reais, embora muitas outras características do mundo da arte - como museus, contratos legais entre artistas e comerciantes, e materiais de artistas - foram igualmente fabricados por agentes e agências de vários tipos"[57]

Em suma, o entendimento do conceito de agenciamento significa não só ações, mas a conceção das suas relações e da ação em si.

56 Agenciamento significa: "Função de um agente. Actividade, indústria. Retribuição do agente. Estabalecimento onde se tratam negócios por conta alheia. Agenciador, Aquele que agência. Adj. Laborioso, activo: Agênciar: (de agência) negociar, promover o andamento de um negócio. Tratar de negócios. Diligenciar. Solicitar", in Dicionário prático ilustrado, Lello&irmão, Porto, 1994.
57 Harries, Jonathan, *Agency Agent*, in Art History, The Key Concepts, Routledge, Key Guides, Nova York, 2006. p.11.

2.2. Ação e Agenciamento

Existirá na arquitectura hoje um imperativo para a ação?
Desde logo, o paradigma do denominado "agenciamento" remete para a voluntariedade da arquitetura. No âmbito desta dissertação, a argumentação sobre a temática da ação é complexa e a sua compreensão implica a ponderação de uma variedade de conceitos. Na cultura ocidental, considerou-se agenciamento (conforme definido pelo domínio da ação), um tratamento resultante e circunscrito na livre vontade humana. Na antiguidade Grega, Aristóteles e Aquino deram grande contributo para filosofias centradas na ação voluntária. No pensamento da modernidade, escritores como Giddens e Habermas concentraram-se na ação humana, enquanto ordem racional e, na pós-modernidade, autores como Deleuze ou Badiou focaram conceitos como causa, evento e desejo.

Nas ciências sociais, as reproduções das atividades do homem fazem parte da natureza pela qual estes reproduzem condições de possibilidade. A noção de "conhecimento" é entendida através de formas codificadas e conceptualizadas envolvidas pela ação como contributo interpretativo dos estudos culturais. No entanto, a mesma continuidade dos comportamentos da ação encara uma dimensão "reflexiva" (moderna) e "cognitiva" (pós-moderna), pela qual o indivíduo expressa as suas ações, isto é, como refere Anthony Giddens: "A ação humana ocorre como uma duração, um fluxo contínuo de conduta, assim como a cognição."[58] Deste modo, a reflexividade permanece intrinsecamente ligada à ação como razão: "o próprio agir envolve tratar o monitoramento reflexivo, racionalização e motivação da ação como conjuntos integrados de processos."[59] Na conduta humana, a ação é dirigida pela racionalização do processo no qual a intencionalidade requer uma certa rotina monitorizada em constante interação. Uma norma como razão figurada na factualidade da vida social. Assim, os agentes monitorizam continuamente as suas ações, sendo o entendimento teórico das suas atividades por norma explicitado através de uma motivação. A motivação como forma a potenciar a ação, e, consequentemente, intensificar o discurso e a prática consciente é parte integrante e fundamental da teoria da estruturação. No discurso e na prática consciente, a diferença encontra-se entre o que é dito e o que pode ser feito. Porém a natureza do agenciamento corresponde à

58 Giddens, A, *The constitution of society - Outline of the Theory of Structuration*, University of California Press, Berkeley, 1986, p.13.
59 Idid.

coerência da intencionalidade e desejos da acção, isto é, a ideia comum de que "crenças e ações causam desejos". Neste entendimento Jennifer Hornsby considera agenciamento como: *"*ações são movimentos corporais causados e racionalizados por um agente para um fim desejado e a crença que move o seu corpo de maneira relevante ao fim preposto.*"*[60] Este uso do termo "racionalizado" expressa a importância da razão. Como refere Donald Davidson *"*a palavra "racionalizar" é utilizada na transmissão pela qual constitui a causa de uma acção na razão do agente.*"*[61] Da ação reflexiva comprometida pelo dominio da razão, o foco visa o domínio cognitivo caracterizado pela capacidade de um agente produzir um efeito sobre o corpo ou espaço. Desde logo, o termo agenciamento expressa a habilidade de um agente em intervir, o que supõe "o contexto temporal-relacional de ação."[62]

O mesmo é válido para o indagar sobre questões do desejo numa relação mais precisa com a ação. Reflexividade prática, tal como a crença, baseiam-se em decisões cognitivas, onde "muitas vezes emitir diretamente intenções correspondentes, sem qualquer ato formado de intenção, de que a aquisição de uma intenção com base na reflexão prática é apenas uma questão de intenção sendo produzida diretamente pela aquisição de uma crença avaliativa reflexiva.*"*[63] Duvidar daquilo que devemos fazer não deve ser confundido com a incerteza daquilo que fazemos. Embora agir com sucesso sobre um determinado desejo pode preencher o desejo de fazer o que se quer independentemente dos resultados insatisfatórios, um desejo em si não vai cumprir essa vontade. O poder de tomar decisões práticas reside no campo da liberdade da vontade e na liberdade da acção: "agentes que atuam intencionalmente, mas que a falta de poder é concebível"[64] De acordo com Veleeman a acção humana *par exellence* é: "O que realmente produz os movimentos corporais ditas de produzir...é uma parte de você que executa as funções características do agenciamento. Essa parte é o seu desejo de agir de acordo com razões, um desejo que produz comportamento, em seu nome, acrescentando a sua força motivacional para que qualquer motivo pareça fornecer uma razão forte para atuar."[65] Como refere Alfred Mele, se o agenciamento humano, de fato, pertence a qualquer grupo, "pertence ao altamente

60 Hornsby, J., *Agency and Action in,* Agency and Actions, Royal Institute of Philosophy, dd. Hyman, J., Steward, H., Cambridge university Press, Cambridge, 2004, p.2.
61 Davidson, D., *Actions Reason and Causes*, Journal of Philosophy, 60, Oxford, 1967, p.685-700.
62 Emirbayer, M., Mische, A., *What is agency?,* in American Journal of Sociology, vol. 103, The University of Chicago Press, Chicago, 1998, p.970.
63 Mele, A., *Decision, Agency, and Belief,* in Motivation and Agency, Oxfrod University Press, Nova York, 2003, p. 199.
64 Frankfurt, H., *The importance of What We Care About*, Cambridge University Press, Cambridge, 1988, p.176.
65 Velleman, *What Happens When Someone Acts*?, Oxford University Press, Mind 101, Oxford, 1992, p.479.

racional, altamente eficaz e reflexivo, ser auto-controlado humano que não são alienados de desejos de agir por motivos superiores.*"*[66]

O reduto deste parecer do agenciamento vai para a ideologia contemporânea do desejo como ação. Hoje, cada sujeito pode, de fato, ser sarcástico ao ponto de ser cínico em relação às suas ações, numa crença irracional total, na qual agir cegamente segundo uma determinada crença parece tornar a verdade mais "real" aos olhos de todos. A mesma ideologia que pretende levar a sério, quando, de fato sabe (ou talvez não) o "porquê" realmente do que esta a fazer. O paralelo é estabelecido por Žižek, que interpreta , a questão do desejo, afirmando: "é a homologia entre mais-valia (surplus-values), a "causa", que coloca em movimento o processo de produção capitalista, e gozo (*surplus-enjoyment)*, o objeto-causa do desejo*"*[67] Este processo, fortemente influenciado pela ação e agenciamento por uma variedade de possibilidades, conduz a uma melhor compreensão das diferentes abordagens, de forma a operar mais eficazmente os problemas e potencialidades da sociedade e do individuo perante o quadro dual entre instituição e agenciamento.

66 Mele, A., *Autonomous Agents*, Oxford University Press, Nova York, 1995, p. 7.
67 Žižek, S., *The Sublime Object of Ideology*, Verso, Londres, 1989. p.54.

2.3. Agenciamento e Teoria da Estruturação

A exposição da relação entre agenciamento e sociedade passa pelo entendimento sociológico entre Estrutura e Agenciamento. Do ponto de vista das ciências sociais, a questão da capacidade de ação por ambas as partes e sua relação varia perante a história e a opinião dos autores. Desde logo, a relação entre indivíduo e estrutura esta na aparente separação de mediação entre agente social e estrutura institucional, sobretudo no grau de capacidade de ação dos indivíduos em relação a possíveis determinações impostas pelos sistemas sociais, verificadas pela predominância da estrutura sobre o indivíduo. Com refere Andrew Edgar e Peter Sedgwick, a "estrutura social", consiste no "conjunto de padrões sóciais emergentes da sociedade que determinam as acções dos indivíduos, ou, normas institucionalizadas que estruturam as acções dos agentes no sistema social."[68] Neste contexto, a dualidade estrutura-agenciamento permanece intimamente ligada a uma variedade de temas e posições perante as ciências sociais. As tentativas de combinar o conceito de estrutura social com agenciamento são expostas pela teoria de Giddens na sua obra intitulada *The constitution of society - Outline of the Theory of Structuration*, enfatizando o sentido destas não poderem coexistir de forma separada, argumentando que estruturas não são nem independentes dos seus atores, nem a determinação dos seus comportamentos, mas um conjunto de regras e competências, em que os atores produzem, isto é, "a diferença entre estas perspetivas nas ciências sociais foi apropriada para ser epistemológica, no entanto pondera ser de fato ontológica."[69] O domínio das ciências sociais encontra na teoria da estruturação, não a experiência individual dos seus atores, mas práticas sociais que perduram no espaço e no tempo.

Porém, agenciamento deve ser interpretado na teoria crítica da arquitetura onde prevalece o debate sobre questões ao nível teórico do agenciamento e da estrutura, da própria ação do agente (arquiteto) em atuar de forma alternativa. Como Scott Lash e Antoine Picon argumentam: "Interrogando teóricamente agenciamento leva antes de mais, a questão da sua ligação com a estrutura binária, talvez um dos conceitos mais centrais na compreensão da sociedade moderna. Em segundo lugar, porque agenciamento está intimamente ligada à idéia de um possível "agir de outra forma", ele assume a intencionalidade e criticidade, sendo que ambos têm resonâncias fortes

68 Edgar, A., Sedgwick, P., *Cultural Theory, The key concepts*, Routlege, Londres, Nova York, 1999. p. 319.
69 Giddens, A., *The constitution of society - Outline of the Theory of Structuration*, University of California Press, Berkeley, 1986, p. 12.

no debate arquitetónico. Uma terceira questão fundamental, que irá permitir uma melhor compreensão do agenciamento dentro do contexto específico da arquitetura, é o do objeto arquitetónico e sua complexa relação com o individual e o social."[70] Esta referência baliza os princípios estabelecidos e comunicados de agenciamento perante a atual sociedade de informação. Numa *Agency and Architecture: How to be Critical?*, Antoine Picon e Scott Lash, desafiaram o dominante entendimento da dialética agenciamento-estrutura, "através dos seus influentes escritos sobre a noção de reflexividade, e a questão da crítica e da produção cultural na sociedade da informação contemporânea."[71] A reflexividade tem, nesta perspetiva sociológica, um papel crítico e operativo deveras potenciador na sua relação com a estrutura, e consequentemente com a arquitetura.

Assim, as perspetvivas apresentadas pela relação de oposição agenciamento/estrutura tem tido uma importância central no que se refere a questões na área das humanidades e nos autores das ciências sociais, isto é, "influenciados por várias vertentes do Marxismo, agenciamento também tende a estar associado com a intenção de efetuar a mudança social contra estruturas sociais existentes. O binário estrutura/agenciamento de determinadas maneiras organiza grande parte da paisagem teórica, assembla defensores de ambos os lados - Gabriel Tarde e Émile Durkheim, por exemplo - ou propostas de um meio termo -, como os de Bourdieu ou Giddens "[72] Estas questões permanecem, no entanto, transversais às diferentes valências do agenciamento. No mesmo sentido, o entendimento sociológico aspira sempre a um objetivo concreto, como refere Scott Lash: "Agenciamento pressupõe uma noção de ator dirigido por um alvo."[73]

No entanto outras posições ganham forma no modo científico de pensar e atuar. No mesmo ensaio, é feita a diálogo com Isabelle Doucet questionando a posição quando profere um discurso apoiado no papel reflexivo: "quando você diz abstrato, mas de uma forma diferente, quer dizer mais de dentro do que de fora?"[74] De fato o pensamento moderno, presente em Giddens, opõe-se ao senso comum. Neste esforço de reencontrar o mundo, percebido tal como o apreendemos na experiência vivida, denotamos preocupações perante o questionante papel intencional do caráter

70 Lash, S., Picon, A., *Agency and Architecture: How to Be Critical?,* in Agency in Architecture: Reframing criticaly in theory and practices, converser com Kenny Cupers e Isabelle Doucet. Comentários, Margaret Crawford, Footprint: Delft School of Design Journal, Delft, 2009. p.7.
71 Ibid. p.7.
72 Ibid. p.8.
73 Ibid.
74 Ibid.

agenciado interior, abstrato e reflexivo, apoiado por uma ideia estável, racional de projeto científico, e simultaneamente ao nível da exterioridade, da realidade em múltiplas e variadas situações, fruto das circunstâncias do contexto ou do efémero, portanto, mais intuitivo, sensorial e experiencial, isto é, "intencionalidade fenomenológica presume agenciamento, não apenas teoria instrumental clássica. Giddens está a seguir os clássicos Parsons/Weber, em vez do tipo de intencionalidade Husserliana. Mas eu penso mesmo que é um problema em certo sentido.*"*[75] Portanto, esta questão poderá permanecer também no campo fenomenológico, no seu sentido exterior do conteúdo e relacional-temporal que imana da ação, do tempo, do corpo e da realidade.

2.4. Agente e Poder

A designação de agenciamento não se refere apenas á descrição de atores, ou à intencionalidade dos indivíduos de fazerem algo, mas à capacidade de concretização, que implica a noção de "poder". Um agente é definido como quem exerce o "poder de produzir um efeito."[76] Agenciamento como forma de poder contém, de fato, uma diversidade de temáticas que por natureza interferem de forma básica da ação. O agenciamento tem nos seus pressupostos uma relação complexa onde a ação desempenha um papel operativo e interventivo: *"*ser capaz de "agir de outro modo" significa ser capaz de intervir no mundo, ou o resumo de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo específico ou estado de coisas.*"*[77] Isto presume que um agente é capaz de despoletar na fluidez do dia-a-dia, um conjunto de poderes casuais, incluindo as influências provocadas por outros. Portanto, a ação por parte do agente, pressupõe o conhecimento desse poder de forma a agir de maneira diferente, e assim, a capacidade individual de fazer a diferença. A análise social deste interesse está patente nas margens do que consiste uma acção.

Nesta observação, o poder tem por regra a capacidade de agir "de outra forma", de transformar e de potenciar a acção, isto é, *"*ação logicamente envolve poder, no sentido de capacidade transformadora. Neste sentido, o significado mais abrangente de "poder", o poder é logicamente anterior à subjetividade, à constituição do

75 Ibid.
76 Ibid. p.13. Os sociólogos tendem para uma das duas versões da agenciamento. Na primeira, o agenciamento descreve a capacidade de alguém para agir de forma independente das estruturas constrangedoras da sociedade. No segundo sentido, transformador, o agenciamento refere-se á acção que faz a diferença.
77 Ibid. p.14.

monitoramento reflexivo de conduta*"*[78] A ideia de poder ganha ênfase perante as ciências sociais e tende a ser refletida no dualismo agente-sujeito referido anteriormente. Este poder pode ser definido na dualidade dos termos de "intenção" e "querer", relativamente à capacidade de concretizar um desejo ou o porvir de uma intenção. O mesmo vai para a questão da existência de uma sociedade expressa a dualidade da estrutura na relação com o poder e não parece ser de todo satisfatória. Assim, no contraste com estas conceções de poder, é introduzida sobre a terminologia de "recurso", focada na significação e na legitimização: *"*os recursos são propriedades estruturais do sistema social, apóiadas e reproduzida pelos agentes conhecedores no curso da interação.*"*[79] No entanto, o poder não está intrinsecamente ligado à concretização de um interesse, mas ao uso desse poder caracterizado pelo conjunto das ações. No entanto, uma aproximação mais concreta à caractrerização da ideia de "Poder"[80], avalia a capacidade como meio pelo qual os indivíduos e grupos são capazes de dominar outros, realizar e concretizar os seus objetivos e interesses particulares, mesmo face à oposição e resistência. O termo refere-se às fontes, meios e relações de controlo, dominância e subordinação, uma vez que são promulgadas nos processos sociais. No entanto, o poder nem sempre é imagem da repressão e formas de coerção. Pode ser visto como um exercício ou experiência de autoridade considerada legítima.

Em suma, uma apropriação de diferentes avaliações "sobre agenciamento", protagonizam um novo modo de encarar as formas de ação patentes nas ciências sociais.

78 Ibid. p.15.
79 Ibid. p.15.
80 Poder: capacidade de actuar sobre sí mesmo e sobre o outros.

Capítulo III - As ações do agenciamento

3.1. Agenciamento reflexivo

O agenciamento é dado como tema recente por parte da teoria e prática da arquitetura. A teoria da arquitetura contemporânea, exige mais ação reflexiva, isto é, a reflexão-em-acção. Prática reflexiva: *"*é a propriedade de se referir a si mesmo. Assim, uma teoria reflexiva cultural levará em conta a sua própria posição e construção como um artefato cultural.*"*[81] Mais ainda, Žižek argumenta que *"*o conhecimento começa com a prática e conhecimento teórico adquirido através da prática deve, então, retornar à prática.*"*[82]

De fato, a teoria hoje está mais comprometida com o "projeto de construir" do que na "arte de construir", no recentrar o papel da teoria na prática projetual, isto é, como refere Isabelle Doucet e Kenny Kupers: *"*se afirmar determinações sócio-econômica da arquitetura, ou a promoção da sua autonomia, os argumentos foram fundados sobre uma inclinação central: a preferência para a teoria como o melhor guia para a criticidade em arquitetura*."*[83] Quando tentamos compreender a natureza da reflexão-na-ação, constata-se um processo influenciado pelas "emoções cognitivas" e pelo contexto social de investigação.

Uma ponte disciplinar pode ser construída na aproximação à pintura moderna desenvolvida na arte abstrata por Jackson Pollock - conhecida como "Action Paiting" (pintar em ação) (fig.7) - através do abandono da tradicional ideia de mimetismo (imitação da natureza ou realismo), para uma prática mais espontânea envolvida de "ação reflexiva". Pollock adopta a técnica de pintar em acção, na concordância intuição-ação. O "pintar", associa-se neste caso à reflexão, e, consequentemente reflexão em ação, intuitiva ou (ir)racional como processo metodológico.

81 Edgar, A., Sedgwick, P., *Cultual Theory, The Key Concepts*, Routledge, Londres e Nova York, p.189.
82 Žižek, Slavoj. Op.Cit. p.61.
83 Doucet, I., Cupers, K., *Why agency and criticality?* In Agency in Architecture: Reframing Criticality in Theory and Practice, Footprint Jornal, Delft, 2009, p.1.

Figura 7 “Action painting”, Jackson Pollock, in http-//www.google.com/imgres?q=jackson+Pollock

De uma abordagem ao nível da arte e da Pintura mais em concreto, a ação reflexiva é explorada pelo domínio da teoria e da prática da arquitetura. Houve um tempo em que a prática detinha um sentido legítimo, isto é, "legitimação na arquitetura foi atuado em rituais no qual regras sagradas de um ofício antigo foram transmitidos de mestre para aprendiz.*"*[84]

Neste sentido, é por norma conhecido o entendimento conclusivo de que pensar não pode guiar sem fazer algo mais, que a teoria não pode guiar a prática, então qual é a sua função? A inteligência humana é baseada em duas operações: "conhecimento abstrato vindo do mundo exterior, geralmente conhecido como apreendizagem, e a projeção desse conhecimento adquirido de novo para o mundo." [85] Este argumento é elaborado por Jeff Hawkins em *On Intelligence*, onde afirma: "teorizar e praticar é sinônimo de "construção do conhecimento e aplicação do conhecimento." [86]

Muitos corpos de conhecimento se organizam através deste padrão. Na realidade, teóricos exercem a sua prática em instituições académicas onde a acumulação de conhecimento é partilhada. Recorde-se a curiosidade de já o historiador e crítico Reyney Banham, num ensaio intitulado "A black box", ter argumentado sobre a abertura para uma conceção arquitetónica incerta, uma conceção centrada na pesquisa sociológica e antropológica (nos conteúdo da caixa-preta). Como Refere: "proponho para tratar o modo arquitectónico ou presença como uma clássica "caixa preta", reconhecendo as sua saídas embora desconhecida dos seus conteúdos.*"*[87] Deste entendimento sobre a conceção arquitecónica, imana um campo vasto possível pela "black box". Funciona como pura investigação aberta, um conteúdo ainda por descobrir.

A concentração do papel da teoria na prática da arquitetura contemporânea é abordada por Gonçalo Furtado no seu *Projecto Crítico*. Uma prática enquanto ato cultural, que indaga internamente o contexto institucional e os seus pressupostos da construção e sua explicita materialização. Esta capacidade de problematizar a disciplina, como intervenção-reflexão arquitetónica sobre o estudo da Modernidade-pós-Moderna, confrontando-se com a tratadística historigráfica na procura de teóricamente resistir ao sistema intitucional e possibilitar formas de atuar. Um Projeto

84 Gardner, E., *Architecture Left to its Own Devices*, The Guide, Volume 22, Archis, Roterdão, 2009. p.27.
85 Ibid. p.28.
86 Ibid.
87 Banham, R., *A Black Box: The Secret profession of Architecture*, In A Critic Writes: Essays Reyner Banham, University of California, Berkeley, 1990. p.293.

Crítico "autónomo ou construtivamente atualizado, motoriza-se pelo questionamento teórico: do mundo da construção em que opera, das expressões físicas das estruturas do poder, dos efeitos da negligente construção Moderna e Pós-Moderna incial, e dos resultados sócio-económicos já inscritos na autoridade da encomenda-cliente."[88]

O termo "Crítica" derivado da teoria crítica pode ser resumida como *"*a imaginação constante, procura, e construção de alternativas.*"*[89] No seguimento da relação entre crítica e ação reflexiva, esta pode ser definida por Raymound Geus como: "refexividade própria e o desejo de mudar o mundo."[90] A prática crítica envolve a reflexividade e ação como forma de operatividade. O contexto cultural da arquitetura crítica forma o debate para uma emergente prática "pós-crítica", entendida como "prática projectiva". Na perspetiva de Murray Fraser, o termo "arquitetura crítica" levanta problematizações, isto é*,* "um modo de prática arquitetónica que se opõe a dominantes vertentes económicas e culturais.*"*[91]

Perante a evolução da crítica prática reflexiva, esta encontra uma nova possibilidade para o arquiteto optimizar a sua função. Geralmente, a prática profissional dos arquitetos é conhecida por serem mais conhecedores do que fazem (prática) do que aquilo que sabem (teoria) ou dizem (discurso). Como refere Donald A. Shon no seu ensaio *The Reflexive Practitioner: How Professionals Think in Action*, *"*eles exibem um tipo de saber, na prática, a maioria dos quais é tátito, na verdade os próprios praticantes muitas vezes revelam uma capacidade de reflexão sobre o seu conhecimento intuitivo no meio da ação e, por vezes, utilizar essa capacidade de lidar com as situações únicas, incerta e conflituosa da prática.*"*[92] O conhecimento profissional da ação encontra-se no próprio questionamento acerca do limite das suas possibilidades do seu direito e da sua liberdade e licença para determinar quem deve ter permissão para uma prática da arquitetura.

Esta particularidade reflexiva está patente "nas acções da arquitetura, aciona o agente social, autónomo e interdependente, presente no profundo questionamento enraizado pela reinvidicação da profissão, em matérias de importância humana: *"*a

88 Furtado, G., *Behind the Pencil: The Construction of the Critical Project*, E.A./Pei, EUA, 2005.
89 Hays, M., Kogog, L., *Twenty projects at the Boundaries of the Architectural Discipline Examined in Relation to the Historical and Contemporary Debates over Autonomy*, in Osman, M., Reudig, A., Seidel, M., Tilney, Lisa, ed. Mining Autonomy, a special issues of Perspecta, 33, 2002, p.58.
90 Geusss, R., *The Idea of Critical Theory: Habermas and the Frankfurt School*, Cambridge University Press, Cambridge, 1981, p.2.
91 Frazer, M., in Rendell, J., *Introduction*: *Critical Architcture: Between Criticism and Design*, Critical Architecture, Rendell, J., Hill, J., Fraser, M., Dorrian, M., Routledge, Nova York, 2007, p.6.
92 Schon, D., *The Reflexive Practitioner: How Professionals Think in Action*, Temple Smith, Londres, 1983, p.8-9.

crise de confiança nas profissões, e talvez também o declínio na auto-imagem profissional, parece estar enraizada num crescente ceticismo sobre a eficácia do profissional no sentido mais amplo, uma reavaliação cética da contribuição real para as sociedades profissionais e bem-estar através da prestação de serviços competentes, com base no conhecimento especial.*"*[93] Assim, a confiança na profissão terá como resposta um envolvimento agenciado, que providência serviços voluntariamente e que, de certa forma, reclama o seu poder.

Em suma, o agenciamento reflexivo terá de enveredar pelo papel transformador do pensamento como uma forma de ação.

3.2. Agenciamento Comunicativo

Na procura de entender paradigma agenciamento em tomar rumo para uma atitude mais comprometida com a sociedade, é feita a ponte disciplinar do agenciamento reflexivo para o comunicativo. A ação comunicativa surge perante a necessidade de exteriorizar para a sociedade a capacidade do indivíduo de comunicar.

Comunicação do latim *communicatiōne*, entente-se por: *"acto ou efeito de comunicar."*[94] Antes de mais, comunicação é algo natural ao homem. Na sua essência, comunicação é uma forma de ação. O uso comum do termo é referido como uma variedade de fenómenos naturais como a fala, diálogo ou conversa, como na média de massas, na interação animal ou na forma mais conservadora de expressão. No entanto comunicação é uma técnica. Técnica devirada do grego *Téchné*, designado por Aristóteles como uma prática artística e como prática de conhecimento, em que, "techné como prática significava tanto o processo de produção de coisas no mundo (artesanato, por exemplo) e a capacidade ou conhecimento de contingência - conhecimento prático - que permite e conta para a produção. *"*[95] A criação e a consequente transformação da comunicação é uma técnica ativa. Assim, a técnica, incorpora a comunicação como instrumento cultivado. Todavia, a capacidade de fazer algo não está diretamente relacionado com conhecimento formal, mas no conhecimento que requer o uso da memória na aprendizagem ou ação. Nesta matéria

93 - Ibid. p.13.
94 Infopédia, *comunicação*, *Dicinário Editora* da Língua Portuguesa, in http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/comunicação.
95 Aristotle, *Nicomachean Ethics*, trad. Ostwald, M., IN: Bobbs-Merrill, Indianapolis. 1962, Book VI, Ch. 3-4, in Society: Critical Concepts in Sociology, ed. Nico Stehr, Reiner Grundman, Routledge, Call No: HM511 .S644 2009 v.1 BAarcode: C103166677, University of California Library, Berkeley, 2009.

de técnica como tecnologia, surge Lewis Mumford afirmando: *"*é ligação vital entre todo o movimento físico e expressão.*"*[96] Mumford proclama a importância da linguagem, do discurso e outras ferramentas sociológicas e antropológicas da técnica e processo de normalização de padrão histórico perante o aumento das tecnologias. Desta perspectiva moderna retiramos a comunicação técnica e tecnológica. Da modernidade à pós-modernidade, diríamos que os seres humanos têm cada vez mais dificuldades em "projectar" para além das "tecnologias" pré-estabelecidas.

Implicações mais amplas do estudo da comunicação, sugeridas pelo interesse da sociologia e comunicação, são vistas através da ligação entre comunicação e comunidade. Voltando a Aristóteles, um estado é uma comunidade unida pela comunicação das perspetivas diversas dentro dela. Comunicação é o que mantém uma comunidade unida. O valor político e moral da comunidade pode portanto ser analisado em termos comunicativos e a própria comunicação em si. Assim, para Fernando Lisboa, o filósofo da ciência comunicativa Charles Sanders Peirce, projetou uma comunidade científica ideal, *"*a comunicação poderia ser livre e aberta entre todos os participantes.*"*[97] A abertura da comunicação é assim apresentada como uma condição de conhecimento ou infomação. Neste âmbito, Jürgen Habermas desenvolve a ideia de comunicação associada à noção de discurso argumentativo racional. Habermas utiliza o conceito para descrever ações cooperativas realizadas por indivíduos com base na deliberação mútua e argumentação. Na sua obra *The theory of Communicative Action*, é possível observar a capacidade humana para a racionalidade: *"*as condições da racionalidade comunicativa, pela qual podemos explicar a reprodução simbólica do mundo da vida de um grupo social, desta forma, se abordar o assunto do ponto de vista interno.*"*[98] Ação comunicativa é uma acção com base nesse processo deliberativo, onde dois ou mais indivíduos interagem e coordenam a sua ação de acordo com as interpretações da situação. Esta distingue-se como*:* "o modelo sujeito-objeto da filosofia da consciência foi atacado por duas frentes - pela filosofia analítica da linguagem e pela teoria psicológica do comportamento.*"*[99] Perante estas observações, volta a referir *"*que uma espécie depende para sua sobrevivência e sobre as estruturas de comunicação linguística e cooperativa, a ação racional-intencional tem

96 Mumford, L., *The myth of the machine: Technics and human development*, Vol 1, Harcourt, Brace and World, Nova York, 1966.
97 Lisboa, F., O pragamatismo in a *ideia de Projecto em Charles S.Pierce ou da teoria do projecto considerada como uma semiótica*, Edições FAUP, Porto, 2005, p.152.
98 Habermas, J.*, The theory of Communicative action: The critique of funcionalist reason*, Polity Press, Cambridge, 1981. p.2.
99 Ibid.

necessidade realmente na razão"[100] Mais ainda, na seu ensaio intitulado *Public Sphere*, afirma brevemente o significado da comunicação na sua próxima relação com a sociedade (civil): "Em primeiro lugar um reino da nossa vida social em algo que se aproxima da opinião pública e pode ser formado / .. / A proporção da esfera pública surge em todas as conversas em que os particulares se reúnem para formar um organismo público."[101] A "esfera pública" é então o "lugar" da discussão entre cidadãos, onde a opinião é formada e clarificada e onde a voz do "outro" é ouvida. A finalidade do agenciamento comunicativo procura o alcance individual e coletivo subentendido de transformação social, e torna-se "vital para a criação de espaços globais de política para as mudanças sociais pela comunicação."[102] Em suma, o agenciamento aliado à comunicação, é, de fato, um intrumentos capaz de potencializar a ação.

3.3 Agenciamento Político

Na última década, temos assistido a posturas políticas de recalibração relativamente ao capitalismo global. Na sequência dessas mudanças políticas, a prática da arquitetura mudou e o seu impacto na disciplina exige mais investigação teórica. A natureza da política *per se,* é geralmente vista como um processo de agenciamento, ao invés de estruturação - ação enraizada pelas motivações individuais ou coletivas. Agenciamento político, "obtém quando se é viável, isto é, relevantes mecanismos políticos, legais e sociais estão no local para operar as mudanças necessárias no sistema, e quando o resultado da ação política é sustentável, ou seja, tem uma chance de sobreviver sem romper os laços sociais existentes, e assim gerar um sentimento de coletividade que é susceptível de suportar ao longo do tempo"[103] A contradição central entre agenciamento e estruturação.

Hoje, a ciência política (o estudo sistemático da política) sofre de ambiguidade, senão de esquizofrenia. No papel das instituições estruturais, como refere Mohan Dutta , "o agenciamento é promulgado em relação as estruturas dominantes. Mesmo como estruturas definem a paleta no qual o terreno do agenciamento são constituídos,

100 Habermas, J., in Dews, P., *Autonomy and Solidarity*, Interviews With Jurgen Habermas, Routledge, Londres, 1992, p. 51. In Op.cit.
101 Habermas, J., *The public sphere: An encyclopaedia article*, *New German Critique*, Londres, 1974, p.49.
102 ver Frey, L., Carragee, K., *Communication activism: Communication for social change*, NJ:Hampton. Cresskil, 2006.
103 Ypi, L., *Global Justice and Avant-Garde Political Agency*, Oxford University Press, Nova York, 2012. p.131.

estes terrenos de agenciamento criaem aberturas para perturbar e transformar essas estruturas.*"*[104] A ciência social é caracterizada por uma inerente contradição problemática. Na opiniçao do sociólogo Philips Cerny no seu trabalho intitulado *The Changing Architecture of Politics,* o núcleo diferencial que estabelece o funcionamento das estruturas parece existir na falta de relações políticas entre estruturas institucionais governamentais e o agenciamento da sociedade civil. O atual padrão de restrição (e oportunidade), é em si, *"*o fluxo dinâmico filtrando e transformando as escolhas e ações dos agentes de forma a poder reforçar e modificar estruturas existentes (ou ambos ao mesmo tempo) de formas complexas.*"*[105] Assim, Política Estrutural consiste num processo de estabilidade e mudança, desenvolvido numa relação contínua dinâmica que influencia a capacidade de decisão política como forma de agenciamento público. A característica príncipal do agente é então a capacidade de decidir o que fazer e realizar. Portanto, o entendimento de agenciamento político está para lá do papel mediador e determinante. Como refere Paula Baltazar e Slike Kapp, *"*agenciamento como a capacidade de iniciar objetivamente transformação social.*"*[106] O agenciamento político não procura agir em nome de uma única pessoa, mas sim colectiva e voluntariamente. No entanto, existem muitos agentes sem qualquer agenciamento, sendo as ações de produção ou reprodução de ordem espacial, expressas sem ter nenhuma decisão acerca das capacidade subjetivas ou do objetivo das condições para a ação política. Mais ainda, agenciamento político refere a capacidade de potenciar a ação de cada um visando uma ação colectiva. Na atual sociedade da informação, esta capacidade de ação coletiva pode ser suportada por um agenciamento transmitido pela distribuição de agentes aos indivíduos locais através de meios de rede, isto é, como Doug McAdam escreveu: *"*é lá nos grupos existentes ou redes associativas da comunidade lesada que os primeiro passos do agrupamento são tomadas para a ação coletiva.*"*[107] O debate arquitetónico em torno das tecnologias de comunicação como intrumento político, e portanto, de alcance coletivo, está explícito nas agências de *inteligência artificial* (IA). O agenciamento torna-se uma intermediação abstrata, ou a premissa de um agente atuar como tradutor e cuja tarefa permite multiplicar-se. *IA*, presume a

104 Dutta, M., *Enacting agency Communicating Social Change: Structure, Culture and Agency*, Routledge, in HM 831D88 Main (Gardner) Stacks, University of California, 2011, p.93.
105 Cerny, P., *The changing Architecture of Politics: Structure, Agency, and the Future of the State*, Sage, Londres, Newbury, New Delhi, 1990. p.4.
106 Baltazar, P., Kapp, S., *Against determination, Beyond mediation: The idea of Political Agency*, in Kossack, F., et al, *Agency: Working with uncertain architectures*, Routledge, Nova York, 2010, p.132.
107 McAdam, D., *Beyond Strutural Analysis: Towards a more dynamics understanding of social movements*, in Diani, McAdam, Social Movements and Networks, 2001 p.284.

existência de máquinas ou interfaces que medeiam a relação entre agentes humanos e não-humanos. (fig. 8+9) Assim, *IA* refere Hendrick Passoth no seu trabalho sobre agenciamento sem atores: *"*abstrair do agenciamento como uma propriedade humana, a fim de descentrar o sujeito humano para interrogar o dualismo sujeito / objeto modernista no seu lugar.*"*[108] Recentemente, escritores empregaram uma diversidade de assuntos teóricos e científicos. Os estudos contemporâneos intuem que" as ciências modernas e práticas científicas desempenham um papel fundamental na forma como o agenciamento é conceptualizado."[109]

Bruno Latour, em particular, indagou sobre as atuais posturas, e sobre o nosso esperado encarnar de papéis de mediador e discursividade: "o que aconteceu ao espírito crítico? Terá ele perdido a sua força...Não seremos nós como aqueles brinquedos mecânicos que infinitamente fazem o mesmo gesto quando tudo o resto mudou à sua volta?"[110] No seu ensaio *Actor-networker-theory*, Latour explora o conceito de ação humana (e não humana), em que a cultura e a tecnologia problematizam o que denomina por matérias de interesse ("matters of concern") mais do que matérias de facto. Isto é, coisas mais que objetos. Ressalve-se, no entanto, que no âmbito desta dissertação, a ideia de agenciamento não resvala para contradição no que respeita à passagem a formas de agenciamento. Como refere Judith Butler, "A linguagem é, afinal, "pensado", isto é, posto ou constituído como "agenciamento". No entanto, é como a agenciamento é pensado: a substituição figural torna o pensamento do agenciamento da linguagem possível"[111]

108 Passoth, J., Peuker, B., Schillmeir, M., Introduction in *Agency without actors?: New approaches to collective action*, Routledge, Londres, 2012. p.1.
109 - ver Biagioli, M. *The Science Studies Reader*, Routledge, Londres, 1999.
110 Latour, B., *Why Has critique Run out of Steam?: From Matters of Fact to Matters of Concern*, in Critical Inquiry,V.30, N.2, University Chicago Press, Chicago,, 2004, p.225.
111 Butler,J., Introduction: On Linguistic Vulnerability, in *Excitable speech, A Politics of the Performative*; Routledge, Nova York, 1997, p.7.

Figura 8 “Augmented Hyper Reality: Domestic Robocop”, por Keiichi Matsuda (Bartlett School of Architecture) – UK, 2010 in http://www.keiichimatsuda.com/
Figura 9 “Immersion “ por Banjamin Edwards, 2004, Acrílico e textura media sobre canvas, in http://www.benjaminedwards.net/Studio/immersion%20directory.htm

Voltando a Latour, a questão política relacionada com o agenciamento humano (e não-humano), consequentemente remete para relações sociais dependendo de *"*como os seres humanos e não-humanos interagem e tem efeito entre si. Agenciamento, entendido como, o efeito de "coletivos" que apontam e criaem a heterogeneidade dos atores.*"*[112] A fim de recuperar o foco e a credibilidade, o agenciamento pretende recuperar o enfoque e a credibilidade, isto é, deixa de enfatizar a resolução de contradições (inerente à dialéctica da linguagem e à crítica); admitindo-as mais que aboli-las se necessário. Neste sentido, um ato, tanto político como arquitetónico, deve também assumir riscos sobre si mesmo, sem garantias. Nas palavras de Žižek: "O ato ocorre em caso de emergência quando se tem que assumir o risco e agir sem qualquer legitimação"[113]... Qualquer coisa que bloqueie este poder de agir é apenas um obstáculo a superar - um obstáculo que é, eventualmente, flanqueados, enfraquecido, e esmagado pelos poderes críticos"[114] Mais ainda, Latour explica: "o espírito crítico, é para se renovar e ser relevante outra vez, encontra-se no cultivo de uma atitude realista teimosa...um realismo lidando com...questões de interesse, não questões de fato.*"*[115] Neste sentido, interagir consiste em comunicar tanto uma troca de informação como uma transformação mútua desses mesmos processos de troca, onde a arquitetura pode ser entendida por leis naturais de processos de agenciamento tecnológicos. A fim de permitir uma viável vertente política de arquitetura, de acordo com as novas formas tecnológicas, o arquiteto pode alternadamente intervir políticamente como agente por excelência, como mediador de agenciamentos, como também através do uso de tecnologias.

No entanto, outras abordagens reconhecem que as premissas de uma "arquitetura cognitiva"[116] como a *Soar cognitive Architecture*, está presente no recente aumento da população relativamente às tecnologias na sociedade da informação e comunicação; na análise da biopolítica expandida num pensamento a-político. Como refere Deborah Hauptmann num ensaio intitulado *Noo-Architecture & the Internet of-Things*, estas questões permanecem à política no impacto do nosso pensamento e por instantes, em novas e emergentes formas de relacionamento entre *"*objetos ou coisas tomada em algo no agenciamento sensitivo (*sentiente)*, uma vez

112 Latour, B., *Mixing Humans and Nonhumans Toghether: The Sociology of the Door Closer*, Ecologies of knowledge: Work and politics in Science and technology, State University of New York Press, Albany, 1995, p.298-310.
113 Žižek,S., *Welcome to the Desert of the Real!,* Verso, Nova York, 2002, p.153.
114 Žižek,S., *The political Suspension of the Ethical*, in Less than nothing:Hegel and the shadow of dialectical materialism, New Left Books, Nova York, 2012, p.690-725.
115 Latour, B., Op.cit. p.231.
116 Ver, entre outros, Laird, J., *The Soar Cognitive,* The MIT Press, Massachusetts, 2012, in https://mitpress.mit.edu/authors/john-laird

concebido como exclusivamente dentro do domínio da cognição e da ação humana.*"*[117] Como também argumenta Tarde, os média providenciaram condições para *"*a ação à distância da mente no outro, durante todo o poder do cérebro com efeito/qual é mediada e enriquecida pela tecnologia.*"*[118] Nesta nova compreensão sobre a relação do sujeito é expandida em *"*novas forças e formas de interfaces virtuo-reais (redes, nós, links, códigos) entre igualmente novas formas como fator agente.*"*[119] Como Jaques Rancière descreve em *Distribuition of the sensible*, "estes novos meios desempenham um papel importante na nova imagem global que opera com modelos tecnológicos inseridos no social, na política, na tecnologia e conceção da prática da arquitetura". Esta contribuição relacionada em particular com a noção de arquitetura cognitiva, destaca-se no importante debate em torno da agenciamento sensorial. O trabalho de Jordan Crandall em *Movement, agency and sensing: A Performative Theory of the Event* (fig. 10+11), expõe *"*leituras diferentes de proximidade e distância, de coordenadas (coordenadas) de eventos espaço-temporais e cognitivo-sensorial.*"*[120] A autora apresenta ambos os agenciamentos humanos e não-humanos, onde a interacção das tecnologias da informação agenciam articulações sensoriais através da visão, luz, tato, odor entre outros. Como refere Crandall*:* "A leitura do agenciamento, de aparelhos e dispositivos pro-estéticos de extensão que tanto se expande e contrai percepções humanas e ação e percepções não-humana no reino que só mesmo a imaginação agora é capaz de tocar."[121] Assim, este entendimento de agenciamento é estabelecido por uma pesquisa cognitiva que apela aos sentidos, à abstracção e à ação através de meios tecnológicos, com o qual os agentes podem operar. A omnipresença gerada no mundo exponencial da posição tecnológica do agenciamento político evolui para considerações onde a prática do agenciamento, é avaliada como um potencial transformador do caráter social.

117 Hauptmann, D., *Noo-Architecture & the Internet of-Things*, in Internet of Things, Volume 28, Roterdão, 2011. p.8.
118 Ibid. Hauptmann, D., *Noo-Architecture & the Internet of-Things*, in Internet of Things, Volume 28, Roterdão, 2011. p.16
119 Ibid. Rancière, J.
120 Ibid.
121 Ibid.

Figura 10 “La Fracture Numérique”; Valérie de la chapelle et Marina Wainer, in http://www.ophelie.net/index.php/General/2009/08
Figura 11 “Ophélie dans une épaisseur d'illusion”, installation de Valérie de la chapelle et Marina Wainer in op.cit.

IV- Por detrás do projeto: Arquitetura não solicitada

Nos últimos anos de consecutivas crises financeiras, o sistema neoliberal ideológico foi questionado e debatido mais precisamente. As imensas dívidas que foram contraídas do consumismo festivo de anos anteriores exigiu uma recalibração dos gastos públicos e privados. Inicialmente, a privatização foi descrita para o público como liberdade de escolha. Neste contexto, a privatização como refere Arjen entende-se por: *"*como a transferência de serviço público para o sector privado."[122] Todavia, os valores do mercado corrente estão dirigidos por uma diminuição do setor público. A privatização terá agora de definir o setor público. É por isso que a arquitetura precisa de estar relacionada com os interesses privados do capitalismo. Hoje, a mensagem remete para as leis de mercado do sistema neoliberal, político, económico, em que a profissão sofre de passividade. A profissão parece ter medo de si própria, das contrariedades que envolvem todo o processo arquitetónico. Realmente, faz falta um posicionamento diferente, com a ambição das dinâmicas do mercado económico. Na opinião de Rem Kollhaas no seu ensaio intitulado *Beyond the Office,* a arquitetura, na sua vertente empreendedora, surge como possibilidade real onde a arquitetura pode emergir: *"*para o arquiteto, a força da identidade da arquitetura é tão constrangedora e tem tal gravidade autoritária que se torna difícil encontrar o momento para escapar. *"*[123]

Perante a falta de encontrar alternativas face à situação de precaridade da profissão, a frustração do arquiteto reside no seu papel de mediador de edifícios. A arquitetura deve, alternadamente escapar ou adotar uma dimensão adicional, encontrar novas trajetórias, e, em alguns casos, transgredir o impasse ideológico da profissão, e conscientemente acomodar a nossa identidade à realidade de forma própria. Mais e mais a libertação mental, comunicativa e ativa da arquitetura tem sido castrada pelas forças do capitalismo. Podemos continuar a pensar que vivemos numa era pós-ideológica, mas na mais vulgar realidade do quotidiano vivemos ainda; somos constrangidos por ela. Portanto, não estamos em tempo de grandes utopias radicais, mas de avanços conscientes e propositivos. É crescente a consciência de que o poder e a produção passa pelas "mãos" de todos. A intervenção não passa por lutar contra o sistema mas por agir de acordo com o sistema do qual fazemos parte e assim construir

122 Oosterman, A., Volume for Sale, in *privatize!*, *Voume* 30. Archis, Roterdão, 2011, p.2.
123 Koolhass, R., *Architecture must go beyond itself*: *Beyond the Office*, Volume vol. 1, Archis.NL, Roterdão, 2005, p.6

processos. Cada vez mais os arquitetos se tornam produtores e isso traz consigo a necessidade de agir de acordo com as "regras do jogo".

Esta dificuldade reside no fato do projeto remeter apenas para o desenho e construção do edifício, sem nunca realmente se envolver políticamente desde a representação expressiva ou conteúdos simbólicos, isto é, vomo refere Roemer Van Toorn: "Arquitetura é sempre mais do que aquilo pelo qual objetos autónomos se situa em primeiro plano: arquitetura é uma estética relacional. Uma política de aparência no espaço."[124] Foi a isto que Frederic Jameson apelou de "inconsciente político", isto é, "há uma mensagem de código num forma de jogo arquitetónica, e a mensagem entregue por um edifício, muitas vezes funciona como o "retorno do reprimido" da ideologia oficial."[125] Uma aproximação à leitura crítica ideológica traz de novo à superfície, a questão do inconsciente em relação à representação política do edifício, envolvendo uma preposição preciosa no intuito de compreender os signos "mudos" que estão por detrás dos edifícios. O que pode ser interpretado "por detrás do projecto" é o que Wittgenstein apela de "retorno do repressado", afirmando a ideia que, o que não se pode falar directamente, é expresso na forma ideológica oficial da nossa actividade através dos edifícios.

A ideologia predominante é hoje definida por Žižek de "*Mais por Menos"*. A relação paradoxal entre mais e menos, pode ser vista sociologicamente na lacuna existente entre, o indivíduo socializado pelo sistema capitalista: através de títulos, graduações, etc, e a sua condição existêncial enquanto homem, isto é, nunca se está realmente ao nível do seu estatuto (menos por definição), mas ao mesmo tempo, o menos é mais, o individuo não é apenas um ser em si, mas um ser com estatuto. No seguimento do referido, a ideologia de mercado remete para a analogia mercantilista: o menos no sentido proverbial, "é algo subtraído do preço total", os produtos sempre têm o valor total subtraído por um cêntimo - 0.99€ - (fig.12), e nunca o valor por inteiro.

124 Roemer, T., *Looking through space: The politics of appearance*, Introduction, in High-Rise & Common Ground Art and the Amsterdam Zuidas Area, ed. Boomgaars, J., Valiz Amsterdam 1, Amsterdão, 2009, pp.5.
125 Jameson, F.,in Žižek, S., *Architectural Parallax: Sprandrels and Other Phenomena of Class Struggle,* http://www.lacan.com/.

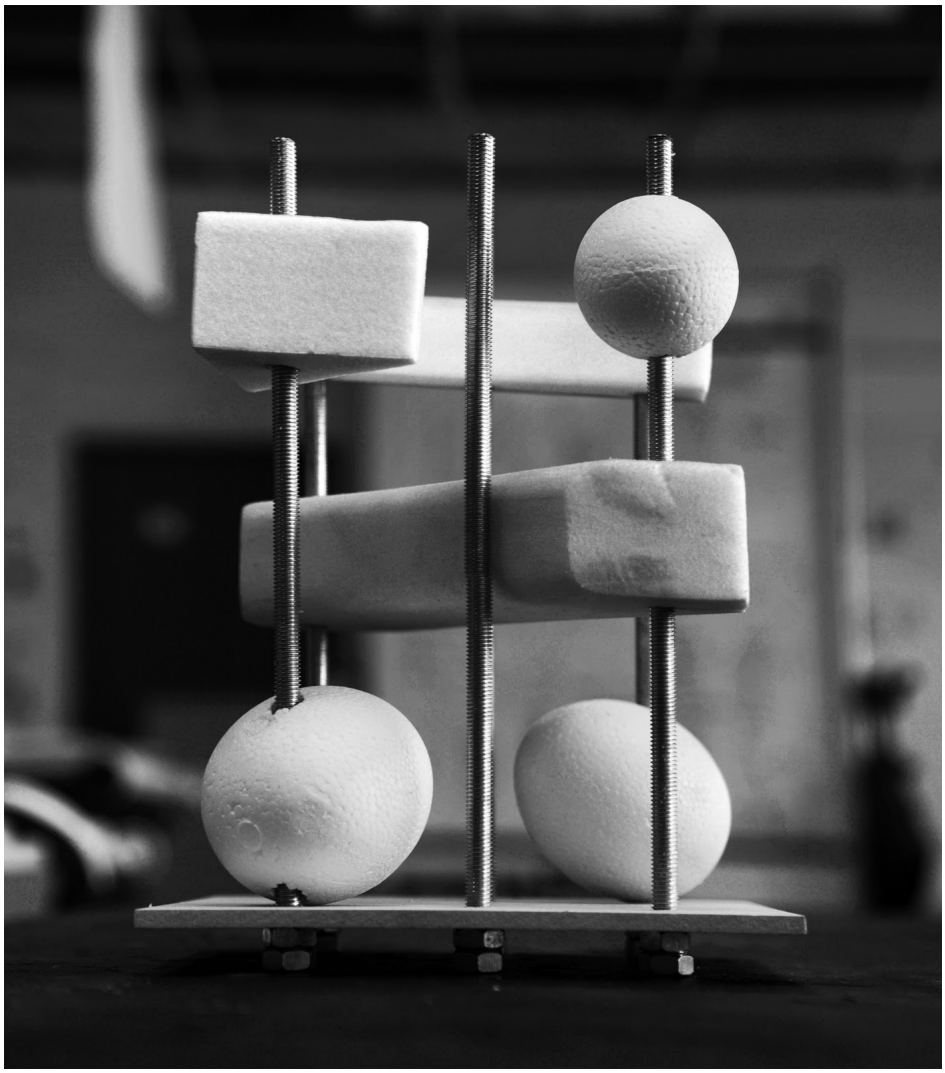


Figura 12 “99 Cents” por Andreas Gursky. 1999. Chromogenic color print., Matthew Marks Gallery, Nova York,e Monika Sprüth Galerie, Cologne, 2001, in http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2001/gursky/
Figura 13 “Très Biblioteques de France”, OMA in http://oma.eu/

Neste sentido, a relação com a arquitetura, no que refere à sociedade de consumo e os seus mecanismos políticos - embebidos de expressão ideológica. É observado, a título de curiosidade, um projeto contemporâneo, como referência material no que separa o interior do exterior. Esta relação está presente no projeto de Rem Koolhass para a *Très Grande Bibiotèque de France* (fig.13), onde o ”envelope” é simplesmente uma grande caixa neutra, que no seu interior contêm múltiplas funções. Ou seja, exteriormente, esta apresenta uma expressão neutra e universal de uma geometria depurada sob a forma de cubo, e interiormente pela diversidade de espaços possibilitados por programa em si multifuncional. Da comunicação expressiva do objeto, o que se obtém mais a vista de menos. O potencial ideológico no agenciamento arquitetónico ganha uma nova dimensão. A possibilidade de enveredar na transversalidade do projeto um ponto de vista onde todas as partes convergem. A imagem corrente do escritório de arquitetura existe na contradição entre a figura do arquiteto radical em relação à instituição, e a tradicional ideia passiva de trabalhar por encomenda. Como refere Theodoro Georgeen: *“*desta forma, o arquiteto serve duplamente: por um lado, como um profissional prestador de serviços e, por outro como um ativista defendendo uma causa específica ou um resultado*”*[126] O papel do arquiteto sofre da precariedade de demanda (seja pública ou privada), devido ao risco acautelado apreendido pela situação de crise global que assim leva ao impasse da actividade. (fig.14) De fato, a arquitetura pertence ao leque de profissões que não beneficiam das dinâmicas do mercado económico neoliberal. Nem o “Starsystem” hoje beneficia do sector privado. (fig.15) O status do arquiteto é reduzido ao serviço de mediação, permanecendo passivo enquanto outras profissão solicitam. A arquitetura tem de construir a sua própria agenda.

O agenciamento como ferramenta concetual aumenta o autonomia do arquiteto, como modo de liberdade inteletual. Novas atitudes estão emergindo, o agenciamento pode abrir novos territórios inexplorados pela reflexão, comunicação e ação, de forma perceber que estas fazem parte de uma constelação de ideologias que influenciaram a arquitetura do século XX como uma intensa relação com a evolução do homem com as épocas. Atualmente, os arquitectos têm de construir um escritório, ou atelier de arquitetura, mas também uma agência, uma infraestrutura de investigação sobre os conteúdos mais diversos, vendo outros modos de operação.

126 Georgeen, T., *Activist Architect: Add an Agenda*, in Agency and the Praxis of Activism, Field: volume 3, issue 1 Delft, 2009, p.68.

Figura 14 “Unemployee of the year” in http://unhate.benetton.com/unemployee-of-the-year/community/wall

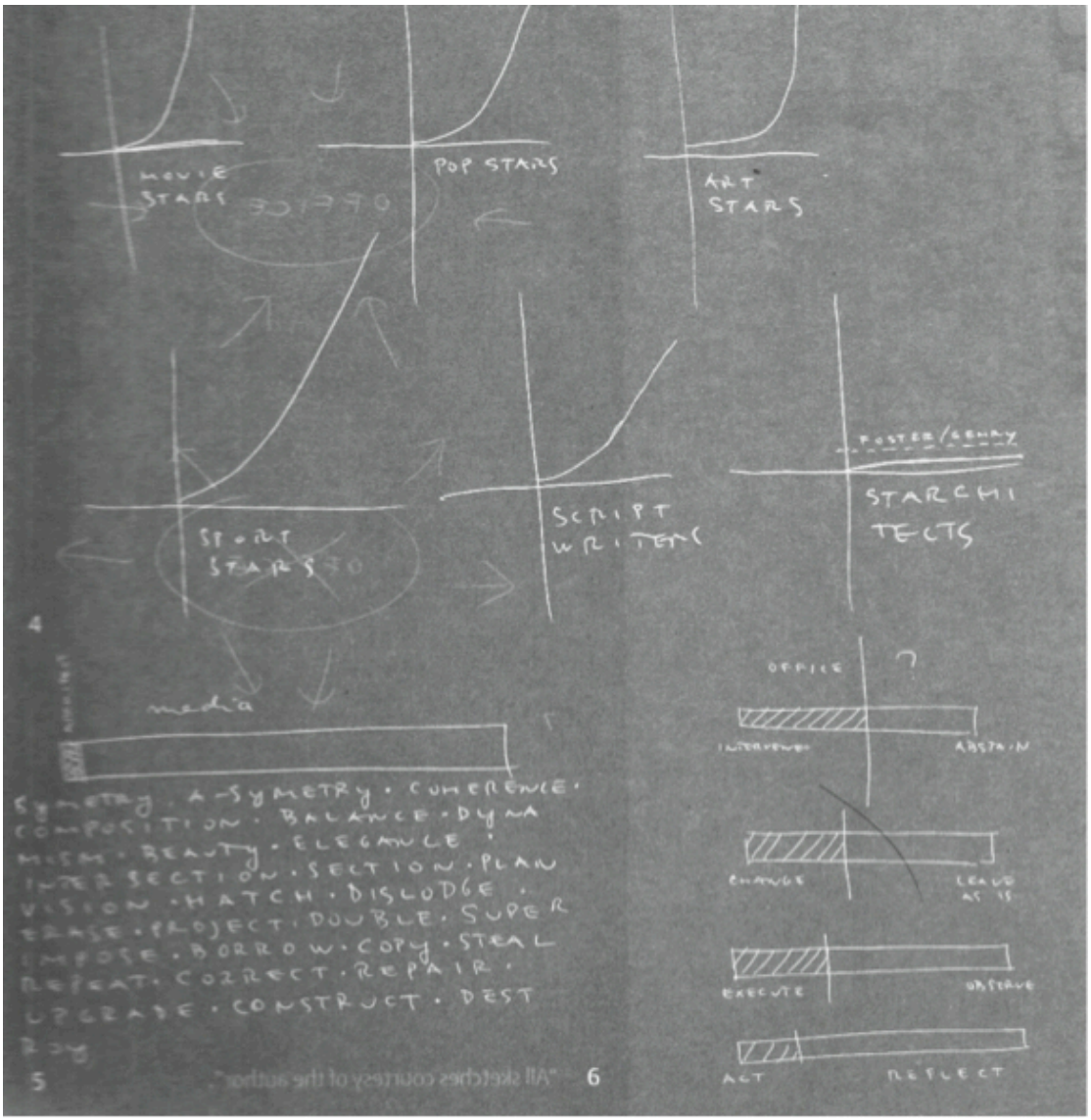


Figura 15 “Beyond the Office “, Rem Kollhass, in Volume vol. 1.

Tanto a reflexão, comunicação e a ação não solicitada podem ter uma expressão, a vida cultural do dia-a-dia pode incorporar uma possibilidade viável, senão decisiva, para o atuar de novas formas de intervenção. O imperativo domínio virtual, formam novas relações de cooperação que dão hoje forma ao que construímos. A arquitetura reinvidica uma pequena parte daquilo que comunica e observa. Este pressuposto pode realmente ser um fator de mudança social, uma força de transformação coletiva, pois acarreta consigo as formas ideias para atinguir modos de ação agenciada, isto é, só se alcança um acumular da acção associada a vontade, razão e desejo. Só depois, pela acumulação dos mesmos a possibilidade de uma ação agenciada emerge. O papel mutativo da história patente nas três ideologias da modernidade (ver capítulo I), possibilita uma atitude agenciada pela convicção de que o arquiteto é, *"*primeiro e acima de tudo um inteletual público, um sintetizador ativista de diversas formas de conhecimento, um comentarista eloquente sobre o mundo.*"*[127]

Como ponto de partida, o potencial da arquitetura tem de estar mais próximo do que acontece com a presente situação mundial, e começar a estabelecer a sua própria identidade local. Regenerar novas formas de conhecimento e de relacionamento, que se enquandram em novos processos silmultaneamente direcionado pelo imperativos económicos, numa permanente mobilidade e liberdade inteletual. Definitivamente, a arquitetura perdeu a sua áurea de Deusa, o que hoje é aparece sobre o diagrama dos mercados económicos globais. (fig.16+17)

127 Wigley, M., *Towards a Perforated School*, in Volume vol. 1, Architecture must go beyond itself, Archis.NL, Roterdão, 2005, p.36.

Figura 16 “Parthenon acropolis” in www.yourpictureframes.com
Figura 17 “Y€$” in http://oma.eu/

Cada vez mais, é pedido ao arquiteto a produção de obras de arte por incríveis baixos custos. Como refere Tom Frantzen num ensaio intitulado *Architect as Entrepreneur*: "os desenvolvedores visam o período de explicação e de custos mais baixos. O seu interesse é vender rapidamente ao melhor preço! "[128] Os efeitos colaterais da economia global levam à precariedade da própria porfissão em geral. Este parece dominar o universo contemporâneo no que refere a mudanças do trabalho, tornando-se assim a ideia principal dos movimentos sociais e políticos.

Nesta perspetiva de mudança - de alguma forma dramáticas para a profissão -, o arquiteto é confrontado com um desafio maior. O problema da grande escala, da industrialização que ameaça tornar o papel do arquiteto supérfluo, da crescente espacialização, do arquiteto-artista que também ameaçou a marginalização social, exigiu ao arquiteto posicionamento e atitude. O agenciamento tem como interesse a pesquisa de novos endereços ou modelos de práticas arquitetónicas, no enfrentar as grandes questões sociais e políticas que se apresentam. Os modelos de hoje precisam de ser mais colaborativos, interdisciplinares e participativos, mais comunicativos e éticamente orientados para a voluntariedade social política, e sobretudo, com ambição profissional. Porém, o agenciamento trabalha no desenvolvimento do contexto onde a pesquisa pode ser refletida, condições em que a prática do arquiteto voluntário e envolvido pode ser possível. Agenciamento e arquitetura surge como forma de atuar perante a situação atual de precaridade e insatisfação. Como refere Octávio Lixa Filgueiras: "O arquiteto, em face de um mecenas-senhor absoluto, cuja grandeza é preciso enaltecer, como antes o fora a da divindade, e cujas, falhas e defeitos era necessário encobrir, ou esquecer, trabalha para as pequenas glórias do mundo."[129] Porém, para obter a tão desejada liberdade é necessário em primeiro lugar um comprometimento com a própria prática e profissão institucionalizada. A ética do arquiteto sempre existitu, e permence na contemporaneidade como fator de importância menor, perante a dada "irresponsabilidade". Perante este esforço de libertação, a ética procura situações em si de maior elaboração crítica, capaz de subverter a expressão negativa e cumplice da circunstância e do oportunismo, onde a função do arquiteto reina o problema da responsabilidade, um interrogar sobre o seu verdadeiro valor, como também em todo o seu processo, uma nova atitude e

128 Frantzen, T., *Architect as Entrepreneur* in Volume vol. 30, Privatize!, Archis, Roterdão, 2011 p.154.
129 Filgueiras, L., *Da função social do arquitecto : Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*, prefácio de Almeida, P., ed. E.S.B.A.P., Porto, 1985., p.141.

posição.[130] Como refere Pedro Vieira de Almeida: "com maior rigor eu diria talvez que mais do que se por em abstrato o problema da responsabilidade social do arquiteto, hoje se põe em concreto, o problema da (i)responsabilidade social dos arquitetos."[131] A responsabilidade do arquiteto remete para a questão social do projeto entendido como intervenção política. É necessário operar mediante posturas alternativas de ação política diluidas nos padrões da económica e do quotidiano em padrões possíveis à transformação **voluntária** do arquiteto (fig. 18). Todavia, mais do que explicitar a relação agenciamento não programando, mas sim "antevendo" um "por vir" alternativo premeditado, no qual o arquiteto antevê um espaço outro para intervir. Na aceitação das posição empregues, agenciamento pode ser descrita por Tajana Schneider como, *"*um sentido de agenciamento também é o aceitar um novo sentido do que pode significar ser um arquiteto, no qual falta de um futuro premeditado, é visto como uma oportunidade e não uma ameaça.*"*[132] A apropriação da incerteza enquanto potencial de um futuro não-premeditado a priori, desafia as normas pré-estabelecidas do comportamento profissional, não subestimando o papel agenciado, na argumentação de que esse conhecimento deve ser definido interiormente através de novas formas do agir, e portanto, de agenciamento. Como refere Jeremy Till em relação a posição proferida por Giddens: *"*é agir com intento e propósito, mas esse presupõe não ser adequadamente definido (..) como dependente da aplicação de procedimentos aprendidos*"*[133]

130 ver Crawford, M., *Can Architects be responsible?,* in Out of Site: A social Criticism of Architecture, ed. Ghirardo, D., 1990.
131 Almeida, P., *Introdução*: *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura,* livros Horizontes, Lisboa, 2008. p.20.
132 Schneider, T., Till, J., *Beyond Discourse: Notes on Spatial Agency,* in Agency in Architecture: Reframing Criticality in Theory and Practice, Footprint Jornal, Delft, 2009, p. 98.
133 Ibid.

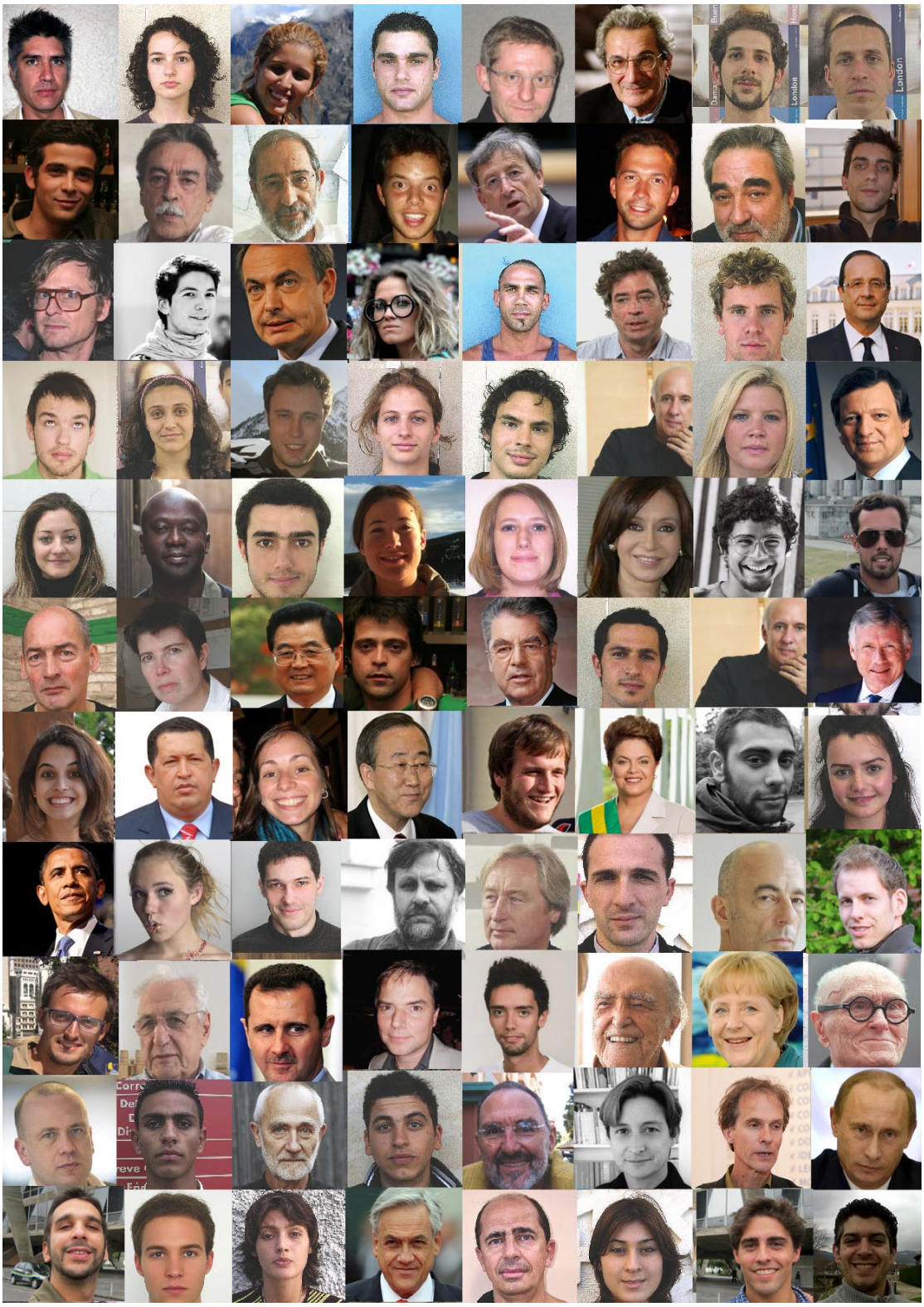


Figura 18 “O arquitecto como animal político comum”. Produção própria sobre fontes várias

A capacidade da arquitetura expressar os essenciais momentos da nossa civilização tem vindo a perder o seu poder cultural. O mesmo acontece com todo o processo no qual o objeto emerge, isto é, *"*o que resta ou substitui o arquiteto-feito objeto, na ausência de muita outras representações da árvore-dimensional, é um modelo esquemático muitas vezes feito após o fato para documentar estruturas existentes ou projetos acabados. Estes esquemas depois do fato, não têm a natureza provisória e imaginativa do modelo experimental do arquiteto, bem como a variedade de ator-de-voz que os trazem à existência e os faz viver uma vida dinâmica e intensiva no escritório de arquitetura. O modelo "fechado" tende a esvaziar a obra de arte, bem como ao conjunto de polêmicas entre os atores: Clientes, consultores técnicos, futuros usuários, comunidade, concelho da cidade, média e público em geral.*"*[134] O projeto agenciado a nível profissional pode também ser entendido por "infraestrutura" reflexiva, comunicativa e ativa de investigação e estudo de projeto, como forma de potenciar futuros incertos, isto é, *"*organizações devem ambas, resolver problemas do dia-a-dia e gerar futuros desejados*."*[135]

Como ponto de partida, interessa reter que a arquitetura confere uma possibilidade ao homem de ir aferindo constantemente a sua relação com o mundo. Para que tal relação esteja em permanente adaptação, a arquitetura, tal como qualquer outra atividade do homem, deverá ser praticada simultaneamente com liberdade e responsabilidade. Só dessa forma é possível sonhar e questionar, nomeadamente sobre normas estabelecidas que por alguma razão tenham deixado de fazer sentido. Este modo de proceder, é vital para que a arquitetura possa incorporar o carácter transformador que lhe é inerente. Neste sentido, a tentativa de ultrapassar o "dominante" sistema tem como acão uma certa transgressão social: "A questão do para além no contexto da produção arquitetónica inevitavelmente chama a transgressão de limites e contornos."[136]

O agenciamento trabalha assim com a evolução dos contextos, expressando pesquisa, e em condições em que a prática do arquiteto (voluntário e envolvido) se demonstra possível. Se agenciamento significa a capacidade para atuar, a Arquitetura trabalhará pelo menos em duas direções: Direções em que o agente atua, tanto através

134 Yaneva, A., *A Building Is a "Multiverse"*, in Latour, B., Weibel, P., Making Things Public: Atmospheres of Democracy, Karlsruhe: Center for Art and Media, Mass.: MIT, Cambridge, 2005, p.530.
135 Shamiyeh, M., *Design new futures!* in Unsolicited Architecture, Volume vol. 14, Archis NL, Roterdão, 2007, p.23.
136 Tsurumaki, M., *From the known into the possible*; in Volume vol.1., Architecture must go beyond itself, Archis, Roterdão, 2005, p.62.

dos outros, como para os outros; pressupondo a ideia de um contrato e arquiteto cujo papel é explicitamente de agente. O Agenciamento procura aqui expandir campos de pesquisa e de intervenção, redefinindo parâmetros dados como condição, e proclamando um diálogo mais próximo com a instituição e sobretudo, a necessidade de reconhecer outros atores. Expandir a ideia, enfatizando um carácter transformador, sugere a operação de pesquisa, que tanto cria como responde á mudança: "em vez de ficar passivamente (em segurança) contidos dentro de nossos ambientes académicos, os membros do grupo vêem-se como "agentes" que agem dentro e entre os campos de pesquisa, prática, educação e vida cívica." [137]

O agenciamento parte de uma iniciativa privada voluntária, com intenções públicas, na qual a capacidade crítica individual e coletiva subverte uma evolução do panorama geral, à atual falta de iniciativa perante a situação de precariedade e passividade. O autor aqui não é dado ao restritamente atual, mas por aquilo que ainda por definir, portanto, a autoridade pode ser apreendida por um sujeito comum. Neste sentido, podemos envergar pelo ideal de uma relação direta e talvez mais natural entre construção e habitante - uma relação não mediada pela lei, contrato, agência, mas na construção de uma relação mais natural entre a ordem e o processo de demanda: Como refere Tim Gough: "este status do agente / arquiteto é discutida em relação à noção de São Paulo de "pecado" bem como a possibilidade de uma salvação ligada por Badiou ao "presente", Kharisma no seu artigo conclui postulando a natureza de um "dom" da arquitetura."[138]

Estas disposições contratuais, envolvendo um construtor cliente, o arquiteto como parte integrante do contrato para a execução reside na complexidade e ambiguidade sobre o status do agenciamento. Este "presentear" do projeto agenciado, assenta sobre uma base prática intitulada "Arquitetura não-solicitada", na procura de lidar com os desafios que a nossa época apresenta. Esta nova atitude, conhecida como teoria emergente e talvez vista como uma profissão à parte, procura dar ao arquiteto, as ferramentas possíveis para poder repensar o seu papel, enquanto atitude e postura à própria realidade, à disciplina e profissão, como na relação com a sociedade e território.

Neste contexto, o arquiteto português Fernando Távora escreveu: "Antes de arquiteto, arquiteto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em

137 Petrescu, D., Chiles, P., *The Agency*, in Architectural Research Quarterly, Cambridge University Press, Cambridge, 2009, p.109-111.
138 Gough,T., *Agency and the Gift of architecture*; in Field, vol.3, N.1, Delft; 2008, p.146.

benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence."[139] Em reação à ordem social dirigida pelas forças do mercado e impasses políticos, esta "frescura" disciplinar, intenta protenciar alternativas de projeto, desenvolvendo soluções espaciais que lidem com a realidade social, política e económica do mercado glocal. Estes princípios sofrem efeitos colaterias significativos. A crescente consciência das transformaçoes globais, com a crise económica dos últimos anos e as suas consequências sociais e políticas, levaram a profissão a voltar a disciplina.

A posição da arquitetura tem vindo a ser entendida como resposta a uma situação, de acordo com trajetórias dadas e atributos exclusivos que geram o processo. Essencialmente, a arquitectura precisa de um cliente, de um lugar e de um orçamento. A redefinição do posicionamento pode começar pelo indagar críticamente os princípios tradicionais da arquitetura, introduzindo não apenas o modo "passo-a-passo", mas antever uma abertura aos valores da sociedade, e propor uma postura alternativa que ativamente tenta compreender os impasses da sociedade, ou seja, *"*Arquitetura é sempre tanto sobre a reprodução da sociedade como é, sobre a proposta de um futuro alternativo: arquitetura esta sempre entre a ideologia e utopia.*"*[140] De forma a dar mais ao público, não recusando qualquer mudança de posição, mas construindo formas de agenciamento, como mutação de um novo período, uma espécie de "reabilitação" do projecto arquitetónico, cuja intenção agenciada foca a vontade de fazer mais, presentear o público com informação e gerar mais compromisso com a arquitetura: *"*O reportar acabou por ser uma maneira eficaz de envolver um público local, que de outra forma não teria aprendido e discutido esta questão de planeamento. Enquanto o uso de gráficos de informação e de design certamente vai para além do típico trabalho de planeamento.*"*[141]

No entanto, o arquiteto passivo pode optar por seguir as regras dominantes estabelecidas pela tradição/instituição, ou mesmo como refere Bjark Ingels no seu ensaio intitulado *Yes is More*, envergar pela "imagem tradicional do arquiteto radical é do homem novo irritado rebelando-se contra o estabelecimento"[142], como pode "ocionalmente" dirigir o seu trabalho através de uma estratégia autónoma de

139 Távora, F., *Sobre a posição do Arquitecto,* in Da organização do Espaço, FAUP, 1962, Porto, p.73.
140 Lash, S., Picon, A., *Agency and Architecture: How to Be Critical?* Scott Lash e Antoine Picon, em conversa com Kenny Cupers e Isabelle Doucet. Comentários Margaret Crawford. Footprint Jornal, Delft, 2009, p.12.
141 Georgeen, T., *Activist Architect: Choose a Cause,* in Agency and the Praxis of Activism, Field: vol. 3., issue 1, Delft, 2009, p.62.
142 Ingels, B., *Yes is more! – a theory of evolution,* BIG, in www.congresoconstruteccoam2010.org

persuasão perante as instituições promotoras públicas e privadas. A agonia do arquiteto reside no fato de não poder definir a sua própria agenda, isto é, *"*você tem que ser independente, ser capaz pde assumir riscos, de querer estar no controle. Eu desenho menos, eu escrevo muitas mais letras, mais telefonemas. Mas também recebo menos queixas dos contratantes. Eu sou o cliente. *"*[143] É por vezes necessário, em tempos de crises, desenvolver projetos sem ser convidado, sem ser mandatário. Como refere Arjen Oosterman, "A angústia repressiva e a frustração foram eficazmente usadas para obter a aceitação de uma outra agenda política e a revolta foi batida criando uma energia positiva, uma energia criativa."[144] Perante a remissão das instituições e pela falta de flexibilidade dada pelos seus presupostos como um dado adquirido na sociabilidade comtemporânea, parece urgente uma reflexão crítica sobre o panorama atual de intervenção da arquitetura e um outra relativamente ao papel cívico do arquiteto como programador da cidade que é, e assim abrir o campo de visão para novas possibilidades e conhecimento produtivamente diferentes. "Locais de possibilidade e de positivismo", surgem na procura de novos territórios e áreas de intervenção possíveis que providenciem necessidades sociais e façam emergir oportunidades para a arquitetura. Esta estratégia explora situações ao limite, onde a especulação urbana, como depósito teórico aberto, lança condições de optimismo, promovendo a exploração da tecnologia, a subversão de regulamentos, o alcançar do público ou cliente, subvertendo margens em que o campo da prática voluntária do arquiteto possa atuar, pois como refere Michell Freitag, "é necessário nos momentos de crise da sociabilidade e da sociedade, que nos interrogamos sobre a natureza da linguagem, do trabalho, da técnica, da ciência, da arte ou da política."[145]

No entanto a arquitetura não solicitada consiste metodológicamente em encontrar soluções possíveis que se encontrem para lá da margem (institucional), em contraste com a forma tradicional indutiva de gestão passiva dada "apenas" por encomenda. Como refere Roemer van Toorn: "esta é uma questão complexa. Por um lado, as necessidades do público estão protegidas pelas leis e regulamentos que os arquitetos e os clientes devem obedecer. Além disso, surge a questão de quem define as necessidades públicas. O arquiteto? O cliente? O político? Na realidade, deve haver um debate entre o cliente e o "público", no entanto definido, e algum tipo de

143 Frantzen, T., *Architect as Entrepreneur*, in Volume vol. 30, Privatize! Archis, Roterdão, 2012. p.153.
144 Oosterman, A, *Op.cit*.
145 Freitag, M., *Arquitectura e Sociedade*, Dom Quixote, Lisboa, 2004, p.2.

negociação deve ser tentada.*"*[146]

A indrodução pré-requisitada de um "programa" que o justifique, de um "lugar" suceptível de intervenção, de um "cliente" empenhado, e de um "orçamento" que o financie. Arjen Oosterman indaga referindo que *"*nos velhos tempos" cada uma das três partes envolvidas (cliente, arquiteto, empreiteiro) teve seu próprio papel e responsabilidade. Através deste confronto uma situação ótima (preço, qualidade, valor cultural) foi determinada. Como é da qualidade neste novo arranjo de papeis?"[147] A história identifica algumas expressões como: reclamação, rejeição, reinterpretação e re-contextualização, de situações urgentes, onde pode ser demonstrado o potencial positivo quando noções alternativas voluntárias são adoptadas. Consequentemente é desenvolvido uma estratégia de desenho fundamentada na convergência e gestão de três princípios: o projeto arquitetónico, um plano de marketing e o plano de financiamento. O projeto consiste em conceber um acto arquitetónico e um plano para a sua implementação. O plano de marketing passa inevitavelmente pela comunicação, sendo elas formas de informação ou interação, da publicidade em favor do aproximar a arquitetura ao público: "o valor de arquitetura já não estava nos seus redentores valores sociais, mas sim no seu poder comunicativo como um objeto cultural, e este poder tem um valor significativo na economia desta ou aquela era*"*[148] Já o plano económico organiza a gestão e o controlo de custos, como da mesma forma projeta estratégias de financiamento através de métodos de colaboração e co-operação tendo como objetivo o ganho coletivo.

No entanto, este processo não sucede como conclusão imediata, pois parte da assunção de que as necessidades humanas e a expansão do domínio das liberdades individuais e sociais não estabelecem uma relação com o valor da propriedade. Sobretudo, a questão do curto prazo é aqui relevante. A ação visa uma valorização analisada a curto prazo. Todo o trabalho tem em vista a primeira venda, "então, colegas, não esperem o telefone tocar. Tenha a coragem e a ambição de tomar a iniciativa e encontrar investidores.*"*[149] O arquiteto perdeu a sua relevância e posição no processo de projeto. Como refere Frantzen: *"*O arquiteto como um engenheiro social, como um organizador das relações sociais, como aquele que inspira as

146 Van Toorn, R., Bouman, O., *Architecture for King Client*: *A conversation with Denise Scott Brown*, in The Invisible in Architecture, Academy Editions, Londres, 1994, p.3.
147 Oosterman, A., *Architect as Entrepreneur: interview by Oosterman*, in Volume vol. 30, Privatize! Archis, Roterdão, 2012, p.154.
148 McLeod, M., *Architecture and politics in the Regan Era: from postmodernism to Deconstructivism*, Assemblage, 8, 1989, p.27.
149 Frantzen, T., *Architect as Entrepreneur: interview by Oosterman* in Volume vol. 30, Privatize! Archis, Roterdão, 2012, p.154

decisões políticas como um poderoso jogador profissional no jogo da distribuição espacial parece ser uma fase intermediária notável no desenvolvimento da arquitetura ao longo do século.”[150]

Mas então o que constituirá realmente um agenciamento arquitetónico? Como se pode estabelecer relações sociais, e como se pode fazer uso de tal conhecimento? Agências de “inteligência arquitetónica”, como a C-lab[151], AMO[152], Studio X, Social Agency Lab, ou a *Spacial Agency*, defendem uma orientação para a arquitetura enquanto prática cultural não solicitada. O desenvolver de um deliberado esforço, sob condições materiais, em que a livre acção voluntária prevaleça sobre a involuntariedade ou passividade. Neste sentido, o arquiteto tem hoje de “vestir o fato” e tornar-se um verdadeiro “entrepreneur action man” (Fig.29).

150 Oosterman, A., *Unsolicited Architecture*, Volume vol. 14, Archis, Roterdão, 2007, p.3.
151 C-Lab é uma unidade de investigação exprimental, um Tanque reflexivo e activo que desenvolve novas formas de comunicação na arquitectura, fundando pela Columbia Laboratory for Architectural Broadcasting, na GSAPP, Nova York, 2005.
152 Breve estudo de caso sobre a AMO (Architecture media and organization) - Criada em 1998, AMO é o “think tank” (tanque pensativo) do Office for Metropolitan Architecture (OMA), Sediada em Roterdão. OMA foi fundada em 1975 por Rem Koolhaas, juntamente com Elia Zenghelis e Madelon Vriesendrop em Londres. O “Office for metropolitan architecture” OMA, surge como estudo de caso em paralelo ao AMO.

Figura 19 Arquitecto: “Entrepreneur Action man: Agente Arquiteto, (produção pória sobre fontes várias

De resto, conceber e projetar arquitetura não solicitada tornou-se já uma prática hoje recorrente, propondo redefinir o papel do arquiteto enquanto forma de agenciamento. Ao identificar possibilidades e condições, a referida prática avança na percepção e compreensão do ambiente construído, experimentando novas ideias e estratégias de projeto para a profissão. E no decorrer das obras e investigações dessa prática também se desenvolvem novos projetos sociais e práticas alternativas.
De novo, na edição da revista *Volume* dedicado à arquitetura não solicitada, (fig. 20) Ole Bouman refere relativamente á disciplina: "dentro do status quo atual, a arquitetura não solicitada opera de forma independente e criativamente encontra clientes, lugares e orçamentos, que queiram desenvolver paisagens alternativas para as lacunas deixadas pelo sistema."[153] Estes focam-se no significado de "práticas espaciais" (fig. 21) sensíveis á pro-atividade, tanto de aplicações físicas como não-físicas. Estes questionam um novo mandato para a arquitetura.

Uma situação delicada que emerge basicamente da oscilação do equilíbrio existente do sistema dominante económico e a realidade dos fenómenos contemporâneos. A procura de ferramentas para aproximar a arquitetura da profissão, o objeto de estudo encontra na AMO uma estrutura privada de produção arquitetónica. A própria estrutura organizativa da empresa divide claramente a produção da prática projetual, relativa à OMA, da produção teórica, respectiva a investigativa, exploradora de outro campos da arquitetura. (fig.22) Como refere Koolhaas, "com a fundação da AMO, dividimos completamente a área da arquitetura em duas partes: uma é a parte real e propriamente construtiva, a outra é a virtual, tudo o que está relacionado com os outros conceitos e a comunicação da teoria da arquitetónica pura."[25] (fig.23 +24)

O trabalho da AMO, como plataforma virtual de arquitetura, oferece uma nova abertura, isto é: *"*Para Koolhaas e OMA, arquitetura virtual mata três coelhos com uma cajadada: oferece pagamento de conceitos em vez de concreto. Oferece algo para os clientes que corresponde à velocidade de suas demandas. E o mais importante, fornece um antídoto engenhoso para o desenvolvimento global claustrofóbico.*"*[154]

153 Bouman,O.; *Unsolicited, or: The New Autonomy of Architecture*, in Unsolicited Architecture, Volume vol.14,Archis, Roterdão, 2007, p. 26.
154 Wolf, G., in Koolhass, R., *Patent Office*, in Content, OMA-AMO, Tashen, Cologne, 2004.

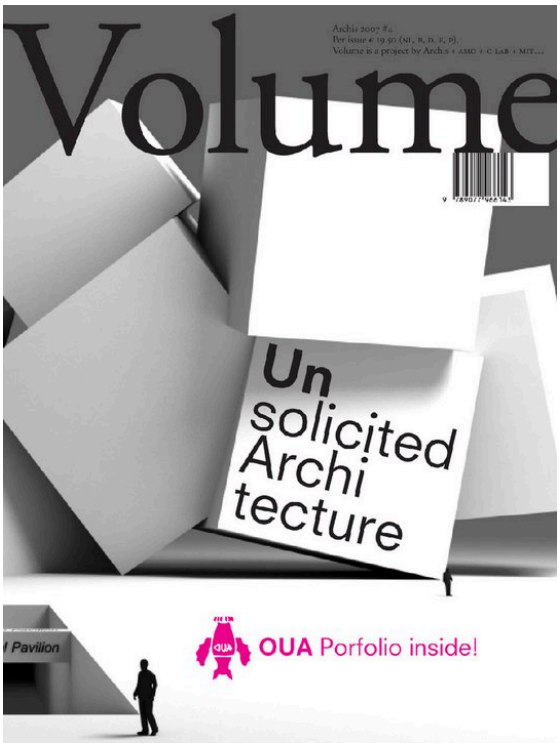
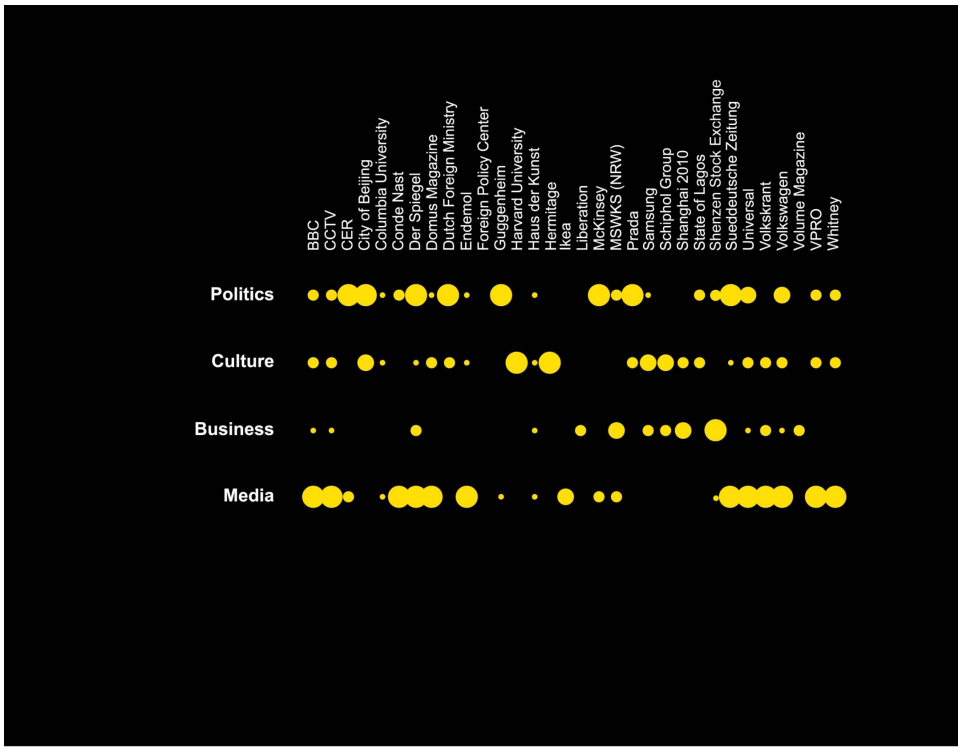


Figura 20 “Unsolicited Architecture”, Alicia Framis, 2008, UNSOLICITED, in http-//www.volumeproject.org
Figura 21 “Arquitectura sin Encargo, Unsolicited Architecture, arkinet in http://en.nai.nl/platform/studio/item/_pid/kolom2-1/_rp_kolom2-1_elementId/1_1287557



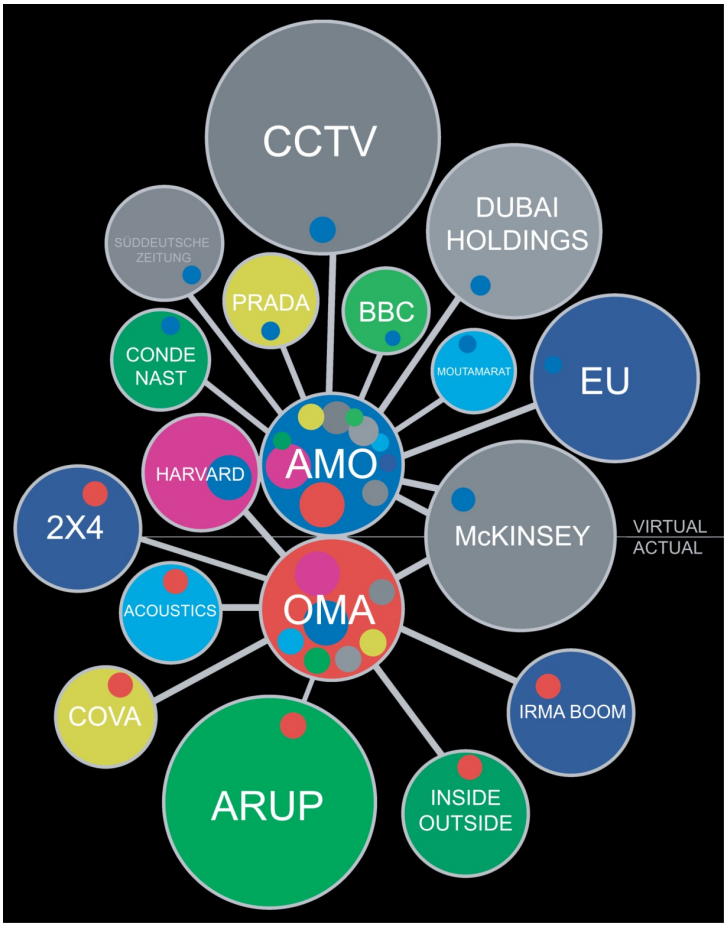


Figura 22 “OMA: politics, Culture, business, Media”, in http://oma.eu/
Figura 23 “OMA-AMO” in http://oma.eu/

Fig 5 - "AMO", produção própria.

Figura 24 "AMO Research", produção própria sobre fontes múltiplas

O trabalho da AMO, como plataforma virtual de arquitetura, oferece uma nova abertura, isto é: *"*Para Koolhaas e OMA, arquitetura virtual mata três coelhos com uma cajadada: oferece pagamento de conceitos em vez de concreto. Oferece algo para os clientes que corresponde à velocidade de suas demandas. E o mais importante, fornece um antídoto engenhoso para o desenvolvimento global claustrofóbico.*"*[155] Os tempos globais têm aproximado uma forma de vida dirigida pela incerteza onde tudo ultrapassa tudo e assim uma prática creativa emerge onde deve e onde pode. A inteligência da arquitetura, ou a sua virtualidade não procura abstair-se do seu contexto real e da sua forma física construída, mas pretende ir mais "*além"*, simultaneamente estando "*aqui"*, estimulando a desconstrução de mecanismos do capitalismo global proporcionando "mais acesso" á arquitetura. A arquitetura tornou-se num código universal, tendo por natureza a abertura ao acesso como forma primordial, isto é, a arquitetura não vive sem uso. Em "Universal Modernization Patent"[156] (fig.25), Rem Koolhass e a AMO desenvolveram um desafio a novas formas de, inteligentemente, inovar questões espaciais, ultapassando os limites dos mecanismos de repressão do capitalismo (público/privado; horizontal/vertical, interior/exterior etc), antevendo uma nova abertura perante a aprentes constrangimentos e barreiras da profissão. No entanto, é imporante referir que esta não rejeita a sua longa história, mas tenta compreender a sua ideologia presente que está "por detrás" da forma construída. Neste sentido, a prática de publicação do projeto arquitectónico explora o poder comunicativo da arquitetónica para além da experiência proporcionada pelo póprio edíficio ou pela sua intervenção. A produção da arquitetura controla e acompanha, a par e passo, a produção prática da sua atividade profisional, numa relação mais próxima e comprometida com a esfera pública, para o qual o verdadeiro papel da arquitetura é direccionada. A prática do projeto agenciado, proveniente do acto ou poder de agir (ver capítulo II), utiliza a mesma metodologia como forma de aproximar a arquitetura dos "códigos da sociedade".

155 Wolf, G., in Koolhass, R., *Patent Office*, in Content, OMA-AMO, Tashen, Cologne, 2004.
156 Koolhass, R., *Patent Office*, in Content, OMA-AMO, Tashen, Cologne, 2004.

UNIVERSAL MODERNIZATION PATENT [14]
"EVERYWHERE AND NOWHERE" (1994)

Patent Number: 9,745, 214

(21) **Patent for "Everywhere and Nowhere"**

(29) **SYSTEM FOR TRANSFORMING A TRANSPORTATION DEVICE INTO A ROOM TO CREATE A CHANGE-ABLE HOUSE**

(36) Inventor(s): **Rem Koolhaas**

Correspondence Address:
OMA, HEER BOKELWEG 149
3032 AD ROTTERDAM
TEL: + 31(0) 102438200

(42) **InitialApplication: Maison á Bordeaux, FRANCE**

(54) **Filed:.....1994**

(71) **ABSTRACT**

By piercing a vertical shaft through a multilevel architecture and installing a moving platform that can engagewith any level (43, 44, 45), the stability of domestic architecture is overturned by an element of real instability that, as it offers new scenarios to inhabitants, also changes the architecture of the structure.

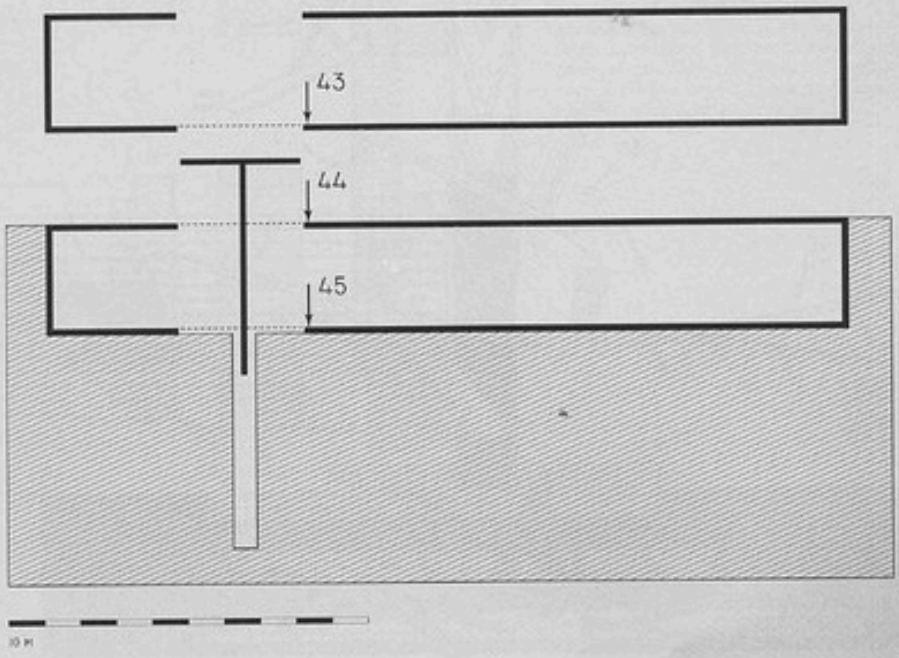


Figura 25 "Universal Modernization Pattent: Everywhere and Nowwhere", 1994, Maison Bordeaux, in Koolhass, Rem, *Patent Office,* Content, OMA-AMO, Tashen, Cologne, 2004.

O mundo da publicação associado à prática parece à primeira vista pertencer a uma propaganda mercantilísta da própria arquitetura, críticada pelo ceticismo de muita crítica arquitetónica contemporânea. No entanto, esta atitude tem como intuito aproximar a linguagm da arquitetura, numa metodologia e sobretudo através de uma comunicação gráfica, mais percetível, e consequentemente, mais decodificável por parte da sociedade, com a finalidade de tornar a arquitetura um acontecimento social aproximando-se do contato com os valores da sociedade. A sociedade de hoje tende em tornar a arte ou a arquitetura como acontecimento participado, inerente à ação, de forma a "amplificar" a opinião pública. Esta atitude está patente no processo de comunicação que busca no ato agenciado um valor que se compromete não apenas à comunidade erudita em si, mas com toda a estrutrura da sociedade. Esta inciativa **voluntária,** é exemplificada no processo projetual da prática arquitetónica profissional da AMO. Este compromisso estende-se do fenómeno de pós-ocupação (fig. 26+27), através de entrevistas, média, publicações, que vão desde livros a revistas, e inclusive, alcançando massas, através de brochuras e panfletos cuja linguagem simplificada pretende chegar ao público mais geral. É aqui que se posiciona a divisão AMO, na procura de desvendar os códigos da sociedade e desta forma complementar as formas de comunicação com o processo de conceção arquitetónica. Nas obras de Rem Koolhaas, parece verificar-se, um fenómeno particular relativo à referida e atual sociedade da informação. Estas publicações geram "inputs" na sociedade que originam uma opinião pública, seja positiva ou negativa, mas que permanece no projeto comunicativo social e cultural. Como afirma Koolhass *"*nós montamos uma miríade de vozes anônimas e recolhidos instantâneos. Nós documentamos como os (nossos) edifícios tomam o seu lugar num mar primordial de influência e antecessores na qual a sua existência depende e cuja existência tentam contribuir.*"*[157] Esta atitude vai para além do conceito pejorativo normalmente ententido por parte da classe. O seu verdadeiro objetivo está na coneção com as necessidades e expectativas da sociedade numa tentativa de generalizar o acesso à arquitetura, na ação positivo do termo. Esta aproximação, onde a relação vibrante entre a população da cidade, gera entusiasmo e expectativa em torna do projeto. De novo Kollhass refere*: "*queremos ver o que acontece na ausência do autor, queriamos realidades cúmplices na criação, pós-ocupação, como fatos, e não

157 Koolhaas, R.*, Post-occupancy*, A, prefácio/Rem Koolhaas, in Domus D´autorre, Domus, AMO/Koolhaas, 2007, A.

talentos."[158] Como volta a referir Rem Koolhaas, "estou absolutamente farto da atual superprodução de ícones, gerando um corte em todo o potencial e possibilidade da arquitetura. Estou convencido que a atitude de idolatria da arquitetura produz a acumulação da má fé. É necessário encontrar um caminho, uma espécie de recuo, para reinventar o plausível na arquitetura, portanto temos desenhado uma série de edifícios incrivelmente simples, crentes de afetação e radicalmente neutros."[159]

158 Ibid.
159 Ibid.

Figura 26 "Clips of Seattle Library: Interview with Homeless Man and Shots of Structure", Videoclip da Seattle Library: intervista com um sem-teto, Thomas Koolhaas, in *vimeo.com in http://archinect.com/news/gallery/52829472/0/seattle-library-homeless-man-interview-clips#*

Figura 27 *"Post-occupancy"*, Seattle Library. Domus D´autorre, Domus, AMO/Koolhaas , 2007.

Neste sentido, é importante enaltecer o papel comunicativo da medolotogia da AMO na produção da arquitetura, que gera (re)percursões na sociedade, que amplifica o fenómeno de ante e pós-ocupação, não indiferente aos interesses do cliente, da sociedade, dos media e política, das condições económicas e culturais, da cultura urbana ou do seu lugar específico de intervenção, resultando, no todo, uma atitude de pura inteligência, estabelecida na vontade imanente de um princípio interno ao ato de projetar. A produção da arquitetura encontra na publicação uma possibilidade de produzir um efeito agenciado. Como refere Koolhaas: "não insistimos nas qualidades dos edifícios, mas monitorando efeitos sobre os seus respetivos hospedeiros e usuários. "[160] A título de exemplo, é referido o Edifício Público da Biblioteca de Seattle (fig.38+39) pelo seu inerente caráter cívico e símbolo cultural do mundo globalizado, onde a temática cultural é adquirida como "constante" por parte da sociedade e pelos sistemas de comunicação. O edifício é reconhecido pela população como: "pisos empilhados a espreitando-se um para o outro."[161] O projeto da Biblioteca Pública de Seattle, e é sem dúvida, um dos que melhores projetos que expressa toda a dimensão do projeto cívico da arquitetura. "Se uma Cidade Americana pode erguer um projeto cívico tão valente como este, o sol ainda não pousou no Oeste. "[162]

160 Ibid.
161 Dietrich, W., *Meet our new central library, it both a statmente to and a test of civic chutzpah*, Pacific Northwest magazine, The Seattle Times, April 25, Seattle, 2004.
162 Muschamp, H., *The library that puts on fishnets and hits the disco*, The New Yorker Times, Nova York, 2004.

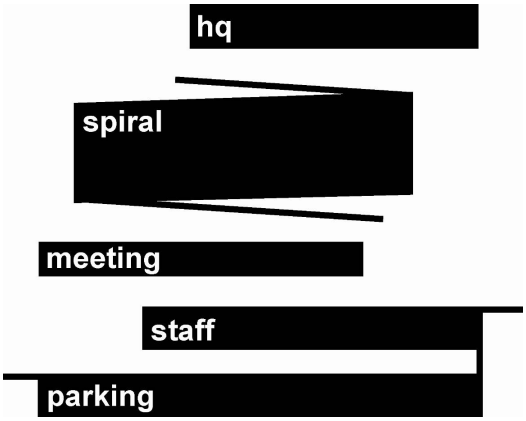


Figura 28 “Seattle Library” Rem Kollhass, *OMA in* http://oma.eu/
Figura 29 “Diagram Seattle Library” OMA, *in* http://oma.eu/

Capítulo V – Agenciamento da Cidade e do Território

Durante séculos, o homem foi confinado a um espaço tradicionalmente chamado de cidade, onde ocorria um determinado tipo de mobilidade circunscrita. Historicamente delimitada e centralizada em cidadelas ou praças, os sistemas urbanos eram constituídos pela hierarquia da aldeia, à vila e à cidade. Mas a cidade, enquanto expressão material da humanidade, teve historicamente várias caracterizações: da agriculta à pequena polis, da cidade pré-industrial à metrópole moderna com subúrbios, até a grande metapólis policêntrica, dinâmica e difusa, pós-indústrial e informacional.

O mundo hoje é constantemente redefinido pelos processos da globalização. Esta manifestação não tem apenas aumentado as proporções sobre o fenómeno comunicacional, como passou da introdução à sedimentação da uma sociedade Informacional regida pelos imperativos tecnológicos.

Tais mudanças paradigmáticas estão intimamente associadas a uma aparente dissolução em direção externa à cidade, o que conferiu uma perda de identidade de lugar na relação com o território físico e construído, levando ao processo e aparecimento de lugar vazios, como expressão de verdadeiros lugares de abandono. De forma a entender esta situação, (a perca de sentido de lugar), Marc Augé aponta: *"*para a desvantagem, e lamentando a perda de uma vida social orgânica numa supermodernidade que separou-se do resto do mundo num espaço independente de conetividade de longa distância.*"*[163] Nesta perspetiva, é abordada a reflexão que se apresenta em *Atopia,* (fig.30) e constitui sem dúvida à ideia central em torno da Cidade, na relação à arquitetura agenciada e território contemporâneo. No seguimento do referido, foque-se a reflexão em torno da Cidade, em relação com a arquitetura agenciada e o atópico território contemporâneo. Com advento da vitualidade deu-se a perda da expressividade da realidade e do território, a realidade parece ter escapado à arquitetura, desertado a realidade (Freitag). Tal reflexão depara-se com um cenário urbano profundamente transformado historicamente como forma de renovação e questionamento. O esgotamento das tentativas pós-modernas e o fracassado intento de prolongar o dogmatismo das vanguardas, através da estéril substituição da arte por processos ideológicos (na primeira década do século XXI a arte em grande sentido tem se voltado para si mesma), despoletou um certo *malaise* urbano. Um mal-estar

163 Augé, M., *Non-places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, Verso, Londres, 1995, p.38.

presente, aparentemente epidémico, portador de um desassossego. Em que: "O sujeito artista e o sujeito urbano se terão encontrado num ponto: o urbanita. O habitante que fez da cidade a sua paisagem, que sofrimento da pressão urbana, mas, ao mesmo tempo, celebra sua apoteose, que vive em si mesmo, em seu rosto, em seu vestido, em seu corpo, o tensão da mudança permanente, é o protagonista."[164]

Este encontro com o território céptico, fruto dos avanços tecnológicos, refere-se neste dois pontos de vista á falta de integração e apropriação do lugar por parte da sociedade através do novos meios de comunicação e mobilidade, como simultaneamente à fragmentação do mundo social através da inclusão e exclusão destes meios. Esta emergente condição tecnológica refere Manuel Castells: "o hoje

164 Nuez, I., Ramoneda, J., in Atopia; *Art i Ciutat al segle XXI*, Maio14, Barcelona, 2010, p.165.

Figura 30 "Atopia", After Sculpture II, Kirsten Justesen, 1969, Carey Young.

compreende uma nova ordem social emergente de uma forma mais virtual, menos real, espaço e matéria."[165] O espaço tecnológico, subsistido por redes, mídia e telecomunicações, facilitaram novas formas virtuais de sociabilidade. O novo espaço inhabitado pela *"vila global."*[166] De fato, o papel da comunicação e da mobilidade (tecnológica) transformaram a noção de espaço, identidade e lugar da cidade e do território contemporâneo. Muitos argumentam a tecnologia como papel central no reformar da "cidade territorial", ou seja, *"*limitados sistemas técnicos de infra-estruturas que compreende os complexos de coisas arranjadas*."*[167]

No entanto, a apropriação de uma nova realidade é também identificada pelas forças terroríficas patentes no neoliberalismo económico e desempenho dos média ou mutação da violência política de terrorismo internacional, inovações técnicas das ciências biológicas ou catástofes naturais. Como refere Antonio Negri: *"*onde a metrópole é apresentada como uma máquina que esvazia a cidade da realidade, um campo sociológico onde o horizonte está desaparecendo e onde cada momento da estabilização é hipócrita e passageira, a cidade como espaços vazios, pânico, insegurança, gritos e trapos, parasitismo infraestrutural , e assim por diante*"*[168] A convergência dessas revoluções exponenciaram o processo de evolução e transformação da sociedade e território, à qual Derrida demoninou por "uma forma sócio política de desordem auto-imune.*"*[169] Presenciamos uma mudança radical no funcionamento dos mecanismo ideológicos. Agamben define a nossa sociedade contemporânea de "pós-política" ou biopolítica: "por isso o eclipse da política, que supõe sujeitos reais ou identidades (movimento dos trabalhadores, a burguesia, etc), e o triunfo da economia, isto é, da pura atividade de governo, que prossegue apenas a sua reprodução própria. A direita e esquerda hoje seguem-se uns aos outros no gerenciar o poder tem, portanto, muito pouco a ver com o contexto político dos termos que os designam originam. Hoje, esses termos simplesmente citar dois pólos - um que visa desubjetivização, sem escrúpulos, e aquele que quer cobrir com a

165 Castells, M, *The Rise of the Network Society,* The Information Age: Economy, Society and Culture Vol. I , Blackwell, Oxford, 1996, p. 388-89.
166 Ver McLuhan, M, *Global Village*, The Global Village: Transformations in World Life and Media in the 21st Century (Communication and Society), Oxford University press, Nova York. 1986.
167 Read, S., *Another Form: From the 'Informational' to the 'Infrastructural' City*, footprint, Metropolitan formautum, Delft, 2009. p.6.
168 Negri, A., *On Rem Koolhaas*, in http://www.haraldpeterstrom.com/content/5.pdfs/Antonio%20Negri%20–%20On%20Rem%20Koolhaas.pdf p.2.
169 Derrida, J., *Autoimmunity*, in Giovanna time of terror: Dialogues with Jurgen Habermas and Jaques Derrida, University of Chicago Press, Chicago, 2003.

máscara hipócrita do bom cidadão da democracia, da mesma máquina do governo. ”[170]

A realidade contemporânea vive um aparente situação paradoxal. O estado burguês pode ser dividido em liberdade formal, legalidade e igualdade figurada nas instituições do Estado Democrático, e as distinções de classes impostas pelo sistema económico. No entanto, hoje vivemos a tensão entre o respeito "políticamente correcto" e as desigualdades crescentes, condomínios fechados, exclusões, violência e etc. Todavia, esta relação antagónica e de dualidade da circunstância ideológica não significa a aparente realidade enganadora mas uma relação que envolve dinâmicas próprias e que deixa vestígios na materialidade social. Assim a ideologia não é uma ilusão que construímos para escapar da realidade insuportável, na sua dimensão básica é uma fantasia de construção, que serve como suporte para a nossa "realidade em si". Tal inevitabilidade ideológica, levanta questões ao nível da sociedade da informação digital e do pós-biológico, da ecologia e política.

Uma simples reflexão sobre o imaginário histórico, nos encontramos obrigados a aceitar a pertinência implacável da noção de ideologia. Até uma década ou duas atrás, o sistema de produção da natureza (a relação do homem produtivo-exploratório com a natureza e seus recursos) foi percebida como uma constante, enquanto todo mundo estava ocupado imaginando diferentes formas de organização social da produção e do comércio. Hoje, como Frederic Jameson perspicazmente observou, ninguém considera seriamente as possíveis alternativas ao capitalismo por mais tempo, enquanto a imaginação popular é perseguida pelas visões do futuro "colapso da natureza", da paralisação de toda a vida na terra, parece mais fácil imaginar o "fim do tempos"[171] do que uma modesta mudança no modo de produção capitalista. (fig.31)

170 - Agamben, G., *Qu'est-ce qu'un dispositif*?, Rivages poche, Paris, 2007, p. 46–7.
171 Žižek, S., *Living in the Ends Times*, Verso, Londres, Nova York, 2010.

Pode assim afirmar-se a existência da matriz ideológica que gera e regula a relação entre o visível e invisível, entre o imaginário e o imaginável, bem como as alterações que constam desta relação. Felix Guattari no seu livro *The Three Ecologies,* antevê o cenário negro dirigido pela forças da globalização da corporização.[172] Na procura de uma infinita adaptabilidade ao Capitalismo, questões ecológicas como catástrofes ou crise podem ser alvo de um novo campo de investimento capitalista e competitividade do mercado, isto é, "o capitalismo só funciona em condições sociais

172 Guattari, F., Guattari, F., *The Three Ecologies,* Continuum/London: The Athlone Press, Nova York, 2000, in Žižek, S., *Censorship Today*, in Volume AfterZero, volume 18, Archis, Roterdão, 2008. P.42.

Figura 31 "2012" Uma aventura épica sobre um cataclismo global que traz o fim do mundo e conta a heróica luta dos sobreviventes, Filme de Acção, Hollywood, Aventura e Drama, USA, 2009, in http://www.columbiatristar.co.uk/

precisas: implica a confiança no objetivo/reificado" mecanismo de "mão invisível" do mercado, que, como uma espécie de astúcia da razão (*Cunning of Reason)*, garante que a competição do egoísmo individual trabalha para o bem comum. "[173] Slavoj Žižek, narra a naturalização do capitalismo elucidando como a natureza e a ecologia se tornou um novo campo para o investimento capitalista sobre formas de "políticas do medo" e assim de perder a sua própria identidade. (fig 32+33)

173 Žižek, S., Op.cit. p.42-3.

Figura 32 "Next Nature", Koert van Mensvoort, in volume 18, Afterzero, Archis, Roterdão, 2008, p.41

Hoje o predominate modo de política é denominado de "pós-política e pós-biológico": isto é, "a pós-politica" é uma política que reivindica a deixar para trás antigas lutas ideológicas e, em vez disso, foca na gestão e administração de especialistas, enquanto o "bio-política" designa a regulação da segurança e bem-estar da vida humana como o seu objetivo primordial."[174] Žižek argumenta que a última consequência dos recentes desenvolvimentos na biogenética, levará ao "fim da natureza". No seu entendimento, a "naturalização do capitalismo" protagoniza-se pelo triunfo do seu "virtual" desaparecimento (apropriação comum por todos de que o capitalismo é o sistema escolhido). Mas à imagem de políticas de anti-globalização,

174 Ibid. p.47.

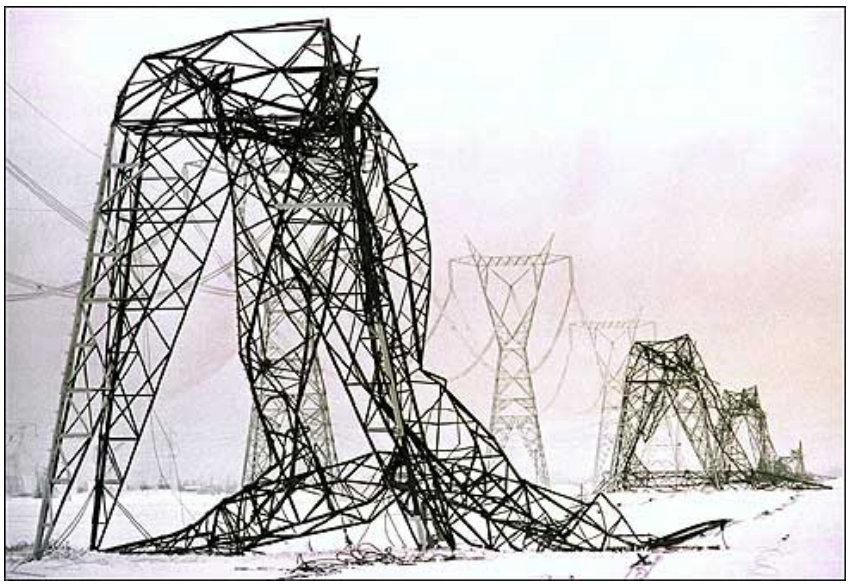
Figura 33 "Next Nature" imagem Koert van Mensvoort in volume 18, Afterzero, Archis, Roterdão, 2008, p.97.

recentram-se para uma crítica ao "imperalismo" dominante, por via do Capitalismo "comunista" Chinês, pelas violência em Israel, Palestina, Syria, guerras cívis muçulmanas ou aproximações anti-modernistas Islámicas do regime obscuro de Lukashenko em Belarus. O que temos aqui são apenas mais umas noções de "modernidade alternativas" (altermodernidade de hardt e Negri a possibilidade de indagar sobre outras senão a clássica ideia europeia de modernidade), e não uma verdaderta crítica aos mecanismo básicos que sustentam o Capitalismo.

Contudo, recentemente, escritores empregaram uma diversidade de assuntos teóricos e científicos no que se refere às novas formas de poder e às tecnologias, sobretudo na importante discussão em torno do ambiente ecológico e tecnológico como seus efeitos nos indivíduos e relações de sociabilidade. Premissas de uma arquitetura cognitiva estão presente no recente aumento da população relativamente às tecnologias da informação e comunicação. Deborah Hauptman num ensaio sobre política e tecnologia refere o a obra de Gille Deleuze intitulada *Postcroption Control Societies*, fazendo a análise *"*que os dispositivos de poder e controle por uma vez opera na mente através de tecnologias de comunicação.*"*[175] Já não vivemos apenas no espaço confinado, controlado pelos limites geográficos e por políticas pré-estabelecidas, nem pelos indivíduos ou população mas no espaço aberto á opinião pública por múltiplas afiliações expandidas globalmente. Nesta caracterização do poder, este já não se encontra no controlo do território, mas sobre a forma de "desterrioralização" (Deleuze/Guatarri), isto é, na desurbanização e desruralização como campos comuns e separação urbano-rural. A reconfiguração temporal e espacial do poder como refere Lazzarato: "poderíamos dizer que a não-política (noo-polítics) comanda e reorganiza as outras relações de poder que operam aos níveis mais desterritorializados."[176] Este "desenraizamento" não poderia com isso tudo de maneira alguma realizer-se sem causar danos. (fig. 34+35) A importância da compreensão das transformações do capitalismo permite medir perfeitamente a dimensão dos danos, já que é possivel constatarmos os efeitos dramáticos sobre algumas populacões do Pacífico, Alasca e Estados Unidos, com à decorrência do aquecimento global e todo o universo ecológico, onde a biodiversidade sofre uma extinção em massa. Como refere Frédérick Neyrat no seu ensaio sobre *A civilização como crash test*, a crítica do

175 Deleuze, G., in Hauptmann, D., *Noo-Architecture & the Internet of-Things*, Internet of Things, Volume 28, Archis, Roterdão, 2011. p.1.
176 Ibid. Lazzarato

desenvolvimento capitalista esta na relação paradoxal onde o tempo no qual reside possibilidades políticas esta na "questão crucial em matéria de governança, é como mudar sem mudar. Se a versão up-to-date da biopolítica integra a existência das catástrofes, isso não é feito em articulação com os danos, mas os risco de toda as ordens: ambientais, às vezes, mas também policiais, militares e económicas."[177]



177 Neyrat, F., *A cilização como crash test*, in Caderno Sesc Sp, Associação Cultural Videobrasil, Vol.4, n.4, SESC SP, São Paulo, 2008. p. 37.

Figura 34 Museu das Catásftofes, Paul Virilio in canadianenergyissues.com
Figura 35 Aesthetics of Catastrophe: Hurricane Katrine, Arie Mayer in Volume 18, Afterzero, Archis, Roterdão, p.116

Deparamo-nos recentemente com batalhas políticas e estratégias económicas de gestão e produção do bem "comum" face à privatização. (Fig.36) De fato, as iniciativas políticas parecem apenas operacionalizar uma demanda de privatização capitalista, expressa nas elites económicas e culturais (veja-se as intervenções na Potsdamer Platz de Berlin, no novo eixo sul de Amsterdão, ou nos jogos olímpicos de Beijing e Londres), e em particular no sistema. Segundo Slavoj Žižek, a "pós-política mobiliza vastos aparatos de especialistas, assistentes sociais, e assim por diante, para reduzir a demanda global (queixa) de um conteúdo específico - não admira que este encerramento sufocante dá à luz a explosão "irracional" da violência como única maneira de dar expressão para lá da particularidade."[178] Para além destas tentativas elitistas, as transacções económicas e culturais em redes global redireccionaram o estado para uma espécie de agente colectivo, favorecendo a mobilização comum do urbano no consenso entre estado e os interesses públicos e privados. Aquilo a que Paolo Virno denominou na sua obra *A Grammar of the Multitude* como "socialismo para elites". De resto, os recentes anos de crise financeira não podem senão levantar dúvidas sobre o sistema ideológico capitalista. As enormes dívidas que o consumismo festivo incorreu no passado recente, necessitam agora de uma recalibração da despesa pública e privada dada a redução do setor público (o setor privado deverá agora de financiar o setor público).

Paralelamente reconheça-se que os problemas relacionados com a sociedade, avanços tecnológicos, equilíbrio ecológico e do próprio território atópico, não parecem favorecer a legibilidade de uma qualquer imagem para a cidade contemporânea. Neste sentido, o agenciamento pode surgir como uma alternativa, não abatendo simplesmente o capitalismo como um inimigo, mas procurando algo capaz de potenciar e regenerar o (im)possível. A responsabilidade social e política Segundo Horlet, centra-se hoje aqui na "capacidade de um nível micropolítico intervir nas especificidades locais e sociais, se reconhecermos diferenças - não como distinção, mas como luta."[179]

178 Žižek,S., *The Ticklish Subject: The Absent Centre of Political Ontology*, Verso, Londres, 1999, p.197.
179 Holert, T., Civic City Cahier 3; *Distributed Agency, Design's Potential*, Bedford Press, AA, Londres, 2011,p.9.

Em grande medida, nos tempos entregues ao mero consenso em que vivemos, parece dificultar-se qualquer abertura à opinião ou ao desacordo. As dificuldades em reorganizar o território urbano, (em que geralmente se aceite o compromisso a um qualquer acordo consensual), alimenta-se da produção e gestão de consensos que também não compreendem tampouco possibilidades de debate ou acção. Devemos pois indagar a possível construção de uma a-política, isto é, "a característica fundamental do consenso é "a anulação do dissenso"...o 'fim da política."[180]
Em nosso entender, o capitalismo tardio do governo urbano entrou então no debate, delirando se a cidade é de fato a melhor expressão da referida nova ordem pós-política. Assim, no início de 2011, a crise social e económica expressou-se numa desigualdade radical. Occupy Wall Street (fig. 37) foi um dos eventos mais visível, possibilitando um debate político e abrindo ímpetos para a acção política. Esta série de protestos sociais foram analisados por Francis Fukuyama, na crença que a democracia liberal tenha vencido, que a procura tenha chegado ao fim, que o advento de uma comunidade liberal global estava prestes a emergir.

180 Rancière,J., *Ten theses on Politics*; Theory & Event, 2001, in Holert, T., Civic City Cahier 3; Distributed Agency, Design's Potential, Bedford Press, AA, Londres, 2011, p.32.

Figura 36 "Politics of the Common", n3wday, Agosto 2, 2009, in http://kasamaproject.org/2009/08/02/hardt-politics-of-thecommon/

Figura 37 “Occupy-Wall-Street-MovemeOccupy” protestos em Wall Street em marcha na Fifth Avenue em direcção ao Union Square durante o dia de Maio em New York City. Fotografia: Monika Graff Getty in http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/o/occupy_wall_street/index.html
Figura 38 “Lagos: Wide and Close”, 2005, dir. Bregtje van der Haak, 120 in the-rioblog.blogspot.com

No entanto novas "paredes" se estão a formar no mundo (como entre Israel e o West Bank, entre a União Europeia e EUA, etc). Também o crescimento explosivo dos aglomerados informais ao longo da última década, especialmente nas megalopólis do terceiro mundo (como a Cidade do México e outras capitais latino-americanas, mas também em África (Lagos, Chade), (fig. 38) na India ou China, não deixa de ser um dos eventos geopolíticos mais cruciais do nosso tempo. Na sua aparente desordem, constituem talvez um dos principais horizontes para a futura política: *"*a principal tarefa do século XX é politizar - organizar e disciplinar – as massas 'destruídas" de moradores de favelas."[181]

O mundo global tem assistido á variedade de fenómenos e transformações, levarando a injustiças e desigualdades, como também à críse económica, ecológica e política. A alternativa não será por certo uma solução cristalizada, mas a permanente construção de um projeto cívico, capaz de potenciar a ação humana e coletiva desprovida de agenciamento. Mas o que é o agenciamento político? Esta questão assume uma importância cada vez maior nos protestos e debates sobre o trabalho das emergentes economias, por regimes não-democráticos e questões de impacto cultural ou ecológico. Seremos nós simplesmente escravos dos fatores econômicos em jogo, ou podemos realmente oferecer pontos de resistência? Serão estas tentativas de resistência produtivas, ou permanecerão declarações de intenção sem afetar o espaço real do projeto e seu contexto? A título de curiosidade, existe uma vila na China onde terrenos estão cobertos por peças de computador descartados. (fig.39) A população da cidade sobrevive retirando e vendendo os cabos e material reciclável, a partir de equipamentos de processamento de informação. Esta aldeia pode ser vista como uma consequência interessante no mundo da informação e reciclagem ecológica.

181 Žižek,S., *Censorship Today*, in Volume AfterZero, Archis, Roterdão, 2008,4, p.46.

Figura 39 “Prix-Pictet”, Andreas Gursky in http://www.irmabianchi.it/downloads/Prix_Pictet/Gursky.jpg

Questões ambientais e da informática têm sido um foco do discurso público e político. Os "desastres naturais" e os adventos da informação aumentaram a consciência global de uma situação política ecológica. A arquitetura como disciplina tem especial atenção para as preocupações ambientais, o que obriga a pensar sistematicamente a sua relação com o mundo. De uma maneira simples os materiais aplicados à arquitetura são uma questão de importância ambiental. Existem tentativas vigentes como o trabalho dos arquitetos. Hoje está a organizar-se em torno da idéia de que ZERO é um objetivo alcançável, isto é, zero resíduos, zero emissões, zero energia ou mesmo cocacola-zéro, tudo para chegar perto do vazio, ou seja: nada. (fig. 40) A ideologia assume a posição de que o pensamento é "ZERO QUE NADA" ou "Menos que Nada".

Figura 40 "Coca-cola Zero" in http://www.coca-cola.com/en/index.html

No mesmo sentido, Žižek aponta um interessante conceito no seu último livro intitulado *Less Than Nothing*. O paralelismo concetual é feito para entender o ESTADO DA ARTE e momento no qual vivemos. Como resposta a este vazio, um novo modo de pensamento ideológico é explorado através da conceção dialética entre "algo" e "nada". Parafraseando Žižek: "É assim que "há algo em vez de nada" : a fim de chegar a algo, tem de se subtrair (in)existência (Notingness) em si, isto é, tem de se postular a abismo primordial pré-ontológico", como tal, , "como NADA, de modo que, em contraste com (ou contra o fundo de) nada, algo pode aparecer. O que precede nada Nada é menos do que nada, a multiplicidade pré-ontológica, cujos nomes variam de DEN ao *OBJET a* de Lacan. O espaço dessa multiplicidade pré-ontológica não é entre Nada (Nothing) e alguma coisa (Something) (mais do que nada, mas menos do que algo); DEN é, pelo contrário, MAIS DO QUE ALGO MAS MENOS DO QUE NADA. A relação entre esses três termos ontológicos básicos - Nada, Algo, DEN - assim, toma a forma de um círculo paradoxal, como famoso desenho de Escher das cachoeiras interligadas formando um *PERPETUUM MOBILE*: Algo é mais do que Nada, DEN é mais do que algo (o *OBJECT a* é um excesso em relação à consistência de Algo, o elemento-exessivo (surplus-element) que se destaca), e nada é mais do que DEN (que é "*menos que nada*").[182] *Menos que nada*, é apenas uma PREPOSIÇÃO possível para enfrentar um certo impasse ou antagonismo vivido hoje pelo imperativo do fator ecológico, informativo e económico. Tal como outros tantos tentam ultrapassar este "impasse", "*Menos que Nada*" surge como mais uma possibilidade de interpretar a ideologia ecológica actual atenta à responder a fenómenos como a precaridade, passividade, insatisfação e desiqualidade de agenciamento perante a situação de "gravidade" que se vive na agenda pós-política económica do mundo globalizado.

Perante esta evolução paradigmática da cidade informacional, pós-biológica e geo-política, a Cidade parece gerar espaços limitados para a ação humana e agenciamento. A necessidade de referenciar um poder local e global inscritos nas infra-estruturas materiais e redes de organização social, de acordo com a cidade contemporânea e situação política, parece uma opção válida a tomar, isto é, "arquitetura é o agenciamento da relação entre política contemporânea e seus

182 Žižek, S., *Less than nothing : Hegel and the shadow of dialectical materialism*, New Left Books ,Verso, Brooklyn, Nova York, 2012 .

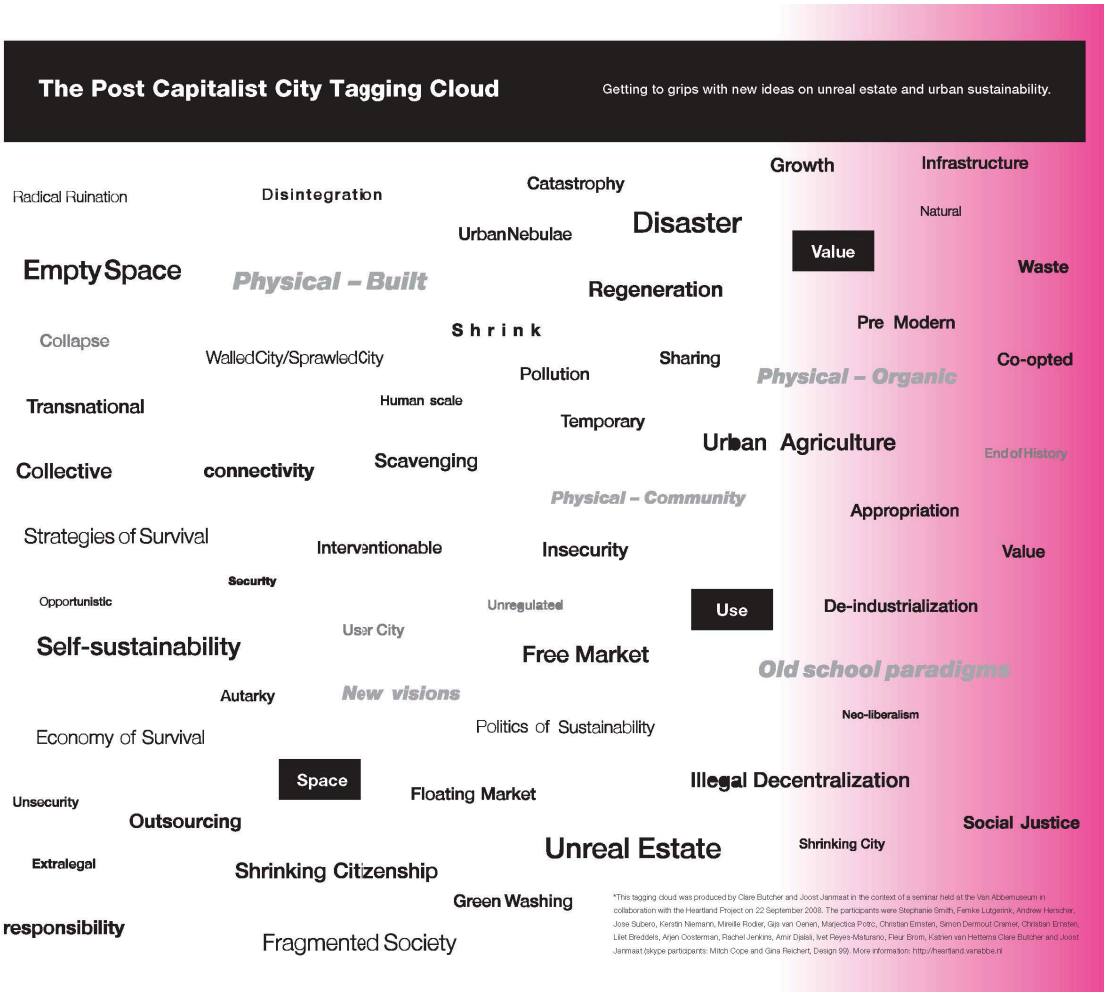
espaços. ”[183] Nas últimas décadas presenciámos uma política urbana nas cidades europeias, à implementação neoliberal sócio-económica e política, *“*trouxe mudanças importantes em domínios e níveis de intervenção e na composição e características dos atores e agentes, estruturas e instrumentos de política instutional. ”[184] As cidades acompanharam a demanda global capitalista da sociedade moderna, redefinindo agendas políticas sobre a forma de regulamentação e distribuição, promovendo a aumento económico e competividade (fig. 41), empreendorismo e criatividade dos mercados. Como refere Josep Maria Montaner e Muxi Zaida: *“*no novo cenário que se apresenta nos princípios do século XXI, a cidade vai se convertendo cada vez mais no lugar dos negócios financeiro, com alguns operadores mais poderosos e incontroláveis do que nunca, em busca de um rendimento imediato e um mínimo compromisso como o lugar de onde levam a cabo o investimento. ”[185]

183 Palmesino, J., Ronnskog, A., *Toward a territorial agency - a case: The markermeer*, in suplemento Volume, nº18, After Zero, Roterdão, 2008, p.3.
184 Swyngedouw, E., Civic City Cahier 5: *Designing the Post-Political City and the Insurgent Polis,* Bedford Press, AA Publications, Londres, 2011, p.15.
185 Montaner, J., Muxí, Z., *Arquitectura Y Politica – Ensayos para mundos alternativos,* Gustavo Gil, Barcelona. 2011, p.21.

Figura 41 “Competition”, 170x300cm, 2004 by Wang Qingsong In http://www.wangqingsong.com

Segundo Swyngedouwn "a viragem estratégica na agenda urbana é parte integrante de um crítica desprendida da forma, as funções e alcance da cidade e inaugura o surgimento de um novo modo de governança urbana."[186] A lógica de controlo e poder neoliberal tem sido suportada e ligada por "as transnacionais (TNCs), as instituições financeiras internacionais (IFIs) e da OMC (WTO), os governos nacionais, e elites locais, também referidas como hegemonia neoliberal, com um papel crucial no desempenhado pelas dívidas com as instituições financeiras internacionais (IFIs) como mecanismos para a criação de programas de ajustamento estruturais nos Estados-nação em todo o mundo"[187] Estes "corpos" políticos formam "assemblagens de cultura corporativa, refletem um tipo de oportunismo sobre o nosso futuro urbano"[188] De fato hoje, muitas cidades neoliberais hoje, *"*a Cidade Corporativa, e Cidade Espetáculo com sua Cidade Oculta cheia de criatividade informal - construoi condições cheias de contradições que geram combinações heterogêneas, mas estes para mobilizar qualquer agenda política emancipatória*."*[189] A medida inevitabilidade de um consenso construído pelo estado capitalista como sistema económico de parlamento democrático como ideal político humanitário e cosmopolita, fazem parte de uma alternativa à partida censurada. A pós-política (fig. 42) pode ser definida por Žižek como "a administração (policiamento) de questões sociais, econômicas ou outras, permanecem naturalmente inteiramente no campo do possível, das relações sociais existentes."[190] Žižek continua: "é o crescimento de uma abordagem de gestão para o governo: o governo é concebido como uma função gerencial, privada da sua dimensão política própria ."[191]

186 Swyngedouwn, E., *Governance Innovation and the Citizen:The Janus Face of Governace-beyound-the state*, Urban Studies 42, 2005 in Swyngedouw, E., Civic City Cahier 5, Op.cit. p.24.
187 Dutta, M., Introduction, *Communicating the Social Change: Struture, Culture, and Agency*, Routledge, 2011, p.2.
188 Stoner, J., *What is a Minor Architecture*, in Towards a Minor Architecture, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 2012. p. Ix.
189 Roemer. T., *Contesting Neoliberal Urbanization: The Return of Politics in Architecture*, in Beyond Mapping, Berlage Institute, Berlage, 2007, p.5.
190 Idid. p.198.
191 Žižek S., *Revolution at the Gates – Zizek on Lenin*, The 1917 Writings, Verso, Londres, 2002, p. 303.



O capitalismo tardio do governo urbano entra então no debate sobre se a cidade é de facto a melhor expressão desda nova ordem pós-política. A criação de novas cidades alternativas e empreendedoras analisadas na recente obra de Montaner intitulada *Arquitectura e Política*, aponta cidades alternativas como Curitiba (utopia ecológica), Seattle (cidade pós-moderna), Bogotá (reinvenção da gestão) e medellin (o direito á Cidade) como projetos políticos civicos são construído, isto é, "usar civicamente a cidade e se empenharem a transmitir uma nova ideia urbana cívica e solidária"[192] As questões da democracia, integradas na polis pós-política refere uma suspensão não consensual, como alternativa conflituosa, "onde "a política adequada é progressivamente substituída pelo especialista da administração social"[193]

Esta noção da política é caracterizada em termos de divisão e conflito, patentes

192 Montaner, J., Muxí, Z., *Arquitectura Y Politica – Ensayos para mundos alternativos,* Gustavo Gil, Barcelona, 2011, p.137.
193 Žižek, S., *Against Human Rights*, New left Review (34), 2005, in Swyngedouw, E., Civic City Cahier 5, Op.cit, p.15.

Figura 42 "The Post Capitalist City Cloud", Clare Butcher e Joost Janmaat, in Volume 18, Afterzeor, Archis, Roterdão, 2008, p. 92-93

na ideia de democracia, visto permanecer por um lado contra a pacificação social regida pela ordem, e por outro, à abertura ao debate por ambas as partes (estado ou indivíduos), proporciona uma formulação de modos de desacordo. Nesta perspetiva, será necessário observar uma visão não-consensual constituída no horizonte político com um radical conflituoso. Uma visão transversal das "fantasias" elitistas e capitalistas requer um aprofundamento intelectual e político maior, de forma a imaginar uma sociedade e uma cidade mais democrática e equalitária, no sentido positivo do termo. Os traumas urbanos, como é exemplo a injustiça urbana, a intolerância política, e etc, são de fato, a apropriação dos desenvolvimentos capitalistas e elitistas longe de seram capazes de empoderar uma transformação dirigida á acção dos indivíduos. Nesta perspetiva, o agenciamento permanece perplexo face à situação. Como refere Tom Horlet, "ao restringir a ação política para a ação nos confins dos limites de uma determinada paisagem política, excluímos os contornos e limites dessa paisagem como um local para a ação política, o próprio sistema tem de estar pronto para a disputa."[194]

O território contemporâneo é hoje lugar de uma multiplicidade de padrões em transformação e ritmos evolutivos, distibuídos por um número de atores. A sua interação e remodelação competitiva reorganiza os espaços de operatividade. Estas interações são, por sua vez, influenciadas pela resistência e impedimento material de configurações especiais impostas ao processo. Relações institucionais interagem constantemente e formam os "corpos" que constituem a complexa dinâmica do território contemporâneo. Projetos, visões errôneas e previsões, cenários não realizados, "becos sem saída", a produção de conhecimento cultural e económico, rotinas e normas governamentais, também contribuem para estes processos de transformação. Como pode a arquitetura e o urbanismo interagir com os territórios internos na sua forma e na geração de processos? Como se pode relacionar a evolução da cidade contemporânea por arrastamento, à sua inércia? A última década tem sido caracterizada por um aumento dos processos de urbanização e pensamento no mundo, com transições em direção a uma situação em que a maioria dos assentamentos humanos são agora urbanos. Esta transição em direção à dinâmica urbana implica um mundo cujas partes estão cada vez mais conectadas entre si tendo infinitas imigrações e migrações em quase todos os níveis. Estes processos são vistos pela noção de cidadania, mudando as relações estáveis entre política e espaço. Transformações

194 Idid.

dinâmicas atuam sobre os efeitos do sistema em outros sistemas que operam em amplas áreas. Os nossos ambientes habitacionais estão a tornar-se cada vez mais interligados pelos efeitos da globalização, dependendo cada vez mais do espaço natural em que são inseridos. Somente a resistência da estabilidade, robustez e outras propriedades positivas ao sistema como um todo, fazem emergir interações pela qual podemos afirmar as nossas ações humanas de forma positiva, ou seja, um agenciamento interno dos territórios em que atuamos. No mesmo sentido, relativo ao agenciamento territorial, descreve-se e interpreta-se inúmeras formas de intervenção espacial para a arquitetura e a cidade, isto é, no sentido em que *"*processos de planeamento são deixadas abertas para incluir as vozes dos outros, pois eles são, de fato, tudo sobre as vozes dos outros.*"*[195]

Neste sentido, o agenciamento da cidade é também um laboratório para testar as possibilidades arquitetónicas em outras áreas de transformações complexas da cidade e território, "num arranjo social ideal, o agenciamento irá se desenvolver num processo criado coletivamente de transformação social."[196] Os especialistas e "auto-referênciais" circuitos, não parecem pertencer ao registo do clima cultural, económico e institucional de hoje, como modalidade principal na construção e sustentação dos focos urbanos urgentes. A fragilidade do sistema impede a integração e coordenação eficaz dos esforços diferentes perante esta sociedade pós-política do consenso. Este cria um sistema diferencial neutro, ou seja, de novo: um impasse. Esta situação, à qual parece evitar qualquer coligação mais abrangente, confronta-se no presente com o sistema de inércia: uma estagnação. O papel da arquitetura precisa de inverter a situação, começando por operar no começo do processo, revelando as ligações formais entre estruturas humanas e espaço natural, dirigindo o seu potencial no processo de proposições. Este processo combina meios disponíveis e gera aglomerados que permitem uma mais ampla reorganização do espaço. Ao concentrar-se apenas em objectos arquitetónicos, a disciplina está a limitar-se aos espaços confinados de entidade, ignorando uma certa invisibilidade imaterial do espaço inhabitado. A arquitetura precisa de ser mobilizada como sistema de produção de conhecimento, de acordo com a atual sociedade da informação. A incerteza da contemporaneidade parece conduzir à condição homogénea das atividades humanas.

195 Schneider, T., Till, J., *Beyond Discourse: Notes on Spatial Agency*, in Agency in Architecture: Reframing Criticality in Theory and Practice, Footprint Jornal, Delft, 2009, p. 102.
196 Baltazar, P,. Kapp, S., *The idea of political agency*, Against determination, beyond mediation in Kossack, F., et al, *Agency: Working with uncertain architectures*, Routledge, Nova York, 2010, p.2.

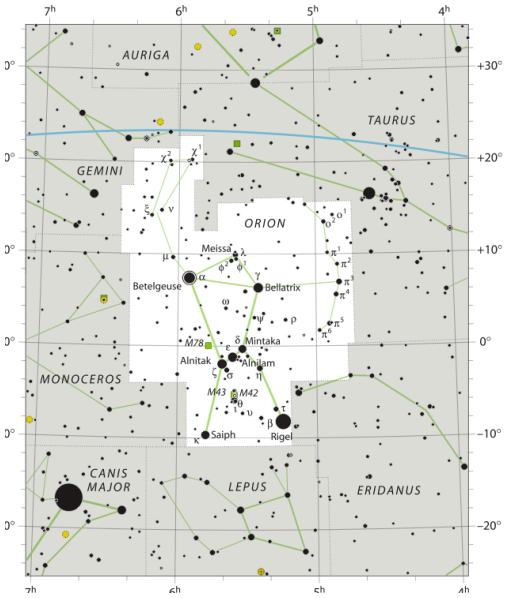
Se a modernidade domina a construção de cenários diferenciados e de avaliação de risco e controle, hoje o crescimento muito rápido das racionalidades e especialidades setoriais, bem como as visões de inúmeros projetos no território contemporâneo criam uma condição difícil de gerir ou mesmo discernir isto é, "esses alinhamento ou assemblagens dependerão de uma capacidade e disposição para reconhecer e aceitar a diferença e a diversidade não só nos seus próprios ambientes sociais, mas também dentro do próprio como sujeito. Para reconhecer o fato de que se pode simultaneamente habitar mais do que uma identidade."[197] Neste contexto, podemos começar a pensar a arquitetura como uma forma de inserir um conjunto de proposições rumo à mudança no espaço e do território, a fim de intensificar, calibrar ou estabilizar processos não-determinísticos de transformação, ou na nova relação a-política, onde o poder agenciado é distribuído por diversos agentes de forma a potenciar a ação coletiva em direcção à Cidade. Assim, para reconhecer o esforço atual do território contemporâneo em operar de forma agenciada, é necessário reconhecer novas paisagens e investigar sobre a atividade arquitetónica ou urbanística a fim de explorar brevemente questões de agenciamento do meio ambiente. A fim de explorar brevemente questões de agenciamento do meio ambiente, Florian Kossack no seu livro *Agency, Working with uncertain architectures*, no que diz respeito às cidades contemporâneas, refere o conceito de *agencement* e *assemblage*, formulado por Gilles Deleuze e Felix Guattari, remete para idéias estruturais formadas a partir de ecologia da paisagem, isto é, "assemblages "são" mais poderosas, ou inovadoras, quando são uma força desestabilizadora que resulta em desterritorialização das fronteiras."[198] Cidades e terras agrícolas são, de acordo com Deleuze e Guattari, a paisagem "suave", controlada ou regulada por organizações estatais. Observando a ecologia paisagística, podemos descrever provisóriamente, as cidades contemporâneas como um complexo de "empreitadas", constituídas por parcelas de terra separadas, divididas por infra-estrutura de propriedade, lei e funcionalidades. As cidades são normalmente geridas por complexas estruturas burocráticas e políticas que fornecem sistemas de agenciamento. Deleuze e Guatarri opõem-se a essa condição na busca do espaço "suave", isto é, espaços de nomadismo como a pradaria, deserto, mar, e etc (fig. 43).

197 Idid.
198 Kosack, F., et al, Introduction, *Agency: Working with uncertain architectures*, Routledge, Nova York, 2010.

Neste espaço "liso" existem processos contínuos de desterritorialização em jogo, não são espaços continuamente redefinidos por sistemas e movimentos culturais, mas espaços delimitados por agenciamentos. O conceito de espaço liso ou suave, relembra o funcionamento eficaz das ecologias, ou ecossistemas que se esforçam para o fluxo de conetividade e equilíbrio dinâmico. Mas então, serão processos ou agentes necessários para desestabilizar as estruturas rígidas das cidades na implicação da transformação de uma território do espaço liso de fluxos abertos?

Concetualmente, "agenciamento" é uma forma de pensar e agir que incluso pode remeter para o que Deleuze intui como *"a unidade mínima real."*[199] Por outro lado, o conceito de "assemblagem" deriva do francês *agencement* (arranjo), ou processos de arranjar, organizar ou agrupar. Assemblagens, Segundo Granham, "são constelações complexas de objetos, corpos, expressões e territórios que vêm juntos por variados períodos de tempo para idealmente criar novas formas de operar."[200] (fig. 44)

199 Deleuze, G., Parnet, A., *Dialogues in* Op.cit., p.51.
200 Graham, L., *Agency, assemblages and ecologies of the contemporary city*, 2010, Op.cit, p.114.
Figura 43 "smooth-striated spaces" in christianhubert.com



Não por acaso, Deleuze e Guattari colocam a tónica na inovação e criatividade, "ou a pesquisa pelo que ainda não foi definido. "[201] O resultado é um conjunto produtivo incerto, um novo meio de expressão, uma organização territorial/espacial, um novo comportamento, uma nova perceção sobre a Cidade e o território. A conceção política de "assemblagem" aplica-se a todas as estruturas, de padrões comportamentais indivíduais ou organizações institucionais. Este conceito emerge do arranjo de elementos heterogénios, de uma entidade produtiva que pode ser "diagramada", pelo menos temporariamente, e que muitas vezes tem a capacidade de fornecer a qualidade de agenciamento. A ideia de agencimaento está assim relacionado com a "assemblagem ecológica" e "sustentabilidade diagramática". A paisagem cultural e os conceitos relacionados como a "associação" (Latour) e "*montage ou assemblage*" (Deleuze), informam uma visão das cidades em constante mutação de processos de interação, entre configurações humanas e não humanas, influenciada em grande parte pela comunicação, perceções e ideais. Isso é relevante para a ecologia urbana hoje, porque lança reconsiderações (fig. 45) sobre a legitimidade de como usamos os recursos para expandir as nossas capacidades, e como adaptar-se aos ambientes para melhorar a nossa qualidade de vida.

201 Ibid,. Rajchman, p.8..

Figura 44 "constelações" Messier 78: Orion in http://www.eso.org/public/portugal/images/eso1105b/

Assim, o agenciamento da cidade e do território deverá ter, na sua agenda teórica, matérias de interesse ligada á Ecologia política urbana baseada em associação (ou seja, redes de atores), bem como a economia política, geografia crítica, história urbana, justiça ambiental, teoria urbana crítica, direito à cidade, bio-política e bio-poder, pós-política e ideologia e outros paradigmas de investigação associados ao "social" ou as "ciências" apresentadas como possibilidades para a uma melhor compreensão dos problemas da atual condição contemporânea. Em suma, o agenciamento da Cidade territorial (enquanto estrutura organizativa tendencialmente privada), deverá actuar com objetivos públicos, criando agentes que dialoguem com a instituição por forma a contaminarem-na positivamente com ideias, ações e colaborações. Tal acontece mediante a procura de meios de visibilidade económico-política, estratégia (fig. 46+47) e investigação sobre circunstâncias que a tornem visível. "Problemas para os quais ainda não existe programa, nem plano, nem "agenciamento coletivo" [202], problemas que apelam por novos grupos, ainda por definir. Assim, a construção de um real projeto alternativo dependerá sim da capacidade da sociedade e da cidade em intervir, sustentar e mediar novos relacionamentos e desejar que seja possível operar um agenciamento de novos tempos. Obra tão grande quanto construir as fundações de um projeto cívico.

202 Idid.

Figura 45 "legitimização reconsiderada" in Critical Architecture, Jane Rendell et al.

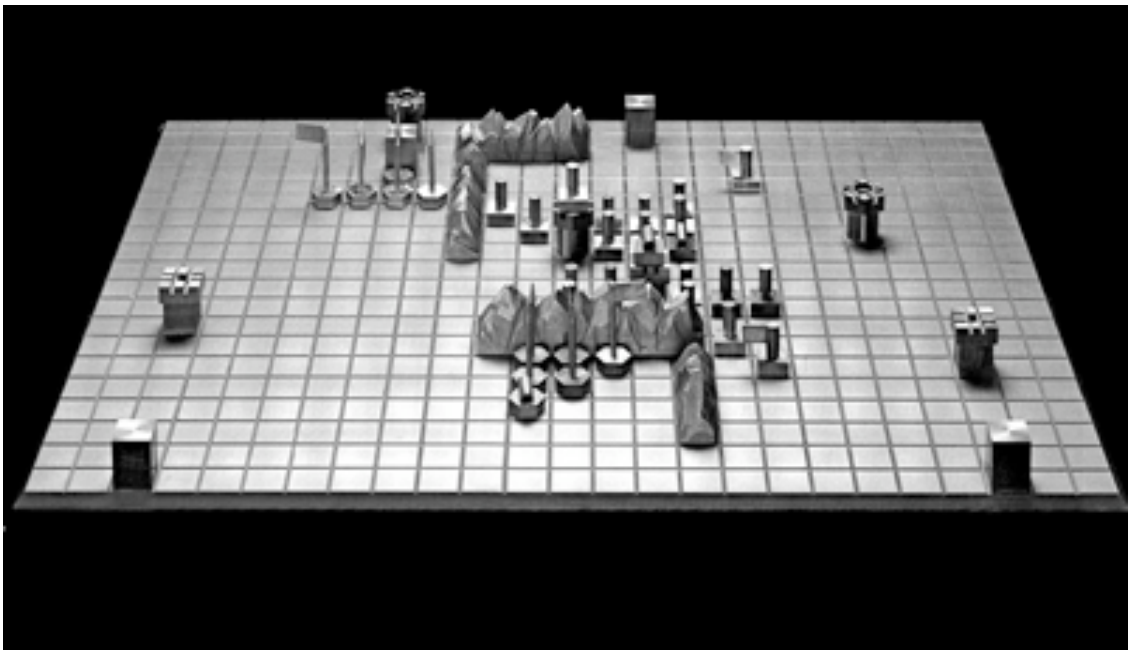


Figura 57 “The Game of War” "Many years ago I was having a conversation with Guy (Debord) which I believed to be about political philosophy, until at some point Guy interrupted me and said: 'Look, I am not a philosopher, I am a strategist', in Giorgio Agamben Metropolis.
Figura 58 “Alice Becker-Ho e Guy Debord jogando the Game of War”, 1977, in The Situationist and the City: A Reader ed. Tom McDonought.

VI - Bibliografia:

- Almeida, P., *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura,* livros Horizontes, Lisboa, 2008.
- Archer, M., *Culture and Agency: The place of culture in Social Theory*, University of Warwick, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.
- Bauldillard, J.*, Simulacra and Simulations: The Precession of Simulacra*, trad. Faria Glaser, S., *in* www.europeangraduateschool.com
- Banham, R., *A Black Box: The Secret profession of Architecture*, In A Critic Writes: Essays by Reyner Banham, California, Berkeley, 1990.
- Biagioli, M. *The Science Studies Reader*, Routledge, Londres, 1999.
- Butler, J., *Subjects of Desire*, Columbia University Press, Nova York, 1999.
- Carter, S., *Civility: Manners, Morals, and the Etiquette of Democracy*. New York: HarperPerennial, Nova York, 1998.
- Carnoy, M., *The State and the Political Theory*, Princeton University Press, Princeton, Nova York, 1984.
- Castells, M, *The Rise of the Network Society,* The Information Age: Economy, Society and Culture Vol. I , Blackwell, Oxford, 1996.
- Cerny, P., *The changing Architecture of Politics: Structure, Agency, and the Future of the State*, Sage, Londres, Newbury, Nova Delhi, 1990
- Crawford, Margaret, *Can Architects be responsible? In Out of Site: A social Criticismo f Architecture*, ed. Ghirardo, D., 1990.
- Davidson, D., *Essays on Actions and Events*, Oxford University Press, Oxford, 1980.
- de Blois, J., *Making Ends Meet: Precarity, Art and political Activism,* in Volume nº30, Archis, Roterdão, 2011.
- Doucet, I., Cupers, K., *Why agency and criticality?,*Agency in Architecture: Reframing Criticality in Theory and Practice, Footprint Jornal, Delft, 2009.
- Dutta, M., *Enacting agency Communicating Social Change: Structure, Culture and Agency*, Routledge, 2011, in Main (Gardner) Stacks, University of California, Berkeley.
- Edgar, A., Sedgwick, P., *Cultural Theory, The key concepts*, Routlege, Londres, Nova York, 1999.
- Emirbayer, M., Mische, A., *What is agency?,* in American Journal of Sociology, vol. 103, The University of Chicago Press, Chicago, 1998.
- Evans, R., *Figures, Doors and Passages, Translation from Drawings to Building and Other Essays*, Architectural Association, Londres, 1997.
- Florian kossack et al, *Agency: Working with uncertain architectures*, Routledge, Nova York, 2010.
- Filgueiras, Octávio Lixa, *Da função social do arquitecto : para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada* / Octávio Lixa Filgueiras ; prefácio de Pedro Vieira de Almeida. - 2ª ed. - Porto: E.S.B.A.P., 1985. A.p.170.3 Res FA.
- Freitag, M., *Arquitectura e Sociedade*, Dom Quixote, Lisboa, 2004.
- Furtado, Gonçalo, *Behind the Pencil: The Construction of the Critical Project*, E.A./Pei, 2005.
- Frantzen, T., *Architect as Entrepreneur* in Volume vol. 30, Privatize!, Archis, Roterdão, 2011.
- Frankfurt, H., *The importance of What We Care About*, Cambridge University Press, Cambridge, 1988.
- Gardner, E., *Architecture Left to its Own Devices*, The Guide, Volume 22, Archis, Roterdão, 2009.

- Georgeen, T., *Activist Architect: Add an Agenda*, in Agency and the Praxis of Activism, Field: volume 3, issue 1, Delft, 2009.
- Giddens, A., *The constitution of society - Outline of the Theory of Structuration*, University of California Press, Berkeley, 1986.
- Ginsborg, P., *The Politics of Everyday Life: Making Choices, Changing Lives*, Yale university Press, Londres, 2005, in Main (Gardner) Stacks, University of California, Berkeley, 2011.
- Geusss, R., *The Idea of Critical Theory: Habermas and the Frankfurt School*, Cambridge University Press, Cambridge, 1981
- Habermas, J., *The theory of Communicative action: The critique of funcionalist reason*, Polity Press, Cambridge, 1981.
- Habermas, Jurgen; *Between Facts and Norms: Contributions to a Discourse Theory of Law and Democracy*. trad. William Rehg, Cambridge, MIT, Massachusettes, 1996.
- Hauptmann, Deborah, *Noo-Architecture & the Internet of-Things*, in Internet of Things, Volume 28, Archis, Roterdão, 2011.
- Hard, M., *Thomas Jefferson, or, the transition of democracy*, in Michael Hardt Presents Thomas Jefferson, The Declaration of Independence, Verso Books, Nova York, 2007.
- Hardt, M., Negri, A., *Empire*, Cambridge MA: Harvard University Press, Cambridge, 2000.
- Hardt, M., Negri, A., *Multitude*, The Penguin Press, Nova York, 2004.
- Harries, J., *Agency Agent*, Art History, The Key Concepts, Routledge, Key Guides, Nova York, 2006.
- Hartley, J., *Comunication, Cultural and Media Studies*, The Key Concepts, Routlege, Londres, 2002.
- Heidegger, M., *The question concerning technology and other essays*, trad. Lovitt, W., Harper R., Nova York, 1977.
- Hornsby, J., *Agency and Action in,* Agency and Actions, Royal Institute of Philosophy, dd. Hyman, J., Steward, H., Cambridge university Press, Cambridge, 2004.
- Holert, Tom, Civic City Cahier 3, *Distributed Agency, Design's Potential*, Bedford Press,AA, Londres, 2011.
- Hurist, E., *Beyond Hegel and Nietzsche*, Philosophy, Culture, and Agency, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, Londres, 2000, Main (Gardner) Stacks, University of California, Berkeley, 2011.
- Hornsby, J., *Agency and Actions*, Royal Institute of Philosophy, ed. Hyman, J., Steward, H., Cambridge university Press, Cambridge, 2004.
- Jameson, F., *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*, Duke University Press, Durham, 1991, in http://xroads.virginia.edu/~drbr/jameson/jameson.html
- Kean, J., *Civil Society: Old Images*, *New Vision*, Cambridge: polity, Cambridge, 1988.
- Koolhass, R., *Architecture must go beyond itself*: *Beyond the Office*, Volume vol. 1, Archis, Roterdão, 2005.
- Koolhass, R., *Patent Office*, in Content, OMA-AMO, Tashen, Cologne, 2004.
- Koolhaas, R*., Post-occupancy*, in Domus D´autorre, Domus, AMO/Koolhaas, Roterdão, 2007.
- Lash, S., Picon, A., *Agency and Architecture: How to Be Critical?,* in Agency in Architecture: Reframing criticaly in theory and practices, conversa com Kenny Cupers e Isabelle Doucet. Comentários, Margaret Crawford, Footprint: Delft School of Design Journal, Delft, 2009.

- Latour, Bruno, *Why Has critique Run out of Steam?:From Matters of Fact to Matters of Concern*, in Critical Inquiry, Vol. 30, No.2, 2004.
- Latour, B., *Politics of Nature: How to Bring the Sciences Into Democracy*, MA: Harvard University Press, Cambridge, 2004.
- Latour, Bruno, Weibel, Peter, *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*, Karlsruhe: Center for Art and Media / Cambridge, Mass.: MIT, 2005, in Anthropology Library, University of California Berkeley.
- Latour, B, Antoni, V., *Gabriel Tarde and the End of the Social*, The Science of Passionate Interests: An introduction to Gabriel Tarde´s Economic Antropology, Prickly Paradigm Press, Chicago, 2009.
- Lisboa, F., a *ideia de Projecto em Charles S.Pierce ou da teoria do projecto considerada como uma semiótica*, Edições FAUP, Porto, 2005.
- Lyotard, J.*, The Postmodern Condition: A report on knowledge*, trad. Bennington e Massumi, Theory and History of literature, Volume 10, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1979.
- Mann, M., *The Sources of Social Power*, vol. 1, in Sociology Beyond Societies: Mobilities for the twenty-firts century, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.
- Mele, A., *Decision, Agency, and Belief,* in Motivation and Agency, Oxfrord University Press, Nova York, 2003.
- Montaner, J. Maria, Muxí, Zaida, Arquitectura Y Politica – Ensayos para mundos alternativos. Gustavo Gil, Barcelona. 2011.
- Mumford, L., *The myth of the machine: Technics and human development*, Vol 1, Harcourt, Brace and World, Nova York, 1966.
- Negri, A., *The multitude and the metropolis*, in http://www.generation-online.org/t/metropolis.htm
- Atwan, N., Scheider, T., Till, J., Spatial Agency: Other Ways of Doing Architecture, Routledge, Londres, 2011.
- Nuez, I., Ramoneda, J., in Atopia; *Art i Ciutat al segle XXI*, Maio14, Barcelona, 2010.
- Petrescu, D., Chiles, P., *The Agency*, in Architectural Research Quarterly, Cambridge University Press, Cambridge, 2009.
- Rendell, Jane, *Critical Architcture: Between Criticism and Design*, in Critical Architecture, Jane Rendell, Jonathan Hill, Murray Fraser and Mark Dorrian, Routledge, Nova York, 2007.
- Roemer, T., *Looking through space The politics of appearance*, Introduction, in: High-Rise & Common Ground Art and the Amsterdam Zuidas Area, ed. Boomgaars, J., Amsterdam 1, Amsterdão, 2007.
- Roemer. T., *Contesting Neoliberal Urbanization: The Return of Politics in Architecture*, in Beyond Mapping, Berlage Institute, Berlage, 2007,
- Sampson, T., Virality: Contagion Theory in the Age of Networks, University of Minnesota Press, Minneapolis, Londres, 2012.
- Stehr, N., Grunham, R., *Society: Critical Concepts in Sociology*, Routledge, 2009, in University of California Library, Berkeley.
- Schön, D., *The Reflexive Practitioner: How Professionals Think in Action*, Temple Smith, Londres, 1983.
- Schön, D. *The Reflective Turn: Case Studies In and On Educational Practice*, Teachers College, Nova York, 1991.
- Stoner, Jill, *Towards a Minor Architecture*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 2012.
- Schillmeir, *The Social Cosmopolitanism and Beyond*, Human History of Sciences,

Ludwig-Maximilians-University, Germany, 2009.
- Schneider, T., Till, J., *Beyond Discourse: Notes on Spatial Agency*, in Agency in Architecture: Reframing Criticality in Theory and Practice, Footprint Jornal, Delft, 2009.
- Shils, E., *Civility and Civil Society: Good Manners Between Persons and Concern for the Common Good in Public*, Affairs, in Shils, E., The Virtue of Civility, ed. Grosby, S., Liberty Fund, Indianapolis, 1997.
- Sievers, B., *What Is Civil Society?* in, GIA Reader, Vol. 20, Verão, 2009, http://www.giarts.org/article/what-civil-society.
- Swyngedouw, E., Civic City Cahier 5: *Designing the Post-Political City and the Insurgent Polis,* Bedford Press, AA Publications, Londres, 2011.
- Távora, F., *Da organizaçãoo do Espaço*, publicações FAUP, Porto, 1962.
- Theodore Georgeen, *Agency and the Praxis of Activism, field*: volume 3, issue 1, Delft, 2009.
- Velleman, *What Happens When Someone Acts*?, Oxford University Press, Mind 101, Oxford, 1992.
- Ypi, L., *Global Justice and Avant-Garde Political Agency*, Oxford University Press, Nova York, 2012.
- Žižek, S., *The year of dreaming dangeroulsy*, Verso, Londres, Nova York, 2012.
- Žižek, S., Censorship Today, in Volume *AfterZero*, volume 18, Archis, Roterdão, 2008.
- Žižek, Slavoj; The *Parallax View*, The MIT Press Cambridge, Massachusetts Londres, 2006.
- Zizek, S.,*Welcome to the Desert of the Real!,* Verso, Londres, Nova York, 2002.
- Žižek, S., *The Sublime Object of Ideology*,Verso, Londres, 1989.
- Žižek, S., *The Liberal Utopia ,section II: The Market Mechanism for the Race of Devils*, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.
- Žižek, S.,, *Architectural Parallax: Sprandrels and Other Phenomena of Class* Struggle. In http://www.lacan.com/
- Žižek, S., *The Ticklish Subject – The Absent Centre of Political Ontology*, Verso, Londres, 1999.